



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PERNAMBUCO – UPE  
CAMPUS MATA NORTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS

ANGELA BARBOSA DE SANTANA

**AS ESTRATÉGIAS DE COERÊNCIA E COESÃO ARGUMENTATIVA EM  
JUSTIFICATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS**

**Nazaré da Mata  
2023**

ANGELA BARBOSA DE SANTANA

**AS ESTRATÉGIAS DE COERÊNCIA E COESÃO ARGUMENTATIVA EM  
JUSTIFICATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade de Pernambuco – UPE, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

**Orientadora:** Professora Doutora Anahy Samara Zamblano de Oliveira

Nazaré da Mata  
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte  
Biblioteca Mons. Petronilo Pedrosa, Nazaré da Mata – PE, Brasil

S232e Santana, Angela Barbosa de  
As estratégias de coerência e coesão argumentativa em justificativas de estudantes do ensino fundamental – anos finais / Angela Barbosa de Santana – Nazaré da Mata, 2023.  
106 p. : il.

Orientador: Profa. Dra. Anahy Samara Zamblano de Oliveira

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte, Mestrado Profissional em Educação, Nazaré da Mata, 2023.

1. Argumentação. 2. Coerência. 3. Coesão. 4. Operadores argumentativos. I. Oliveira, Anahy Samara Zamblano de (orient.). II. Título.

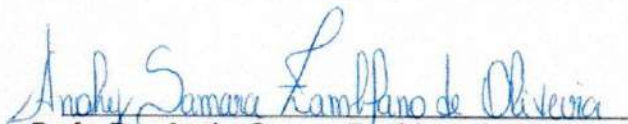
CDD 400

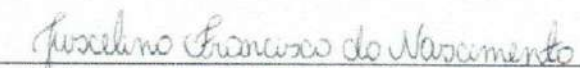
ANGELA BARBOSA DE SANTANA

**AS ESTRATÉGIAS DE COERÊNCIA E COESÃO ARGUMENTATIVA EM  
JUSTIFICATIVAS DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL, ANOS FINAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS da Universidade de Pernambuco, *Campus* Mata Norte, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, em 31/07/2023

**DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA**

  
Profa. Dra. Anahy Samara Zamblano de Oliveira  
Orientadora - UPE/Campus Mata Norte

  
Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento  
Examinador Externo ao PROFLETRAS - (UFPI)

  
Profa. Dra. Rossana Regina Guimarães Ramos Henz  
Examinadora Interna ao PROFLETRAS - UPE/Campus Mata Norte

Nazaré da Mata- PE

2023

## **DEDICATÓRIA**

Aos educadores, mestres que acreditam no poder libertador das palavras e na revolução que o conhecimento pode causar na vida de seus educandos, toda minha admiração e respeito.

## **AGRADECIMENTO**

Reconhecer aqueles que trilharam este caminho comigo direta ou indiretamente e me auxiliaram a realizar esta jornada de conhecimento e descoberta é atestar a importância de todos na concretização desta conquista. Agradeço ...

A Deus por fortalecer e guiar minha caminhada sempre.

A minha mãe, minha primeira mestra e incentivadora, por todo o carinho e apoio incondicional.

A minha irmã Adriana Barbosa de Santana Nascimento pelos conselhos e admoestações tão precisos e necessários em diversos momentos.

A minha família pela compreensão durante as várias ausências deste período.

A meus colegas de trabalho e gestores, pelo apoio e torcida explícitos e implícitos.

Aos estudantes, pelos desafios aceitos e pelo engajamento no processo de aprendizagem.

A minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anahy Samara Zamblano de Oliveira pela oportunidade, pela paciência, pela confiança e pelas inestimáveis sugestões no processo de descoberta e redescoberta, avanços e recuos na realização deste trabalho.

A meus professores e colegas de mestrado pela jornada de aprendizado que compartilhamos juntos descobrindo novas formas de interagir e estudar num período marcado por desafios e incertezas.

***Hoje desaprendo o que tinha aprendido até ontem***

*Hoje desaprendo o que tinha aprendido até ontem  
e que amanhã recomencarei a aprender.  
Todos os dias desfaleço e desfaço-me em cinza efêmera:  
Todos os dias reconstruo minhas edificações, em sonho  
[eternas.*

*Esta frágil escola que somos, levanto-a com paciência  
dos alicerces às torres, sabendo que é trabalho sem termo.*

*E do alto avisto os que folgam e assaltam, donos de  
[riso e pedras.*

*Cada um de nós tem sua verdade, pela qual deve morrer.*

*De um lugar que não se alcança, e que é, no entanto,  
[claro,  
minha verdade, sem troca, sem equivalência nem  
[desengano*

*permanece constante, obrigatória, livre:  
enquanto aprendo, desaprendendo e torno a reaprender.*

## RESUMO

A argumentação é competência necessária em diversas esferas de atuação social. Ao comunicar-se, o sujeito está constantemente argumentando ao utilizar estratégias e recursos linguísticos para convencer e/ou provocar seu interlocutor. A pesquisa objetiva analisar a competência argumentativa escrita dos estudantes, observando o uso de operadores argumentativos em sequências textuais justificativas e propor uma abordagem mais contextualizada e sistemática desta competência por considerar a argumentação essencial para a atuação consciente e crítica do aprendiz na sociedade em que está inserido. O presente estudo ao observar as estratégias relacionadas à forma como os aprendizes articulam argumentos para a construção de sequências coerentes e coesas na escrita, discute diretrizes para a abordagem da sequência argumentativa em sala de aula contemplando a argumentação em situações cotidianas e contextualizadas no ambiente escolar. O aprofundamento teórico considera os estudos argumentativos de Plantin (2008), a análise da coesão e da coerência de Koch (2010) e Fávero (2004). O corpus de análise da pesquisa são textos explicativos e justificativos apresentados por estudantes dos anos finais do ensino fundamental, em atividades escritas focalizando a utilização de operadores argumentativos. O público-alvo trata-se de estudantes cursando o 8º ano do ensino fundamental em escola da rede pública estadual da cidade de Surubim - Pernambuco. A pesquisa é de natureza propositiva e aborda qualitativamente a análise dos dados. As atividades sugeridas contemplam a observação da utilização dos recursos de coesão, particularmente os operadores argumentativos, para construção da coerência na argumentação. Concluiu-se, com a observação dos textos escritos pelos estudantes, que a utilização dos operadores argumentativos segue estruturas já consolidadas na oralidade.

Palavras-chave: Argumentação. Coerência. Coesão. Operadores argumentativos.



## RESUMEN

La argumentación es una competencia necesaria en varios ámbitos de la acción social. Al comunicarse, el individuo está constantemente argumentando al utilizar estrategias y recursos lingüísticos para convencer y/o provocar a su interlocutor. La investigación tiene como objetivo analizar la competencia argumentativa escrita de los estudiantes, observando el uso de operadores argumentativos en la justificación de secuencias textuales y proponiendo un abordaje más contextualizado y sistemático de esta competencia, considerando la argumentación esencial para la acción consciente y crítica del educando en la sociedad en que se inserta. El presente estudio, al observar las estrategias relacionadas cómo los educandos articulan argumentos para la construcción de secuencias coherentes y cohesivas en la escritura, discute formas para abordar la secuencia argumentativa en el aula, contemplando la argumentación en situaciones cotidianas y contextualizadas en el ambiente escolar. Al profundizar la teoría la pesquisa consideró los estudios argumentativos de Plantin (2008), los análisis de cohesión y coherencia de Koch (2010) y Fávero (2004). El corpus de análisis de la investigación son textos explicativos y justificativos presentados por estudiantes de los últimos años de la escuela primaria, en actividades escritas basadas en el uso de operadores argumentativos. El público-objetivo son los estudiantes del 8º año de la enseñanza primaria de una escuela pública de la ciudad de Surubim - Pernambuco. La investigación presenta una propuesta de abordaje metodológica aborda el análisis de datos de forma cualitativa. Las actividades sugeridas contemplan la observación del uso de los recursos de cohesión, particularmente los operadores argumentativos, para la construcción de coherencia en la argumentación. Se concluye, con la observación de los textos escritos por estudiantes, que el uso de los operadores argumentativos sigue estructuras ya consolidadas en la oralidad.

Palabras clave: Argumentación. Coherencia. Cohesión. Operadores argumentativos.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura da BNCC .....	21
Figura 2 – Estrutura Coesão Sequencial .....	51
Figura 3 – Proposta de pesquisa .....	52
Figura 4 – Exercício: Gêneros .....	55
Figura 5 – Pronomes possessivos .....	55
Figura 6 – Sequenciamento das etapas .....	59
Figura 7 – 1º Exemplo: Descrição .....	69
Figura 8 – 2º Exemplo: Descrição.....	70
Figura 9 – 3º Exemplo: Descrição .....	72
Figura 10 – 1º Exemplo: Relato .....	81
Figura 11 – 2º Exemplo: Relato .....	82
Figura 12 – 3º Exemplo: Relato .....	83
Figura 13 – 1º Exemplo: Justificativa .....	79
Figura 14 – 2º Exemplo: Justificativa .....	80
Figura 15 – 3º Exemplo: Justificativa .....	81

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descrição de imagem - Utilização de elementos coesivos .....	73
Quadro 2 – Relato pessoal - Utilização de elementos coesivos .....	79
Quadro 3 – Justificativa - Utilização de elementos coesivos .....	84

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	13
2 MARCO NORMATIVO E DIÁLOGOS TEÓRICOS: DOCUMENTOS E ESTUDOS RELACIONADOS AO TEMA .....	17
<b>2.1 Documentos orientadores do currículo em âmbito nacional e estadual: BNCC, LDB, parâmetros para a educação básica PE, currículo de Pernambuco, organizador curricular</b> .....	17
<b>2.2 Diálogos teóricos: Estado da arte</b> .....	24
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	32
<b>3.1 Gênero Textual</b> .....	32
3.1.1 Gênero textual x Gênero discursivo .....	33
3.1.2 Texto .....	35
<b>3.2 Argumentação</b> .....	37
3.2.1 Contexto histórico .....	38
3.2.2 Sequência argumentativa .....	40
<b>3.3 Coesão textual como fator de coerência</b> .....	43
3.3.1 Coesão Textual Sequencial .....	46
3.3.1.1 Sequenciação parafrástica .....	47
3.3.1.2 Sequenciação frástica .....	48
3.3.2 Encadeamento por relações discursivas e argumentativas .....	49
<b>3.4 Operadores Argumentativos</b> .....	49
4 METODOLOGIA: APLICANDO A TEORIA .....	52
<b>4. 1 Competência argumentativa</b> .....	57
<b>4. 2 Gênero textual: Justificativa</b> .....	60
<b>4. 3 Gênero textual: Portfólio</b> .....	63
5 ANÁLISE DE DADOS .....	67
5.1 Proposta de abordagem .....	85
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	94
REFERÊNCIAS .....	97
ANEXOS .....	101

# 1 INTRODUÇÃO

*... cada enunciado argumenta pois, todo enunciado propõe ao interlocutor uma esquematização que apresenta a realidade sob certa "luz". (PLANTIN, 2008)*

Ao escrever, estruturamos a mensagem a ser compartilhada de forma um pouco mais reflexiva e organizada, pelo menos em âmbito geral. Toda mensagem busca estabelecer um diálogo com o interlocutor, mobilizá-lo para o diálogo. A mensagem escrita exige uma estruturação particular para argumentar de modo a convencê-lo, persuadi-lo a participar. Quando o convite é aceito e o interlocutor se propõe a dialogar conosco concordando ou discordando de nosso enunciado temos a completude do ato comunicativo.

A argumentação está imbricada em grande parte das nossas interações cotidianas e o êxito delas depende em grande parte da habilidade do proponente em persuadir seu oponente através de um discurso coerente e coeso. A pesquisa objetiva analisar a competência argumentativa escrita dos estudantes, observando o uso de operadores argumentativos em sequências textuais justificativas e propor uma abordagem mais contextualizada e sistemática desta competência por considerar a argumentação essencial para a atuação consciente e crítica do aprendiz na sociedade em que está inserido, participando ativamente e com propriedade das discussões em todas as esferas de convivência. Por considerar também, que a escola é espaço privilegiado para a construção de relações e saberes mediados pela participação colaborativa e pela atuação protagonista que se dá através da linguagem confirma-se a importância do estudo da competência argumentativa e o desenvolvimento de estratégias para auxiliar o estudante no aprimoramento desta competência. Justifica-se a abordagem mais sistemática desta temática com os estudantes dos anos finais do ensino fundamental por ela estar contemplada na proposta curricular dos documentos oficiais para esta etapa da escolarização (Currículo de Pernambuco), sendo um dos objetos de aprendizagem do currículo.

A proposta é analisar a construção da argumentação dos estudantes embasada na vasta pesquisa sobre argumentação de Plantin (2008), no estudo dos mecanismos para construção da coesão e coerência de Koch (2010) e nas considerações de Fávero (2004) sobre coesão através de atividades contextualizadas com situações cotidianas de justificação. Os textos justificativos possuem caráter explicativo e argumentativo fazendo parte do cotidiano dos estudantes no ambiente escolar. As atividades sugeridas apresentam níveis ascendentes de complexidade semelhantes à escala de proficiência das habilidades do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. A competência número 4 é

composta por cinco níveis e conversa diretamente com nosso tema de pesquisa. Trata-se da competência coesiva expressa da seguinte forma: "demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação" (INEP, 2019, p.19). O acompanhamento do progresso dos estudantes se dá através da montagem de portfólios pessoais para que professor e estudantes possam avaliar o processo e retroalimentá-lo, fazendo os ajustes necessários. O uso deste instrumento permite também certa personalização na aplicação das estratégias propostas e no acompanhamento do desenvolvimento de cada estudante.

A argumentação é essencial ao ato comunicativo porque mobiliza locutor e interlocutor no discurso construído conjuntamente entre ambos. Primordialmente, ao nos comunicarmos estamos argumentando já que explicamos e justificamos ações, ideias, conceitos, sentimentos.... Nosso discurso é, explícita ou implicitamente, repleto de justificativas pela inferência da possível reação de nosso(s) interlocutor(es). O mesmo processo acontece ao interlocutor ao elaborar sua réplica. Réplica a qual nós avaliamos e julgamos (seja concordando ou discordando) e emitimos uma tréplica, invariavelmente, argumentando.

Os estudantes possuem e demonstram estratégias de argumentação na comunicação oral diversificadas e dinâmicas que atendem satisfatoriamente às demandas de suas interações cotidianas mais comuns. São, na maior parte, argumentações objetivas, diretas e curtas. Caso haja necessidade de uma argumentação mais consistente numa situação formal ou a respeito de tema desconhecido, surgem dificuldades para articulação de uma fala mais estruturada. Tais dificuldades são observáveis durante a realização de seminários e debates em sala de aula, por exemplo. Ao depararem-se com a necessidade de argumentar formalmente na modalidade escrita as dificuldades relacionadas a aspectos como clareza, objetividade, coesão e adequação na produção do discurso argumentativo se tornam ainda mais evidentes contribuindo para um discurso ambíguo, vago e até incoerente, algumas vezes.

O domínio da habilidade de argumentação principalmente na modalidade escrita da língua permite ao aprendiz o acesso a direitos para os quais o texto escrito é requisito importante como em justificativas, petições, requerimentos, declarações, etc.

Pressupõe-se que a análise da presença e/ou ausência dos operadores argumentativos nos textos escritos dos estudantes pode ajudar a compreender o processo pelo qual o aprendiz processa sua argumentação escrita. A partir da compreensão deste processo, é possível elaborar estratégias metodológicas para ajudá-los a consolidar a habilidade argumentativa na modalidade escrita.

O currículo de Pernambuco, orientação oficial para o ensino fundamental - anos finais, cita como uma das competências específicas para língua portuguesa “reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias” (PERNAMBUCO, 2019, p.97) A partir desta etapa do ensino fundamental a argumentação faz parte dos objetos de aprendizagem do currículo inserido no eixo de análise linguística e semiótica. O documento propõe no campo de atuação jornalístico/midiático a seguinte habilidade:

**(EF69LP18PE)** Empregar, na escrita/reescrita de textos argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido entre parágrafos e enunciados do texto e operadores de conexão adequados aos tipos de argumento e à forma de composição de textos argumentativos, de maneira a garantir a coesão, a coerência e a progressão temática nesses textos (“primeiramente, mas, no entanto, em primeiro/segundo/terceiro lugar, finalmente, em conclusão” etc.). (PERNAMBUCO, 2019, p. 210).

Esta habilidade dialoga com uma das competências exigidas na etapa da educação básica posterior: o ensino médio. No ensino médio, há o foco no desenvolvimento de habilidades para a produção de textos dissertativo-argumentativos. Os gêneros textuais dissertativo-argumentativos apresentam estrutura complexa e mobilizam habilidades diversas dos aprendizes. Tais gêneros são frequentemente requeridos nas esferas de atuação social (petições, requerimentos, projetos, etc). Outro aspecto que contribui para a ênfase em textos dissertativo-argumentativos no ensino médio é devido a presença dos mesmos em processos seletivos com vistas ao ingresso em universidades. Escrever textos argumentativos trata-se de uma das competências básicas exigidas no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio): “demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.” (INEP, 2019, p.19)

Ao iniciar a abordagem sistemática da argumentação, nos anos finais do ensino fundamental como já orientam os documentos oficiais, propiciaremos de forma mais eficiente a consolidação desta competência linguística indispensável para atuação crítica e consciente dos futuros cidadãos nas discussões para construção de uma sociedade mais democrática e engajada.

A prática de interações argumentativas orais e escritas com estudantes também pode funcionar como uma estratégia de mediação e prevenção de conflitos ao conduzir os mesmos, ao pensamento reflexivo e a consideração de ideias e opiniões divergentes:

É preciso saber reconhecer os discursos de ódio, refletir sobre os limites entre liberdade de expressão e ataque a direitos, aprender a debater ideias, considerando posições e argumentos contrários. (BNCC, 2017, p. 69)

A escola como espaço de construção de conhecimentos e habilidades assim como

espaço socializador e interativo trata-se de ambiente propício para o desenvolvimento de práticas e construção de saberes voltados para a mediação de ideias e a convivência com o diferente e o contraditório. Desta forma contribuímos par a construção de indivíduos mais conscientes e participativos.

Ao propor abordagem significativa e contextualizada de estruturas argumentativas com foco no uso de operadores argumentativos, em textos da esfera comunicativa cotidiana de forma sistemática, estamos proporcionando o desenvolvimento e aprimoramento da competência argumentativa em textos escritos por estudantes dos anos finais do ensino fundamental. A metodologia sugerida, em tese, permite-nos:

- Analisar o processo de argumentação acionado pelos estudantes na produção de textos argumentativos escritos observando a utilização de operadores argumentativos para compreensão do encadeamento coesivo construído pelo aprendiz;
- Propor estratégias de abordagem contextualizada e significativa de uso dos operadores e sequências argumentativas conduzindo o aprendiz a refletir sobre seu discurso e modelo de argumentação.
- Discutir a necessidade de abordagem direcionada para o desenvolvimento de competência argumentativa na modalidade escrita devido a sua relevância em situações de interação cotidiana em contextos formais e informais.
- Propiciar ao aprendiz a observação e reflexão sobre seu discurso ao enunciar ideias e opiniões permitindo a escuta e apreciação do contraditório para reformulação de seu próprio discurso.



## 2 MARCO NORMATIVO E DIÁLOGOS TEÓRICOS: DOCUMENTOS E ESTUDOS RELACIONADOS AO TEMA

*“Aceitar uma informação é constituir um terreno de compreensão com seu interlocutor adversário, pôr o dedo na engrenagem que leva à aceitação de sua proposição.” (PLANTIN, 2008)*

### 2.1 Documentos orientadores do currículo em âmbito nacional e estadual: BNCC, LDB, Parâmetros para a Educação Básica PE, Currículo de Pernambuco, Organizador Curricular

O acesso à educação básica a todos os brasileiros é um direito resguardado pela constituição federal, em seu capítulo III - Da educação, da cultura e do desporto, seção I - Da educação, artigo 205:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2016, p. 123)

Assegurado o direito de acesso à educação, prerrogativa da nossa lei maior, faz-se necessário também assegurar condições de permanência do educando na educação básica. A educação básica brasileira compreende três etapas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. A todo brasileiro, em idade escolar, devem ser garantidos os meios para efetivamente cursá-la em todas as etapas. Como está posto na carta magna, no mesmo capítulo e seção, artigo 208, inciso I:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (BRASIL, 2016, p. 124)

Garantido pela lei o acesso de todos os brasileiros à educação básica, o que vem sendo efetivado pouco a pouco e necessita de constante fiscalização e acompanhamento dos cidadãos através de seus representantes para a completa implementação, outra demanda se apresenta tão necessária quanto a anterior: a de garantir um padrão mínimo de qualidade e correspondência entre o currículo oficial adotado e praticado pelos entes federados em suas respectivas redes de ensino. A LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) contempla esta preocupação em seu título IV - Da organização da Educação Nacional em seu artigo nº 9, inciso IV:

IV – Estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os

Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum; (LDB, 2018, p.12)

Com o objetivo de alinhar as propostas curriculares ofertadas por cada unidade da federação foram desenvolvidos documentos oficiais que regulamentam as propostas de ensino a nível nacional. Vejamos alguns destes documentos norteadores do currículo em âmbito nacional e estadual e como eles se articulam para a construção de uma abordagem do processo educativo focando a discussão na área temática de nosso interesse: as Linguagens e no componente curricular que é nosso objeto de estudo: a Língua Portuguesa.

A proposta de ensino contemplada nos documentos oficiais e normativos da educação básica em âmbito nacional (Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs e Base Nacional Comum Curricular - BNCC) e estadual (Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco - PCPE, Currículo de Pernambuco) prioriza a natureza social e interacional da linguagem para a construção de uma abordagem da língua materna mais focada no desenvolvimento de habilidades e competências, visando abandonar a abordagem tradicional conteudista. Esta nova proposta de abordagem da educação em língua portuguesa tem propiciado a revisão de diversas concepções e principalmente levantado discussões sobre o papel da escola e do professor de língua materna na formação de usuários conscientes e eficientes da própria linguagem.

A escola torna-se, em muitos casos, o principal espaço socializador e de construção de cidadania, depois do ambiente familiar. Daí, surge sua importância em instrumentalizar o aprendiz a interagir criticamente na sociedade com pleno conhecimento de seus direitos e deveres. Essa instrumentalização, passa indiscutivelmente pelo domínio da sua língua falada e escrita. Quanto mais proficiente o aprendiz for no domínio da língua, mais facilidade terá em transitar e interagir em diferentes contextos comunicativos com maior ou menor formalidade.

O domínio da língua na modalidade oral se processa mais naturalmente devido ao contato cotidiano com sua comunidade de fala, a variedade que é naturalmente utilizada por seus pares. Já o domínio da língua na modalidade escrita requer do usuário mais empenho e estudo. Ela é adquirida através de um processo sistemático de reconhecimento de signos e consolidação de conceitos e regras. A escola possibilita a aquisição da modalidade escrita da língua de forma sistematizada, implementando estratégias e metodologias orientadas por documentos e currículos oficiais.

No entanto, são muitas as dificuldades encontradas neste percurso de aquisição e

consolidação da escrita. Ao sistematizar uma metodologia de abordagem do ensino da língua escrita, a escola uniformiza e trata o processo individual de aquisição de uma língua de forma homogênea quando na realidade, cada aprendiz a desenvolve de acordo com fatores particulares e individuais.

A abordagem do processo de consolidação da escrita necessita ser reflexivo e diversificado para atender as demandas individuais de cada aprendiz. Cada um está no seu próprio nível de desenvolvimento e é preciso alinhar as habilidades previstas a cada etapa da escolarização partindo do nível em que cada aprendiz se encontra.

O domínio da escrita é contemplado nos documentos oficiais da educação básica, sendo um dos seus principais eixos. A abordagem discursiva dos documentos a respeito dos eixos que contemplam o estudo da língua enfatiza a característica interacional da linguagem, construída entre os sujeitos do discurso.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são uma referência para as discussões curriculares em âmbito nacional. Quando foram oficializados, no final do século passado, promoveram uma revisão conceitual na maneira como a abordagem dos conteúdos deveria acontecer, adotando uma postura sintonizada com as discussões sobre novas práticas de ensino e a ênfase inadequada numa abordagem de ensino tradicional e conteudista. No caso específico da língua portuguesa a abordagem tradicional privilegiava a memorização de normas e nomenclaturas que pouco contribuem efetivamente para o desenvolvimento da proficiência na língua. Os PCNs objetivam discutir práticas de ensino-aprendizagem considerando o domínio da linguagem como uma atividade discursiva-cognitiva. Eles destacam o papel da linguagem como forma de interação e inserção social já que “pela linguagem se expressam ideias, pensamentos e intenções, se estabelecem relações interpessoais anteriormente inexistentes e se influencia o outro, alterando suas representações da realidade e da sociedade e o rumo de suas (re)ações”. (PCNs, 1998, p.20). Os PCNs de Língua Portuguesa referentes ao ensino fundamental - 3º e 4º ciclos apresentam como um de seus objetivos principais que os estudantes sejam capazes de “questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.” (PCNs, 1998, p.8) Este objetivo específico atenta para a conceituação das interações comunicativas como momentos de negociação de sentidos que são construídos simultaneamente entre locutor e interlocutor. Neste processo de construção de sentidos, a argumentação é uma das habilidades principais para a persuasão de interlocutores.

É também com os PCNs que a metodologia de estudo da língua, partindo do texto,

ganha reconhecimento:

O discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. O produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja sua extensão, é o texto, uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. (BRASIL, 1998, p. 21)

Recentemente, outro documento em âmbito nacional, cuja elaboração mobilizou discussões e contou com contribuições de várias esferas e atores educacionais, foi homologado e implantado como normativa oficial a ser adotada por todos os sistemas de ensino. Trata-se da Base Nacional Comum Curricular. A BNCC surge com o objetivo de alinhar os currículos das três esferas de jurisdição (federal, estadual, municipal) referentes à educação para garantir um arcabouço comum de aprendizagens aos estudantes de todo o Brasil:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação. (BRASIL, 2017, p.7)

A BNCC orienta que as metodologias e estratégias pedagógicas devem privilegiar o desenvolvimento de competências, enquanto construção de saberes cognitivos construídos empiricamente (saberes e procedimentos). As competências são adquiridas através de habilidades que são as práticas cognitivas e socioemocionais. O intuito é formar aprendizes autônomos que consigam mobilizar os saberes adquiridos para resolver demandas da vida cotidiana e exercer plenamente sua cidadania. A dimensão reflexiva crítica ganha destaque neste documento, à medida que compreende a dimensão analítica “não como fim, mas como meio para a compreensão dos modos de se expressar e de participar no mundo, constituindo práticas mais sistematizadas de formulação de questionamentos, seleção, organização, análise e apresentação de descobertas e conclusões”. (BNCC, 2017, p. 64). Por este motivo, uma de suas competências conversa diretamente com o tema mobilizador desta pesquisa: a argumentação. Ela é vista como fator essencial para a consolidação de um sujeito crítico e protagonista. Trata-se da competência número sete:

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta. (BRASIL, 2017, p.9)

Desta maneira o documento reconhece o aprendiz como sujeito histórico com saberes próprios e a escola como espaço formador de cidadania. Quanto à estrutura o documento apresenta a seguinte organização:



(Fig. 1 - Fonte: BNCC 2017 p. 24)

A BNCC reafirma o texto, considerado em seu contexto de produção, como unidade de análise no componente de Língua Portuguesa. O componente de Língua Portuguesa

está articulado em eixos: oralidade, leitura e produção escrita. O eixo de análise linguística\semiótica perpassa todos os demais eixos. As práticas de linguagem de cada eixo se alinham a campos de atuação enfatizando a contextualização do conhecimento escolar em sintonia com situações da vida cotidiana.

São nos anos finais do ensino fundamental que a BNCC cita a argumentação como uma das competências necessárias a desenvolver nos aprendizes desta etapa. A competência específica relativa à língua portuguesa número sete é “reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias”. (BNCC, 2017, p.87)

É a partir do 8º ano que a habilidade de reconhecer textos argumentativos se apresenta como requisito no campo de atuação na vida pública, no eixo de análise linguística\semiótica: “(EF89LP23) Analisar, em textos argumentativos, reivindicatórios e propositivos, os movimentos argumentativos utilizados (sustentação, refutação e negociação), avaliando a força dos argumentos utilizados.” (BNCC, 2017, p. 185). A coesão apresenta-se como objeto de conhecimento requerido em todos os campos de atuação no mesmo eixo de análise linguística\semiótica na seguinte habilidade: “(EF08LP15) Estabelecer relações entre partes do texto, identificando o antecedente de um pronome relativo ou o referente comum de uma cadeia de substituições lexicais.” (BNCC, 2017, p. 191). Ou seja, a partir dos anos finais do ensino fundamental, especificamente do 8º ano, apresenta-se a exigência de abordagem da estrutura argumentativa e por conseguinte dos elementos coesivos como preparação para as demandas de produção de texto dissertativo-argumentativo que se seguirão no ensino médio.

Na esfera de competência estadual, temos como documentos orientadores, os Parâmetros Curriculares de Pernambuco e inspirado na BNCC, o Currículo de Pernambuco.

O currículo pernambucano é elaborado com o objetivo de orientar e sugerir propostas metodológicas e pedagógicas às escolas das redes estaduais, municipais e privadas norteando a elaboração de projetos político-pedagógicos nas escolas da sua área de jurisdição. Esse documento pretende:

Trazer para o cotidiano escolar a dimensão discursiva e pragmática das diferentes formas de linguagem (artística, icônica, corporal, verbal, simbólica), a fim de que o estudante reflita e as use como meio de compreender a realidade e intervir nela. (PERNAMBUCO, 2019, p. 67)

O Currículo de Pernambuco assume a perspectiva da língua com duas dimensões principais: a dimensão sociopolítica e a linguística. Deste modo a língua trata-se de interação social na qual os usuários atuam conjuntamente para produzir sentido e exercer poder através do seu discurso. Ao conceber a língua como forma de interação, o texto é o

evento que conecta todos os elementos constitutivos e é tomado como unidade de análise e trabalho pedagógico. O ensino se afasta dos conteúdos gramaticais e se aproxima da busca pela compreensão do funcionamento da língua, das suas variantes, da construção de sentido, da mediação entre emissor e receptor no ato discursivo.

O eixo de produção textual que contempla a prática da escrita, objeto de nossa pesquisa, é descrito desta maneira no documento:

**O eixo da produção textual** compreende as práticas de linguagem relativas à interação por meio de textos escritos, orais e multissemióticos com diferentes propósitos comunicativos e nos diversos campos de atividade humana, em função dos quais o sentido para o que se escreve é construído. (PERNAMBUCO, 2019, p. 82)

O eixo abrange práticas de produção de textos de múltiplas modalidades, com diferentes suportes e propósitos comunicativos. A descrição do eixo destaca o valor do sentido de construção do que se escreve, ou seja, o propósito que mobiliza a produção do texto é o fio condutor da elaboração dele. O documento ressalta a importância de oportunizar aos aprendizes a vivência deste processo de produção de sentidos como autor e coautor de discursos, sendo capaz de analisar contextos, relacionar textos diferentes, selecionar estratégias e recursos adequados ao seu tipo de texto, organizar seu texto relacionando ideias, informações e argumentos estabelecendo relações coerentes entre as partes, empregar os recursos gramaticais de forma adequada.

O currículo destaca algumas competências consideradas essenciais para o componente de língua portuguesa no ensino fundamental. Dentre elas a competência número seis conversa com nosso objeto de pesquisa ao destacar a necessidade de posicionar-se criticamente diante de conteúdos que atentem contra direitos reconhecidos em nossa sociedade:

6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais. (PERNAMBUCO, 2019, p. 97)

As competências descritas incentivam o desenvolvimento de metodologias pedagógicas para fomentar o caráter crítico e o protagonismo formando leitores e produtores de textos aptos a exercerem sua cidadania de forma consciente.

Os Organizadores Curriculares complementam os PCPE de forma a estruturar o sistema de distribuição de objetos do conhecimento e expectativas de aprendizagens por campo de atuação. São quatro campos de atuação: jornalístico\midiático, na vida pública,

das práticas de estudo e pesquisa, artístico-literário. Os campos de atuação perpassam todos os eixos ou como são chamados nos parâmetros: todas as práticas de linguagem. Destacamos aqui, algumas habilidades da prática de linguagem relacionada à produção de textos. São expectativas de habilidades a serem desenvolvidas no 8º ano do ensino fundamental. As habilidades estão descritas no Organizador Curricular do ensino fundamental:

**(EF08LP03PE)** Produzir, revisar/editar e reescrever artigos de opinião, tendo em vista o contexto de produção dado, a defesa de um ponto de vista, utilizando diferentes tipos de argumentos e contra-argumentos e articuladores de coesão que marquem relações de oposição, contraste, exemplificação, ênfase. (PERNAMBUCO, 2019, p.97) <sup>1</sup>

**(EF69LP22PE)** Planejar, produzir, revisar e editar textos reivindicatórios ou propositivos sobre problemas que afetam a vida escolar ou da comunidade, justificando pontos de vista, reivindicações e detalhando propostas (justificativa, objetivos, ações previstas etc.), levando em conta seu contexto de produção local, as características dos gêneros em questão e os aspectos multissemióticos presentes para a construção de sentidos, incentivando a pesquisa de campo. (PERNAMBUCO, 2019, p.73) <sup>2</sup>

Estas são apenas algumas das habilidades previstas no Organizador Curricular que contemplam a questão da argumentação e a necessidade do domínio de articuladores de coesão para marcar as relações semânticas entre os argumentos. O texto justificativo, adotado como material de análise, aparece contemplado na habilidade 22 (vinte e dois) e é considerado essencial no detalhamento de ideias em textos propositivos que contemplem o contexto de produção.

## 2.2 O estado da arte

Ao iniciar a proposta de pesquisa sobre o tema da argumentação, buscou-se inicialmente, conhecer o estado atual das pesquisas referentes ao tema para compor um cenário geral dos conhecimentos acumulados sobre referido tema e poder contribuir mais efetivamente para a ampliação das discussões sobre ele. O recorte para escolha dos trabalhos lidos e analisados deu-se por temática aproximada e teve como fonte de pesquisa o buscador digital Google Acadêmico que possibilita o acesso gratuito a pesquisas e publicações acadêmicas como: teses, resumos, artigos, dissertações. A ferramenta integra diversas bibliotecas universitárias online.

À medida que a leitura dos trabalhos já publicados avançava foi possível estabelecer

<sup>1</sup> EF (Ensino Fundamental), 08 (8º ano), LP (Língua Portuguesa), 03 (número da habilidade), PE (Pernambuco).

<sup>2</sup> EF (Ensino Fundamental), 69 (do 6º ao 9º ano), LP (Língua Portuguesa), 20 (número da habilidade), PE (Pernambuco).



diálogos com tema:

Em certa medida, todo texto é um 'intertexto', no sentido de que as coisas que nele são ditas retomam, de muitas maneiras, o já dito em outros textos que ouvimos ou lemos ao longo da vida. (ANTUNES, 2017, p. 48)

A questão do uso dos conectivos como marca de coesão trata-se de tema relevante por ser um dos recursos mais constantes de coesão textual observados nas produções analisadas. A ênfase nos operadores argumentativos dá-se pela regularidade de utilização dos mesmos e pelos equívocos que surgem quando a utilização dos operadores, em especial os conectivos, não contribuem efetivamente para a coesão e consequente coerência do texto. As pesquisas convergem para a análise da relação construída entre coesão e coerência através dos operadores argumentativos.

Segue um breve comentário sobre as pesquisas encontradas e os diálogos construídos com esta pesquisa e o nosso trabalho.

OLIVEIRA (2019) em seu artigo intitulado "Análise funcional de conectivos em português: da abordagem clássica à construcional" aborda os conectivos da língua portuguesa através de uma análise fundamentada nas ideias do Funcionalismo. O artigo inicia listando e contrapondo vários conceitos de conectivos. Utiliza as teorias clássicas de Givón (1979) e Heine *et al* (1991) para analisar os fundamentos da gramaticalização de conectivos e por fim, utiliza a Linguística Funcional Centrada no Uso tomando como referência Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), finaliza a análise dos conectivos com uma visão construcional funcionalista proposta por Diewald (2002, 2006), pontuando as considerações e comparações entre a abordagem clássica e a mais recente de corrente funcionalista com textos exemplificadores. O artigo, através de um recorte sincrônico do Funcionalismo Linguístico, propõe uma nova forma de análise holística e construcional a respeito da utilização de conectivos.

Esta proposta de análise holística, considerando-a como uma análise integral dos conectivos reforça a ideia de trabalho contextualizado com conectivos que propomos em nosso trabalho a partir da compreensão do texto como unidade de análise e de que todas as suas partes, inclusive aquelas extralinguísticas, contribuem para a construção do entendimento da mensagem.

BUZATO *et al* (2021) no artigo "Operadores argumentativos em redações modelo ENEM: uma análise baseada em corpus" analisa o uso de operadores argumentativos por estudantes em redações escritas no modelo exigido pelo ENEM. Sua análise se fundamenta metodologicamente na Linguística de *Corpus* e na Linguística Computacional. O artigo verificou que os estudantes apresentam diversas dificuldades na utilização dos

operadores argumentativos em textos dissertativo-argumentativos e que a origem desta dificuldade pode estar correlacionada a abordagem esporádica dos mesmos durante a educação básica. Percebeu-se também que os estudantes utilizam mais frequentemente em suas produções operadores de adição e conclusão por serem mais constantemente associados ao encadeamento de ideias e finalização da argumentação e serem facilmente encontrados em exemplificações. Ao final, o trabalho propõe a reflexão sobre a metodologia do ensino dos operadores argumentativos e sua importância na construção da argumentação.

A conclusão deste trabalho reforça o que foi verificado nas produções escritas dos nossos estudantes e que foram utilizadas como sondagem nesta pesquisa. A recorrência de alguns operadores discursivos já consolidados em seu uso na oralidade são largamente empregados na escrita.

SILVA (1997) em seu artigo “A subjetividade aparente dos operadores argumentativos na construção do texto jornalístico” propõe-se analisar a intencionalidade expressa por determinado veículo de imprensa em seus textos opinativos observando o uso de operadores modais. A pesquisadora fundamenta sua análise na teoria da Argumentação de Ducrot (1972), na visão funcionalista da gramática de Givón (1995) e na semântica proposicional de Lage (1997). O artigo tenta estabelecer as relações semântico-pragmáticas e sintáticas dos verbos e seus modificadores com a finalidade de evitar a ambiguidade do gênero discursivo.

Assim como neste artigo, esta pesquisa reflete sobre a utilização e escolha de alguns operadores argumentativos em detrimento de outros e a modalização da argumentação. Estes instrumentos (modalização e operadores argumentativos) precisam ser analisados e compreendidos por nossos estudantes como recursos de expressividade repletos de subjetividade. Ao apropriar-se da habilidade de utilizar adequadamente os operadores argumentativos, os estudantes começam a entender como funcionam estas estratégias de modalização do discurso e tornam-se mais críticas e analíticas diante de diversos argumentos.

DA SILVA CARMO (2018) em seu artigo “O ensino dos conectores com uso de formulários do *google*” discute o uso metodológico do *Google Forms* para a abordagem dos conectores argumentativos em sala de aula enfatizando a coesão sequencial e a articulação textual. O artigo propõe a possibilidade de ampliação de materiais e ferramentas de trabalho pedagógico ao propor o uso de formulários digitais para ampliar as possibilidades de multiletramento em materiais-fonte de diversos suportes. O artigo buscou diversificar as propostas de didatização dos marcadores discursivos e levar os docentes a refletirem sobre

a incorporação de novos suportes ao ensino e desenvolvimento de competências nos aprendizes.

A utilização de estratégias diversificadas permite estimular a aprendizagem do estudante de formas mais contextualizadas e significativas. Em nosso trabalho os suportes sugeridos foram o portfólio e a rubrica como forma de avaliação sistemática e contínua do progresso dos estudantes. O acompanhamento personalizado que estes suportes oferecem permite perceber mais rapidamente os avanços e problemas na aplicação da metodologia.

SCHWARZBOLD (2015) em sua dissertação de mestrado intitulada “Uma abordagem dos operadores argumentativos em artigos de opinião: uma proposta de sequência didática para o 9º ano” buscou desenvolver a competência argumentativa escrita em estudantes do ensino fundamental utilizando sequência didática focada no gênero artigo de opinião. A fundamentação da pesquisa deu-se através do ensino por letramento (KLEIMAN, 1995; 2005) da conceituação e aprofundamento dos operadores argumentativos (DUCROT, 1989; KOCH, 2007) e da análise do gênero artigo de opinião (BRÄCKLING, 2001).

A escolha do gênero artigo de opinião como referência de análise dá-se por sua estrutura predominantemente argumentativa e requer a utilização consistente de operadores argumentativos. No entanto, para nossa proposta escolhemos um gênero pouco explorado: a justificativa ou justificação, até por ser considerado parte de outros gêneros mais complexos como o projeto de pesquisa. Mas é possível perceber a utilização da justificativa no domínio cotidiano circulando independentemente de qualquer outro gênero como as justificativas escolares. O motivo da escolha de um texto com estrutura argumentativa simplificada dá-se pelo motivo de que o público-alvo está iniciando o estudo da tipologia argumentativa e pelo objetivo de utilizar estratégias cotidianas de abordagem do conteúdo.

O pesquisador CHAVES (2014) em sua tese “Argumentação e suas estratégias discursivas: um estudo dos conectivos em Português” propõe analisar o efeito de coesão e coerência dos conectivos na construção da argumentação, com este objetivo fundamenta sua pesquisa nas teorias da Linguística textual e do Funcionalismo, utilizando como *corpus* de análise o gênero editorial. A abordagem dos conectivos se dá pelo viés sintático-semântico e pragmático-discursivo que permitiu uma compreensão aprofundada do objeto de estudo.

Uma das preocupações ao escolher o tema da nossa pesquisa foi contribuir de alguma forma para o debate e a discussão de ideias de forma mais crítica e consciente,

oportunizando aos estudantes a reflexão sobre suas próprias práticas de escrita. A argumentação é uma estratégia importante de interação social e atuação democrática. Ao estudar os mecanismos pelos quais os nossos estudantes manifestam suas ideias e opiniões auxiliando-os no desenvolvimento destas habilidades discursivas estamos contribuindo para formação de usuários menos suscetíveis a discursos manipulados.

A dissertação de CRISCUOLO *et al* (2018), intitulada “Os conectivos e sua importância para o desenvolvimento da habilidade escrita”, apresenta a proposta de análise da metodologia de abordagem das conjunções em livros didáticos do ensino fundamental - anos finais, sob o aspecto da coesão. Simultaneamente, devido a constatação da abordagem superficial e ineficiente das conjunções nos livros didáticos, ela propõe o desenvolvimento de uma sequência didática que leve os aprendizes a compreenderem a importância das conjunções como elementos indispensáveis na construção de textos coerentes. Sua pesquisa está ancorada nas teorias de funcionalidade comunicativa (KOCH, 2001; NEVES, 2015; TRAVAGLIA, 2003).

O foco nos conectivos como um dos recursos essenciais para construção da coesão é compartilhado por nossa pesquisa também. Considerado como uma etapa inicial para a construção de habilidades argumentativas, o uso dos conectivos é um dos recursos mais utilizados pelos aprendizes em suas argumentações. Ao dominar e compreender como utilizar este recurso, os aprendizes estão aptos a ousar na utilização de estratégias mais elaboradas de sequências argumentativas.

FONSECA (2016) na dissertação “Operadores argumentativos como estratégia linguística e discursiva da argumentação na sentença judicial” objetiva identificar e descrever como se dá a utilização dos operadores argumentativos para construção da argumentação no texto de uma sentença judicial condenatória. A pesquisa qualitativa utilizou o método indutivo e baseou-se na Análise textual do discurso (Adam, 2011) e na Retórica de Aristóteles (1959), dentre outros. Ao final da pesquisa, o autor concluiu que o uso dos operadores argumentativos colaborou para a organização das estratégias do discurso auxiliando o enunciador no objetivo de convencimento dos coenunciadores de sua tese discursiva. Por fim, o autor sugere a ampliação do estudo linguístico da argumentação no campo jurídico para aprofundar a compreensão da utilização de operadores argumentativos no discurso para construção de premissas e teses.

A argumentação está imbricada em diversos domínios de atuação comunicativa. Na dissertação de FONSECA (2016), ela é analisada como estratégia discursiva com o objetivo de convencimento dos interlocutores. A mesma estratégia é empregada cotidianamente por todos nós ao nos justificarmos, explicarmos ou simplesmente declararmos algo. Ao analisar

as suas próprias estratégias de argumentação os estudantes podem desenvolver meios de aperfeiçoá-las para tornar sua comunicação mais eficiente.

CARVALHO *et al* (2020) apresenta em sua monografia “O uso de conectivos nas produções textuais escolares” uma verificação do uso de conectivos em textos escritos de estudantes do 6º ano do ensino fundamental, partindo da hipótese da influência da linguagem oral nas produções escritas o que condicionaria o uso dos marcadores discursivos típicos da oralidade no texto escrito. Simultaneamente, a pesquisadora pretende proporcionar uma reflexão sobre o assunto ao comparar o que preconizam os documentos oficiais (Parâmetros Curriculares Nacionais, Currículo Básico Comum de Língua Portuguesa, Base Nacional Comum Curricular) e o que é efetivamente aplicado nos livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático - PNLD. A pesquisa conclui que não há divergência conceitual na proposta apresentada pelos livros didáticos, mas falta-lhes o aprofundamento reflexivo sobre a utilização dos conectivos. Quanto aos documentos oficiais, eles apresentam propostas que devem ser adaptadas à realidade de cada sistema, escola, série e turma. Cabe ao professor a tarefa árdua de desenvolver estratégias para efetivar o desenvolvimento da habilidade de produção escrita de seus aprendizes utilizando de forma coerente e reflexiva os conectivos.

A contribuição da nossa dissertação em relação à problemática apresentada por CARVALHO (2020) é que foca nas estratégias para abordagem da argumentação oral e escrita dos estudantes através do uso de conectivos. As pesquisas convergem ao concluírem que a utilização de conectivos segue o padrão da linguagem oral, ou seja, observa-se a utilização de conectivos já consolidados na modalidade oral nas produções escritas analisadas dos estudantes.

Na tese intitulada “O uso de conectores e articuladores de coesão na construção do texto à luz da semântica argumentativa”, PRATES (2019) analisa semanticamente a frequência de uso dos conectivos na construção do texto. A análise está fundamentada nas teorias do estruturalismo, da semântica argumentativa (DUCROT, 2005) e da semiolinguística para estudo das características semânticas dos conectivos. Já a linguística textual fornece as bases para a análise do texto e uso dos conectivos no nível linguístico para observar como a coesão é construída. A pesquisadora concluiu que a escolha dos conectores na argumentação obedece a intenção comunicativa do enunciador e a sua substituição altera substancialmente o sentido pretendido. Ou seja, os conectivos como articuladores de coesão não se restringem ao trabalho de encadeamento argumentativo, mas atribuem valores semânticos diversos ao discurso.

O uso dos conectivos utilizados com propósito argumentativo e, portanto, com valor

semântico trata-se de uma das questões consideradas na elaboração das atividades propostas. Assim como na tese de PRATES (2019) esta dissertação também verificou a utilização de conectivos baseada em sua significação semântica, no entanto a variedade de conectivos utilizados pelos estudantes é restrita e pouco diversificada.

A pesquisadora RODRIGUES (2014) em sua monografia intitulada “Análise das estratégias de coesão utilizadas em artigos da revista *Nursing and Health*” analisa cinco fatores de coesão presentes em artigos publicados pela revista da área de saúde e enfermagem *Nursing and Health*. Ela analisa e comenta a coesão dos artigos baseada na classificação proposta por Koch (2008): coesão referencial e coesão sequencial. Segundo a pesquisadora, os artigos apresentaram problemas de coesão referencial como a ambiguidade. Na coesão sequencial apresentaram-se problemas de estrutura (paralelismo sintático). Ela conclui que o hábito de leitura contribuiu para a ausência e baixa ocorrência de inadequações coesivas.

Esta monografia analisa fatores de coesão referencial e sequencial para concluir que o hábito de leitura auxiliou os escritores dos artigos a cometerem poucas inadequações de coesão. Nossa dissertação, depois de analisar os textos de sondagem dos estudantes observou a repetição sistemática de alguns conectivos e a pouca diversidade deles nos textos produzidos o que poderia indicar a ausência de um vocabulário mais diversificado. A proposta de contextualização da abordagem de conectivos com textos diversos e contextualizados pretende oportunizar ao aprendiz a ampliação deste vocabulário através dos textos propostos como apoio.

A convergência dos trabalhos lidos com a temática abordada nesta pesquisa apresenta pontos em comum como:

- O reconhecimento dos conectivos como um dos fatores de coesão mais recorrentes nos textos argumentativos;
- A relevância de um trabalho mais aprofundado e abrangente sobre o uso dos conectivos com os estudantes;
- A necessidade de aplicação de abordagem contextualizada para desenvolver a competência argumentativa.

O diálogo com os estudos realizados anteriormente por diversos pesquisadores contribuiu para ampliar a compreensão da complexidade do tema, estabelecendo um diálogo repleto de intertextualidade:

A intertextualidade é a propriedade que, resulta da vinculação de um texto a outros já existentes, isto é, a outros já previamente em circulação, presentes na memória discursiva da comunidade. (ANTUNES, 2017, p. 47)

A contribuição da presente pesquisa é ampliar o debate acerca do tema e apresentar proposta de estratégia contextualizada. Com atividades específicas, cada uma exemplificando um viés argumentativo através da semântica implícita em diversos tipos de conectivos. A ideia é gradativamente ampliar o repertório de conectivos utilizados pelos estudantes com atividades focadas em uma área semântica específica de cada vez: causa, consequência, conclusão, oposição, finalidade, etc.

### 3 Fundamentação Teórica

*“A linguagem não é nem transparente em suas designações nem inerte em seus usos. Seus efeitos se dão em todos os níveis, na apresentação dos objetos, na formação dos juízos, na sequência das proposições.”*  
(PLANTIN, p. 44)

#### 3.1 Gênero

A interação humana mediada pela linguagem se dá através de textos, compreendido aqui o texto como unidade de enunciação (macroestrutura) semanticamente coerente, estruturada e organizada através de parâmetros composicionais selecionados com propósitos definidos (tipologia textual). Segundo Bakhtin em sua teoria de análise do discurso, todos os textos são compostos de elementos básicos e inerentes a qualquer tipologia textual.

... três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos de gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2000, p. 279)

O texto trata-se da realização concreta do enunciado, da mensagem transformada em ação e em ato comunicativo. Um ato comunicativo construído observando-se critérios composicionais basilares norteados pelas seguintes perguntas:

- O que enunciar? (conteúdo temático)
- Como enunciar? (estilo)
- Qual a finalidade? (forma de construção composicional a ser escolhida, determinada pelo objetivo da mensagem)

O enunciado, como criação do indivíduo, é particular e único, mas deve-se inserir numa esfera de comunicação social e por isso assumirá certas características que permitam ao interlocutor reconhecer no texto sequências inerentes a uma das esferas de atuação social, facilitando a circulação e assimilação da mensagem do texto.

O gênero é construído na específica junção entre os aspectos particulares e individuais do enunciador, enquanto autor do texto, e entre as características que permitem o reconhecimento de estruturas pertinentes a determinada esfera de atuação social. É a prática comunicativa inserida em um contexto discursivo que convida ao diálogo. É o ato comunicativo que atua socialmente, historicamente e culturalmente inserido na realidade concreta. Como bem observa Marcuschi, 2008:



Entre o discurso e o texto está o gênero, que é aqui visto como prática social e prática textual-discursiva. Ele opera como a ponte entre o discurso como uma atividade mais universal e o texto enquanto a peça empírica particularizada e configurada numa determinada composição observável. Gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem. Sua estabilidade é relativa ao momento histórico-social em que surge e circula (MARCUSCHI, 2008, p. 84).

A conceituação adotada entre pesquisadores e estudiosos para distinguir gênero do discurso e gênero textual não é unânime. Alguns autores não consideram significativas as diferenças entre ambas as designações. De acordo com Marcuschi a distinção entre ambos os conceitos se trata mais do aspecto a ser destacado para análise, pelo pesquisador.

Uma perspectiva sobre gênero a ser considerada é a de que o gênero trata das convenções estabelecidas entre os atores do discurso em situações de comunicação. Por esse motivo considerado adequado aquela comunicação. Como afirma Bezerra:

Assim, ao invés de afirmar que os “gêneros textuais são textos”, seria mais adequado ressaltar que o texto, tal como construído em cada situação de interação, remete as convenções de um ou mais gêneros, sendo na maioria das vezes identificado com aquele gênero cujos propósitos comunicativos predominam na situação específica. (BEZERRA, 2017, p. 37)

O autor explica o motivo da dificuldade de conceituar o que é gênero, quando diversas vezes ele é tomado como o texto em si. O texto, segundo o autor, seria a manifestação concreta deste gênero. O texto traria em si a concretização das convenções, do propósito comunicativo, da situação discursiva e do estilo do autor.

O gênero está intimamente relacionado a questão do discurso e do texto em si. Não há como desvincular um os outro. Apesar desta proximidade conceitual, gênero, texto e discurso são diferentes aspectos da interação:

O discurso por um processo de esquematização, conduziria a uma dada disposição textual, cuja manifestação visível, o texto como objeto empírico, se configuraria na forma de um gênero. (BEZERRA, 2017, p. 45)

### **3. 1. 1 Gênero textual x Gênero discursivo**

A perspectiva baseada na análise do discurso de Bakhtin considera o gênero do discurso a partir das interações comunicativas sociais situadas. Enquanto a questão de gênero textual, remete a compreensão de gênero enquanto realização concreta do texto de acordo com uma estrutura composicional específica. Esta é a compreensão de gênero textual adotada neste trabalho. Ou seja, analisar o texto considerando seus aspectos linguísticos e estruturais inseridos numa prática discursiva contextualizada.

Trata-se de “reiterar a articulação entre o plano discursivo e textual”, considerando o discurso como o “objeto de dizer” e o texto como o “objeto de figura”. O discurso dar-se-ia no plano do dizer (a enunciação) e o texto no plano da esquematização (a configuração). Entre ambos, o gênero é aquele que condiciona a atividade enunciativa. (MARCUSCHI, 2008, p. 81-82)

Segundo o autor, as implicações conceituais da discussão entre gênero discursivo e gênero textual não se aplicam a uma análise mais detalhada do funcionamento e finalidade de cada conceito. O gênero faz a mediação entre o discurso, plano idealizado de mensagem, e o texto, a configuração que este discurso assume na concretização da comunicação.

É precisamente o gênero que impossibilita ser o texto visto como “mera materialização do discurso” (ou que se separe “gênero textual” de “gênero discursivo”). (BEZERRA, 2017, p. 46)

Segundo o autor, o gênero é uma categoria mediadora entre texto e discurso. Trata-se da materialização de um ato comunicativo organizado linguisticamente sob determinadas diretrizes que permitem reconhecer o gênero através de certas características comuns e objetivos específicos a esse gênero. A distinção entre gênero textual e gênero discursivo não apresenta, nos estudos desenvolvidos até o momento, explicações aprofundadas que permitam afirmar categoricamente o que é o gênero textual e o que é o gênero discursivo.

Quando dominamos um gênero textual não dominamos uma forma linguística, e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações particulares. (BEZERRA, 2017, p. 43)

O discurso forma uma unidade completa de sentido mesmo que construído de uma única frase. Está submetido a regras de organização e realiza sob a forma de gêneros diversos. Ele é orientado pelo propósito do locutor e determinado pelo contexto temporal em que é articulado:

O discurso se constrói, com efeito em função de um fim, considera-se que vai chegar a uma parte. Mas ele pode desviar-se durante o percurso (digressões...), voltar à direção inicial, mudar de direção, etc. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p.170)

Segundo os autores as características do discurso dependem especialmente das condições situacionais de produção nas quais são definidas as coerções que determinam as características da organização formal.

O discurso trata-se de uma forma de ação sobre a realidade visando transformá-la porque considera-se como interativo, no qual os participantes coordenam suas

contribuições em função da atitude um do outro. Nesta perspectiva, a conversação é considerada como um de seus modos de manifestação. Como sofre influência do contexto, o discurso está constantemente em reformulação.

Atualmente, o gênero é comumente considerado um meio para o indivíduo localizar-se no conjunto das produções textuais, ainda que a distinção entre gêneros textuais e gêneros discursivos não seja consensual entre os estudiosos do assunto. Muitos são os critérios utilizados para distinguir os gêneros: composição, forma, conteúdo, representação da realidade, estrutura, organização enunciativa, entre outros.

### **3. 1. 2 Texto**

Os enunciados são unidades comunicativas mínimas, estruturadas e detentoras de sentido. Um conjunto de enunciados forma estruturas mais complexas as quais nomeamos como textos. Os textos são construídos de diferentes formas obedecendo à finalidade pretendida pelo enunciador, à adequação ao contexto e à esfera de comunicação. Estas diferentes formas de realização dos textos são conhecidas como gêneros textuais.

A significação de um texto é apreendida quando o receptor da mensagem decodifica o conjunto de instruções oferecidas pelo enunciador para as possíveis leituras dela. Diante das possíveis leituras do receptor da mensagem, o texto se atualiza e se amplia. O texto é composto de instruções codificadas de natureza linguística (organização textual, vocabulário, pontuação, etc.) e extralinguística (contexto, público-alvo, intencionalidade, etc.) que levam ao reconhecimento da mensagem, assim como da tipologia textual utilizada para a veicular.

Elaborar um texto é articular coerentemente uma mensagem significativa e compartilhá-la com alguém convidando este alguém a dialogar conosco. Quando esse alguém (real ou imaginário) aceita nosso convite, o texto tem seu propósito alcançado. Por tal motivo, o enunciador ao elaborar um texto planeja antecipadamente, mesmo que inconscientemente: o que quer dizer, para quem vai dizer, motivo para dizê-lo e assumir-se como enunciador mobilizando estratégias e recursos para dizer satisfatoriamente o que quer.

Analisar e compreender a que gênero textual os textos que produzimos pertencem pode apresentar-se como uma tarefa complexa pela possibilidade de um mesmo texto apresentar características de mais de um gênero, ou seja, as estruturas tipológicas não são fixas. Para classificar-se um texto como representativo de alguma tipologia se observa a predominância de algumas características em detrimento de outras. Os conceitos apresentados pelas novas teorias e estudos da linguagem sobre os gêneros textuais

permitem a discussão e ampliação das noções utilizadas atualmente. A definição de um texto como pertencente a determinado gênero textual se baseia no reconhecimento de características comuns ao gênero em análise. Algumas características principais podem servir como roteiro orientador para análise. A seguir, apresenta-se algumas características que é recomendável observar para classificar um texto como pertencente a determinado gênero:

- Conteúdo temático;

O conteúdo costuma ser o ponto inicial para a produção de um texto. A partir da escolha do assunto, as outras características começam a ser determinadas.

- Estrutura composicional;

O conteúdo temático a ser abordado determina a escolha por certa estrutura composicional, mas não é uma regra rígida, apenas ocorre que algumas estruturas composicionais são mais adequadas a determinados conteúdos como uma receita culinária, uma bula de remédio ou um edital trazem certa previsibilidade a respeito da área temática que será tratada e de como ela será abordada.

- Função e/ou finalidade;

A escolha do conteúdo ou área temática está diretamente ligada à função ou finalidade a que se destina o texto. Às vezes é possível que a própria finalidade e/ou função, quando surgida como uma demanda imperiosa, influencie a escolha do conteúdo temático. Por exemplo, ao ser cobrado por uma justificativa para as faltas o estudante ou responsável já tem determinado o conteúdo temático e a estrutura argumentativa-expositiva numa justificativa que terá que redigir.

- Contexto de produção;

O contexto de produção trata dos aspectos situacionais a serem considerados e que envolvem a criação do texto. O momento e/ou época de produção do texto, o meio social no qual está inserido, a intertextualidade com textos anteriores com os quais estabelece uma conversa, etc.

- Veículo e/ou suporte de circulação;

A escolha do meio pelo qual o texto será veiculado influencia os demais aspectos como a linguagem e a estrutura utilizada devido ao fato de determinadas linguagens e estruturas serem representativas e, às vezes, até exclusivas de determinados suportes como os emojis para a comunicação nas redes.

- Público-alvo;

O público a quem se destina o texto desperta no autor receios e expectativas. “Como expressar-se de forma a alcançar uma comunicação sem ruídos e ambiguidades com este

público?” Deve ser o questionamento frequente do autor. Geralmente o público-alvo determina a escolha da linguagem a ser utilizada.

- Linguagem utilizada.

A linguagem escolhida para o texto deve adequar-se à finalidade, à estrutura e ao público a que se destina. Ao considerar o público, o autor define o grau de formalidade da linguagem e o vocabulário mais adequado para atingir uma completa comunicação com ele. A finalidade e a estrutura do texto podem limitar o estilo a ser utilizado pelo autor. Um estilo mais prolixo encaixa em narrativas longas e ficcionais, ou mais conciso quando se trata de documentos que exigem objetividade.

### 3. 2 Argumentação

A argumentação enquanto ato comunicativo é uma forma de pensar sobre si mesmo (argumentamos para nós mesmos em situações de dúvidas e indecisão num diálogo interno) e uma forma de pensar sobre o mundo (ao dialogarmos com outros publicamente propondo nossos pontos de vista e ponderando sobre outros pontos de vista). Ao participar de uma argumentação o aprendiz formula suas concepções sobre determinado tema e apresenta argumentos aceitáveis para corroborá-las diante de seu(s) interlocutor(es). Segundo LEITÃO (2011):

... o potencial que a argumentação possui para promover aprendizagem e desenvolvimento do pensamento reflexivo é intimamente ligado aos movimentos cognitivo-discursivos que nela se realizam. (LEITÃO, 2011, p.41)

A argumentação é um fenômeno inerente à língua, prova disto é a existência em praticamente todas as línguas de mecanismos que atuam indicando a orientação argumentativa dos enunciados. Esses mecanismos são chamados marcas linguísticas de argumentação. Entre esses mecanismos destacam-se os operadores argumentativos. Contudo, a argumentação não se limita aos recursos linguísticos para ser construída, ela pressupõe a mobilização de recursos linguísticos (todos os instrumentos pertencentes a língua utilizados para comunicar com maior clareza e expressividade como os conectivos) e extralinguísticos (que não pertencem aos recursos da língua mas podem contribuir para a compreensão da mensagem como expressões faciais, gestos, pausas, entonações, imagens...) Atos comunicativos que mobilizam linguagens não verbais são tão ou mais eloquentes numa argumentação, seja na modalidade oral ou escrita. Que dizer sobre a eloquência de uma pausa dramática no meio de um discurso inflamado ou do silêncio bem calculado acompanhado de uma expressão facial durante um debate? Ou o uso de letras

maiúsculas em determinadas palavras e expressões de um texto escrito? São recursos extralinguísticos extremamente eficientes e expressivos.

...se considerarmos que a argumentação é a operação que “[provoca] ou [aumenta] a adesão dos espíritos às teses que apresentamos a seu assentimento”, então, a rigor, o enunciado mais banalmente informativo pode ser considerado como uma tese, e o mero fato de pronunciá-lo em condições normais faz com que ele se apoie sobre a autoridade de seu locutor, assegura-lhe certa credibilidade e provoca certa adesão de espírito do interlocutor. (PLANTIN, 2008, p. 43)

Segundo Plantin (2008), a argumentação está presente mesmo quando não a estamos articulando deliberadamente. Ou seja, é possível argumentar sem utilizar uma sequência argumentativa estruturada. Até quando estamos narrando, explicando ou simplesmente informando algo é possível estar argumentando. O simples fato de enunciarmos uma ideia, indica certo grau de adesão a ela. Ao expressá-la conferimos nossa voz, nossa autoridade e credibilidade tornando-a mais plausível e contribuindo para a adesão a ela por parte do nosso interlocutor. Lembremos do quão comum é a situação de ao transmitir uma notícia pouco crível ou totalmente inesperada e inusitada, a primeira reação do interlocutor, diante da incredulidade que a notícia provoca, é perguntar: - Sério isso? É verdade? Ou seja, o interlocutor deposita no enunciador o ônus pela veracidade da notícia. Espera que o enunciador confirme o fato. Essa adesão ao discurso, seja argumentativo ou simplesmente expositivo, baseada apenas na voz e pessoa do enunciador, sem qualquer filtro, trata-se de uma atitude bastante comum e recorrente nas interações comunicativas nas sociedades contemporâneas.

### 3.2.1 Contexto histórico

A argumentação está vinculada à lógica, “a arte de pensar corretamente”, à retórica, “a arte de bem falar”, e à dialética. “a arte de bem dialogar”. Esse conjunto forma a base do sistema no qual a argumentação foi pensada. (PLANTIN, 2008, p. 9)

A argumentação como campo de estudo surge com o filósofo Aristóteles em sua obra “Retórica” por volta do século III A. C. A retórica é considerada como a arte de analisar as formas do discurso e as estratégias para gerar persuasão considerando o contexto social (momento, ambiente, pessoas envolvidas e cultura). Aristóteles considera a retórica como uma arte necessária à consolidação dos valores construídos coletivamente e validados através do discurso entre os membros de uma comunidade. Aristóteles aprofunda seus

estudos objetivando capacitar o cidadão de sua época a compreender a realidade ao seu redor e atuar nela através do discurso:

... configura a sua Retórica a fim de propiciar também o aperfeiçoamento intelectual do homem grego para que este possa ler as realidades sociais multifacetadas, cada qual com suas variantes e circunstâncias, contando com o sentimento de sublimidade da razão em seu potencial para identificar os melhores discursos. (LIMA, 2011, p. 18, 19)

Para o filósofo grego, a retórica é baseada em três pilares: a arte, a ética e o saber ou conhecimento. A retórica necessita da arte de bem utilizar as palavras para persuadir e convencer seu público. Necessita da ética para que não se torne um instrumento de manipulação perigoso da audiência, servindo a fins particulares e não à construção de valores coletivos. Completa os pilares o conhecimento sobre os sentimentos e necessidades de sua audiência para atuar na condução eficiente da persuasão do público através de seu discurso.

Trata-se de mobilizar o interlocutor utilizando argumentos selecionados a partir do conhecimento do público, suas aspirações e expectativas e assim, com um discurso eloquente e formatado para um público específico ser capaz de gerar maior chance de engajamento e sucesso no convencimento e persuasão.

... a Retórica aristotélica é idealizada pelo autor para ocorrer numa dinâmica fluídica, rica em mobilidade social-linguística-emocional-estilística, muitas vezes em terrenos movediços e imprevisíveis das relações humanas. (LIMA, 2011, p. 21)

De forma concisa é possível considerar a retórica como o uso estratégico da linguagem (considerando linguagem verbal e não verbal) para o alcance de um objetivo. Quando consideramos especificamente a argumentação retórica, tratamos da retórica verbal consciente utilizada para uma finalidade específica.

A argumentação retórica caracteriza-se por ser referencial ao utilizar a linguagem para representar os signos, problemas, objetos e fatos e realiza-se na construção do texto estruturado. Ela é probatória por propor a discussão de argumentos baseados em provas de diversas naturezas. A argumentação retórica é polifônica porque almeja atingir um público determinado dando voz a esta audiência através de seus sentimentos, ideais e visões de mundo, os quais o proponente estrategicamente utiliza a seu favor para desenvolver empatia e familiaridade com sua audiência. O objetivo do proponente é intervir convencendo a audiência a posicionar-se e direcionando seu posicionamento sobre determinado tema.

A dimensão dialética da argumentação evidencia-se quando argumentos antagônicos são apresentados no discurso do proponente porque a dialética propõe o diálogo, o debate, a reflexão. A dialética privilegia a interação de ideias na qual o discurso se constrói na alternância de vozes, na alternância de perguntas e respostas que num primeiro momento se contrapõem, mas caminham para um processo de conciliação à medida que uma das ideias se consolida enquanto a outra lhe serve como prova a medida que suas objeções vão sendo desconstruídas. A partir desse processo de consolidação e desconstrução de ideias, surge um novo conceito que reúne aspectos das ideias originais. Esse é o processo de definição da tese, antítese e síntese:

Tese e antítese são, na primeira etapa, polos opostos que se repelem e se excluem. Numa segunda etapa, ambos se unificam numa síntese que é algo mais alto e mais nobre... Mas, pelo outro lado, os polos estão guardados na síntese, pois o cerne positivo, que já estava neles, continua sendo conservado. (CIRNE-LIMA, p.15, 16)

Partindo da compreensão da tese e da antítese é possível explicar o processo argumentativo de acordo com a estruturação de das ideias e de que maneira essa estruturação ocorre.

### 3.2.2 Sequência argumentativa

A argumentação pode utilizar diversos recursos extralinguísticos, no entanto, há uma sequência estrutural que caracteriza o discurso argumentativo, seja ele oral ou escrito. Esta sequência apresenta elementos linguísticos e estruturais reconhecidamente argumentativos. A princípio a argumentação é construída a partir de uma **Pergunta**. Esta pergunta será a geradora da problematização e ao redor dela, a contextualização permitirá aos atores da interação se posicionarem em três papéis principais:

A comunicação é plenamente argumentativa quando essa diferença é problematizada em uma Pergunta e quando são nitidamente distinguidos os três papéis: Proponente, Oponente e Terceiro. (PLANTIN, 2008, p. 76)

Nesta perspectiva sequencial os papéis argumentativos são:

- Proponente - responsável pelo discurso de proposição, sua função é propor uma ideia que sugira uma mudança na opinião dominante a respeito de determinado tema. O objetivo do proponente é suscitar a discussão do tema;
- Oponente - responsável pelo discurso de oposição. O interlocutor que se posiciona argumentando negativamente em relação à proposição;



- Terceiro - é representado pelo discurso da dúvida ou do questionamento. O terceiro precisa ser convencido da proposição. Ao terceiro cabe julgar a validade da argumentação.

Aquele que argumenta precisa preparar-se para ponderar os contra-argumentos, responder dúvidas e rever seus conceitos, caso os contra-argumentos lhe pareçam válidos. Em qualquer discurso, a argumentação trata de uma espécie de negociação entre os envolvidos que divergem em relação a um tema e assumem os papéis de proponente e oponente. Os papéis podem alternar-se no decorrer do discurso. O papel do proponente favorece o desenvolvimento de operações cognitivo-discursivas em interações argumentativas imprescindíveis para a construção de conhecimento significativo porque favorece a reflexão e apreciação sobre determinado assunto. O processo argumentativo envolve as seguintes operações:

- Elaborar posicionamento sobre determinado assunto mobilizando seus conhecimentos prévios e experiências sobre o mesmo e/ou pesquisar sobre determinado tema instigado pela necessidade de posicionar-se a respeito quando ele lhe é desconhecido;
- Refletir sobre seu próprio posicionamento (afirmações, argumentos) e considerar sua apropriação ou não quando confrontado com contra-argumentos.

Ou seja, a argumentação favorece experiências metacognitivas (pensar sobre seu argumento) e permite fundamentar, avaliar, reafirmar e reformular suas ideias e conceitos.

Diversas interações comunicativas viabilizadas pela língua apresentam um aspecto argumentativo por caracterizar-se pela contínua negociação de saberes, opiniões e argumentos na construção de um discurso compartilhado entre proponente e oponente, no qual esses papéis estão constantemente se alternando com o objetivo de influenciar o outro. Como esse processo se desencadeia?

Subsiste o fato de que todo enunciado se desestabiliza ao se projetar fora de si mesmo, sob o efeito da injunção "procure a sequência!". Ela fornece para essa reconstrução indicações propriamente linguísticas, que indicam o caminho a seguir, mas que continuam a ser insuficientes; não podemos abrir mão de indicadores contextuais para reconstruir a intenção-conclusão. Essa força abduzora, criadora de hipóteses, é um estímulo fundamental para o pensamento falado. Ela encontra seu primeiro controle crítico no confronto dialogado. (PLANTIN, 2008, p. 44)

Todo discurso possui um contexto (imaginário ou real) no qual o enunciador embasa sua argumentação para atingir um interlocutor-alvo que ele imagina e idealiza. Esse interlocutor ideal determina a escolha dos argumentos utilizados pelo proponente e será ele que o enunciador tentará desconstruir com seu discurso para persuadir o terceiro, papel muitas vezes assumido pelo oponente. Dessa maneira, o ato de argumentar desperta no

enunciador a necessidade de planejar seu texto selecionando as melhores estratégias e ferramentas linguísticas disponíveis para alcançar seu objetivo de convencer seu público. Esse processo de construção da argumentação favorece a reflexão e o desenvolvimento de habilidades cognitivo-discursivas.

... podemos considerar que o processo conversacional torna-se dialético-argumentativo na medida em que incide sobre um problema determinado, definido em comum acordo, e ocorre entre parceiros iguais, movidos pela busca do verdadeiro, do justo ou do bem comum, entre os quais a fala circula livremente, segundo regras explicitamente estabelecidas. (PLANTIN, 2008, p. 11)

Quando utilizamos a linguagem para interagir, definimos antecipadamente a finalidade e o objetivo de nosso texto adequando-o ao contexto e ao receptor. Procuramos, na maioria das vezes, estabelecer um elo comunicativo entre nós e os receptores do texto motivando-os e envolvendo-os com nosso discurso. Utilizamos para isso estratégias de persuasão e argumentação. Do mesmo modo, o interlocutor avaliará nosso discurso para decidir se aceita participar do diálogo proposto, seja concordando ou discordando dele. Argumentar, visto sob este ângulo, é algo inerente à comunicação.

As interações fortemente argumentativas apoiam-se sobre um desacordo que apresenta características específicas: ele não é instantaneamente reparado no decorrer da interação em que surgiu; é tematizado na interação; pode ser levado para um lugar argumentativo específico. Desse modo, ele produz interações organizadas em torno de um conflito preexistente; o conflito é a razão de ser dessas interações e condiciona seu desenrolar; as intervenções dos participantes são desenvolvidas e planejadas. (PLANTIN, 2008, p.68)

As sequências textuais, cujo traço característico é serem utilizadas com a finalidade de orientar o interlocutor para certos tipos de conclusão, são consideradas argumentativas. A argumentação trabalha para mobilizar o interlocutor através da vontade e do sentimento dele, utilizando estratégias persuasivas que soem plausíveis ou verossímeis (seja de caráter ideológico ou subjetivo) a este interlocutor. Ou seja, utilizamos estratégias persuasivas constantemente em nossas interações comunicativas. De acordo com Anscombre e Ducrot<sup>3</sup> “o processo discursivo que chamamos de argumentação e que consiste em encadear enunciados-argumentos e enunciados-conclusões o tem como anterior um ato de argumentar sobre o qual se apoia. Como todos os atos ilocutórios, se realiza no e por um enunciado único” (1997, p.168 apud OLIVEIRA, 2013, p. 188)

A sequência de um texto argumentativo pode ser percebida através da identificação de três atos fundamentais: propor, opor-se e duvidar. Cada um dos atos é representado por

---

<sup>3</sup> Jean-Claude Anscombre e Oswald Ducrot - linguistas franceses da corrente estruturalista. Sua teoria da linguagem considera que todo uso da língua é argumentativo porque indica uma direção.

atores do discurso argumentativo. O proponente propõe o tema e a questão a ser debatida. O oponente opõe-se ao posicionamento do proponente através de contra-argumentos e o terceiro duvida de ambos e elabora a pergunta que precisa ser convincentemente respondida por um dos dois: proponente ou oponente. Ou seja, a contradição entre proposição e oposição gera a pergunta argumentativa. A sequência argumentativa que teremos deste processo é a seguinte: Proposta - Contraproposta - Pergunta - Argumento - Conclusão (resposta à pergunta).

Com o objetivo de aprofundar a compreensão do processo argumentativo e como a sequência argumentativa se estrutura, os estudos da Teoria da Argumentação na Língua desenvolvidos por Ducrot fornecem definições e conceitos essenciais. Segundo ele, a argumentação se divide em dois campos: argumentação retórica e a argumentação linguística. A argumentação retórica é essencialmente discursiva e induz o receptor a acreditar na informação e no argumento apresentados. Ou seja, persuadir o receptor pelo discurso. Já a argumentação linguística trabalha com a estruturação dos segmentos do discurso pelos seus encadeamentos, ou seja, ela trabalha com elementos linguísticos. Apesar de ater-se apenas a elementos linguísticos, a argumentação linguística serve também à persuasão discursiva e apresenta consistente valor semântico, assim como a argumentação retórica, embora seu foco não seja este. Conhecer e saber manejar os recursos da argumentação linguística é uma das estratégias para lograr êxito na argumentação retórica. Segundo Ducrot (1977, p.13), “há no interior da língua, todo um dispositivo de convenções e de leis que deve ser compreendido como um quadro institucional a regular o debate dos indivíduos.” (apud OLIVEIRA, 2013, p. 192)

A análise dos instrumentos utilizados para a construção da argumentação linguística permite compreender as estratégias mobilizadas pelo enunciador. Sua maior ou menor habilidade no manejo destes instrumentos pode ser percebida ao avaliarmos o nível de coerência e coesão atingido no texto pela observação da estrutura composicional. A coesão e a coerência são dois conceitos essenciais para o desenvolvimento bem-sucedido da argumentação linguística, por conseguinte precisam ser compreendidos.

### **3. 3 Coesão textual como fator de coerência discursiva**

A coesão é indispensável para que um texto seja coerente?

Não necessariamente. Já é consenso entre estudiosos que um texto pode apresentar coerência mesmo diante da ausência de elementos de coesão. Exemplo:

*“Cabeça altiva. Olhar fixo encarando os espectadores. Ninguém ousava dizer uma palavra. A ansiedade deixava o ar tão pesado... Quanto tempo se passou nessa espera? Minutos que pareciam séculos.” (texto próprio da pesquisadora para exemplificação)*

O texto de estrutura argumentativa necessita de coerência entre seus elementos constituintes (proposta - contraproposta - pergunta - argumentos - conclusão). Esse texto apresenta estrutura mais complexa, o que a princípio requisita uma tessitura textual mais estruturada. A coerência, neste caso, pode prescindir da coesão?

Se é verdade que a coesão não constitui condição necessária nem suficiente para que um texto seja um texto, não é menos verdade, também, que o uso de elementos coesivos dá ao texto maior legibilidade, explicitando os tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem. Assim, em muitos tipos de textos – científicos, didáticos, expositivos, opinativos, por exemplo – a coesão é altamente desejável, como mecanismo de manifestação superficial da coerência. (KOCH, 2010, p. 14)

O estudo e análise das relações lógico-discursivas para construção de coerência e coesão através de elementos linguísticos e extralinguísticos possibilita o desenvolvimento e implementação de estratégias comunicativas mais amplas e proficientes e por conseguinte, interações comunicativas mais eficientes e enriquecedoras já que a linguagem segundo Koch (2015) é essencialmente argumentativa: “a linguagem é encarada como forma de ação sobre o mundo, dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade.”

Seja uma única palavra ou um conjunto delas, a característica primordial de um enunciado é sua capacidade de ‘fazer sentido’ ao seu interlocutor. Esse sentido resgatado pelo leitor necessita de algumas propriedades que o texto precisa possuir. Dentre as propriedades concernentes ao texto para que assim o possa ser considerado duas são imprescindíveis: a coesão e coerência. Segundo Antunes (2017):

A coesão é a propriedade segundo a qual cada elemento do texto deve estar ligado a pelo menos um outro. O sentido do termo ‘coesão’ já aponta para esta condição: algo coeso é algo que está ligado, que está relacionado a outro item qualquer. No texto, então, tudo deve estar articulado; tudo deve estar relacionado, interligado: as palavras; os períodos; os parágrafos. (ANTUNES, 2017, p. 45)

A coesão trata das ligações ou conexões presentes num discurso que contribuem para a criação de uma estrutura linguística. Ou seja, a coesão textual trata da maneira como os elementos linguísticos presentes na superfície do texto interligam-se formando sequências com sentido.

E a coerência? Como ela pode ser definida e como ambas (coerência e coesão) são mobilizadas na construção do texto?

A coerência é a propriedade que deixa o texto na condição de um todo interpretável. Ou seja, a atividade empreendida pelos interlocutores gira em torno de fazer-se compreender (pelo lado de quem está com a palavra) e gira em torno de recuperar (ou entender) os sentidos do que é dito (pelo lado de quem ouve ou lê a palavra). É um jogo interativo de mútua cooperação. (ANTUNES, 2017, p.46)

A coerência é a característica que confere sentido e significado ao enunciado através das relações construídas entre as ideias expressas. A coesão contribui para a coerência por ser uma relação de encadeamento entre elementos do texto, apesar de não ser imprescindível para criar coerência, a coesão mobiliza recursos semânticos (que podem ser de ordem cognitiva, linguística e interacional) para ligar sentenças que conversam entre si e estabelecem relações de sentido. A utilização de elementos coesivos confere ao texto maior clareza ao esclarecer as relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem. A coesão pode ser compreendida como um recurso explícito utilizado na superfície textual indicador não apenas de conexão, mas também de coerência:

Concluindo, pode-se afirmar que o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual. (KOCH, 2010, p. 14)

A coesão textual se subdivide em duas grandes modalidades considerando a função dos mecanismos coesivos: a coesão referencial e a coesão sequencial:

... a coesão referencial e a coesão sequencial não devem ser vistas como procedimentos totalmente estanques. Há, na língua, formas que apenas efetuam encadeamentos (os conectores propriamente ditos) e outras que operam, ao mesmo tempo, remissão (ou referência) e encadeamento. (KOCH, 2010, p. 57)

Os mecanismos coesivos considerados são os seguintes, de acordo com Halliday & Hasan apud Koch (2010):

- referência - itens da língua que remetem a outros itens no discurso já citados ou ainda a serem citados em relações como anáfora e catáfora;
- substituição - trata da utilização de um item no lugar de outro elemento textual;
- elipse - substituição de um termo pela ausência, desde que seu sentido possa ser facilmente recuperado pelo contexto;
- coesão lexical - é obtida através de dois processos: a reiteração e a colocação;

- conjunção - estabelece relações significativas entre elementos do texto, podem ser considerados conjunções, os conectores e elementos de ligação.

Tal divisão dos mecanismos coesivos é contestada por outros autores e apresenta algumas divergências em diferentes pesquisas. Adotamos a perspectiva de Koch (2010) que contesta a elipse como mecanismo independente e considera a coesão lexical como uma forma de referência.

A coesão referencial remete a outros elementos presentes ou inferíveis na tessitura textual. O elemento que remete a outro é chamado de forma referencial ou remissiva e o elemento remetido é chamado de referente textual. Os elementos de referência podem ser um nome, um sintagma, um fragmento oracional. A coesão referencial pressupõe que há identidade de referência entre a forma remissiva e seu referente, porém admite-se que essa identidade é (re)construída também no desenvolver do texto, agregando novos significados a cada novo termo remissivo.

A coesão sequencial constitui o foco de análise deste trabalho, principalmente quando se realiza através do uso de operadores argumentativos como os conectivos.

### 3. 3. 1 Coesão Textual Sequencial

Como poderíamos compreender a coesão textual?

... a coesão como parte do sistema de uma língua: embora se trate de uma relação semântica, ela é realizada – como ocorre com todos os componentes do sistema semântico – através do sistema léxico-gramatical. (KOCH, 2010. p. 13)

A coesão constrói uma relação semântica entre elementos do texto, extrapola a simples função de conectar termos. O resgate das relações de sentido mobilizadas pelos elementos coesivos permite a interpretação do texto e trata-se de um recurso semântico importante.

A coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir. (KOCH, 2010, p.40)

A coesão sequencial trata das relações semânticas entre os segmentos textuais que possibilitam a progressão temática e estrutural do texto. A progressão textual faz-se com ou sem elementos recorrentes. Quando ela se dá com elementos recorrentes é chamada de sequenciação parafrástica e sem elementos recorrentes é denominada sequenciação frástica.

### 3. 3. 1. 1 Sequenciação parafrástica

Segundo Koch (2010, p. 41) “tem-se, assim, a sequenciação parafrástica quando, na progressão do texto, utilizam-se procedimentos de recorrência.”

A sequenciação parafrástica pode ser estabelecida de diversos modos. Vejamos alguns deles:

- Recorrência de termos - Ao mencionar um termo, o elemento utilizado para mencioná-lo acrescenta uma nova informação ao elemento mencionado, não se trata apenas de uma referência idêntica e equivalente. A cada referência, a relação entre os termos (referente e referido) se amplia. Exemplo: “Café com pão. Café com pão. Café com pão. Virgem Maria que foi isto maquinista?” (Trem de Ferro - Manuel Bandeira)
- Recorrência de estruturas (paralelismo sintático) - A progressão textual utiliza estruturas sintáticas similares, modificando apenas os itens lexicais. Exemplo: “É um caco de vidro. É a vida, é o sol. É a noite, é a morte. É um laço, é o anzol.” (Águas de março - Elis Regina)
- Recorrência de conteúdos semânticos (paráfrase) - O mesmo conteúdo semântico é apresentado com estruturas diferentes. Exemplo: “E não esqueça de escovar os dentes depois de comer. Ou seja, você tem que escovar os dentes depois da maçã, da banana, da laranja, das seis refeições...” (Exigências da vida moderna - Luís Fernando Veríssimo)
- Recorrência de recursos fonológicos segmentais e/ou suprasegmentais - existência de uma invariante (metro, ritmo, rima, assonâncias, aliterações, etc) Exemplo: “Vozes veladas, veludas vozes. Volúpias dos violões, vozes veladas. Vagam nos velhos vórtices velozes. Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.” (Violões que choram - Cruz e Souza)
- Recorrência de tempo e aspecto verbal - permite observar três características constitutivas do sistema temporal (a atitude comunicativa, a perspectiva, o relevo). Trata-se da escolha de tempo verbal com uma finalidade definida e a troca ou mudança do tempo verbal para assinalar mudanças na sequência textual. O tempo verbal é utilizado como recurso semântico, no qual a escolha do tempo verbal é determinada pela circunstância ou sentido que se quer atribuir. Exemplo:  
 (...) “Vendo o triste pastor que com enganos  
 lhe fora assim negada a sua pastora,  
 como se a não tivera merecida;  
 começa de servir outros sete anos,  
 dizendo: -Mais servira, se não fora para tão longo amor tão curta a vida.” (Sete anos de pastor Jacob servia - Luís Vaz de Camões)

O pretérito mais-que-perfeito, geralmente utilizado em textos literários, indica uma ação que ocorreu antes de um passado mais recente. Ou seja, depois de ter servido durante sete anos, Jacó serviu mais sete para conquistar sua amada.

### 3.3.1.2 Sequenciação frástica

... a progressão se faz por meio de sucessivos encadeamentos, assinalados por uma série de marcas linguísticas através das quais se estabelecem, entre os enunciados que compõem o texto, determinados tipos de relação. O texto se desenrola sem rodeios ou retornos que provoquem um “ralentamento” no fluxo informacional. Tem-se, aqui, o tipo de sequenciação a que denomino *frástica*. (KOCH, 2010, p.45)

O desenvolvimento textual é obtido por encadeamentos que favorecem a relação entre os enunciados. A sequenciação frástica promove a coesão textual ao estabelecer conexões entre os segmentos do enunciado. O texto progride linearmente sem quebras no fluxo informacional. Os conectores são as marcas linguísticas mais relevantes de sequenciação frástica. Os mecanismos de sequenciação frástica são:

- Procedimentos de manutenção temática - A continuidade do tema é conseguida através do uso de termos que pertencem ao mesmo campo lexical. Exemplo: “De repente os olhos bem abertos. E a escuridão toda escura. Deve ser noite alta. Acendo a luz da cabeceira e para o meu desespero são duas horas da noite.” (Insônia infeliz e feliz - Clarice Lispector)
- Progressão temática - A sequenciação temática progressiva (estrutura textual) pode ser construída de várias formas: progressão temática linear, progressão temática com um tema constante, progressão com tema derivado, progressão por desenvolvimento de um tema subdividido e a progressão com salto temático. Esta subdivisão da progressão temática é proposta por Danes (1970) apud Koch (2010).
- Encadeamento - Estabelece relações semânticas entre orações, enunciados ou sequências maiores do texto por justaposição ou conexão. A justaposição trata de como os componentes da superfície textual se encontram conectados entre si. A justaposição pode acontecer com ou sem elementos linguísticos. Quando ocorre sem elementos linguísticos a marcação da justaposição na escrita é indicada por sinais de pontuação e pelas pausas. Quando a justaposição ocorre com elementos linguísticos, sinais de articulação, estabelece sequência coesiva entre segmentos da superfície textual em diversos níveis hierárquicos. A conexão se dá por encadeamento articulado por conectores interfrásticos representados por conjunções, advérbios, expressões de ligação. As relações criadas por encadeamento



podem apresentar-se nas seguintes formas: relações lógico-semânticas e relações discursivas e argumentativas.

### **3. 3. 2 Encadeamento por relações discursivas e argumentativas**

O encadeamento permite estabelecer relações semânticas e/ou discursivas entre orações, enunciados ou sequências maiores do texto. Pode ser obtido por justaposição ou por conexão. (KOCH, 2010, p.49)

A estrutura dos enunciados é construída através de encadeamentos sequenciais sendo cada enunciado originado de um ato de fala distinto. Os enunciados podem até ser apresentados em períodos distintos ou por enunciadores diferentes, sem prejuízo do seu significado. Tais encadeamentos podem ocorrer entre orações, períodos e parágrafos.

Os encadeadores de tipo discursivo são responsáveis pela estruturação de enunciados em textos, por meio de encadeamentos sucessivos, sendo cada enunciado resultante de um ato de fala distinto. (KOCH, 2010, p. 53)

Quando a relação semântica está encadeada pela discursividade e argumentação os encadeamentos tomam o primeiro enunciado como tema do segundo. Os conectores funcionam como operadores argumentativos que direcionam o rumo da argumentação. Entre as relações semânticas e argumentativas que estes operadores podem explicitar estão: conjunção, disjunção argumentativa, explicação ou justificativa, comprovação, conclusão.

### **3. 4 Operadores Argumentativos**

... tais encadeamentos podem ocorrer entre orações de um mesmo período, entre dois ou mais períodos e, também, entre parágrafos de um texto: daí a denominação dada aos conectores por eles responsáveis de operadores ou encadeadores de discurso. Ademais, esses conectores, ao introduzirem um enunciado, determinam-lhe a orientação argumentativa. Por esta razão, são também chamados operadores argumentativos e as relações que estabelecem, relações pragmáticas ou argumentativas. (KOCH, 2010, p. 53)

Os operadores argumentativos são expressões que funcionam como encadeadores discursivos que estruturam os enunciados textuais. Os encadeamentos ocorrem entre orações, períodos, parágrafos e permitem orientar a sequenciação do texto para a construção de argumentação.

Os articuladores do discurso, em especial os operadores argumentativos são fundamentais para conferir coesão, sequenciação, estrutura e coerência aos argumentos. Trata-se, pois, imperativo, permitir aos estudantes o domínio de tais estruturas da língua devido ao seu papel fundamental nas interações sociais. O domínio de estratégias argumentativas permite ao interlocutor comunicar-se de forma eficiente na construção de seu discurso persuasivo evitando inadequações e incompreensões na comunicação que poderiam inviabilizar a efetividade do diálogo entre locutor e interlocutor.

A utilização de recursos coesivos, como os operadores argumentativos facilita a compreensão do texto e a construção de coerência pelo proponente do discurso. Por possuírem funções convencionadas e específicas, os operadores não devem ser utilizados aleatoriamente prejudicando a sequencialidade do texto e dificultando a sua compreensão pelo leitor.

Para este trabalho, o foco de análise se encontra na coesão sequencial frástica por encadeamento que é mobilizada pelos operadores argumentativos representados pelos conectivos. Esta modalidade de coesão textual específica é reconhecida mais facilmente na superfície textual e permite aos aprendizes, numa abordagem inicial, compreender os mecanismos textuais mobilizados para construção de coerência e coesão já que estão sendo introduzidos ao estudo da tipologia argumentativa.

Os conectivos não pertencem a uma única classe gramatical. Comumente, as conjunções exercem essa função coesiva nos textos, mas não é sua exclusividade. Expressões, advérbios também funcionam como tal. Os conectivos permitem a ligação entre termos de uma oração, período, parágrafos. Eles auxiliam a construção da coesão e coerência textual por organizar a sequência temática do texto de forma estruturada.

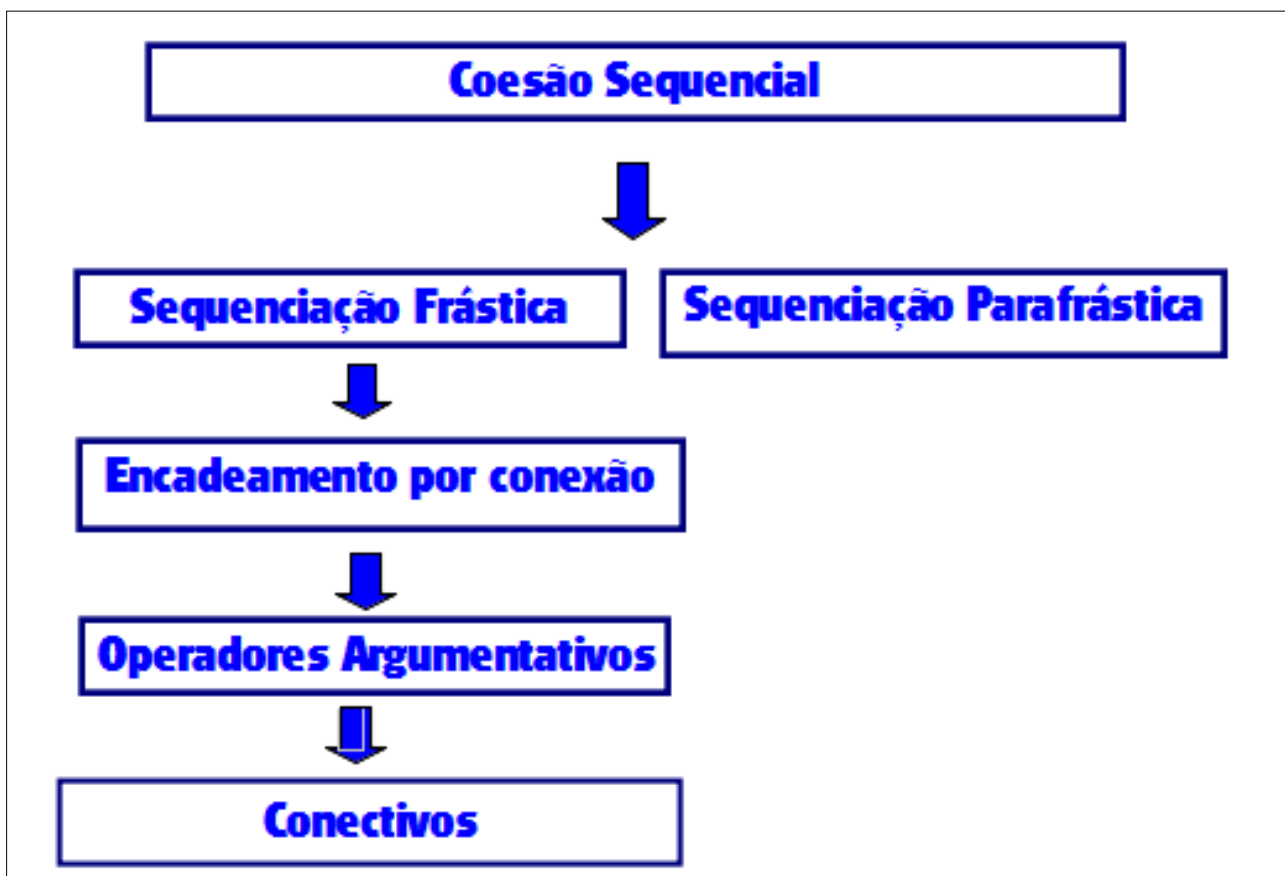
Os conectivos são normalmente utilizados para conectar sentenças de forma válida contribuindo para a construção de um sentido ampliado a partir da interpretação conjunta das sentenças originais.

Os conectivos ajudam a estabelecer uma sequência de ideias de maneira progressiva para a construção do sentido do texto. Esta é a função deles, fazer a associação de ideias estabelecendo a ligação entre elas. Eles podem pertencer a diferentes classes gramaticais: conjunções, advérbios, preposições, expressões adjetivas, etc.

Eles são essenciais para a construção da coesão e coerência de um texto. E podem expressar uma infinidade de sentidos: adição, afirmação, alternância, causa, conclusão, comparação, concordância, conformidade, condição, consequência, dúvida, exemplificação, finalidade, introdução, negação, opinião, oposição, proporção, propósito, relevância, resumo, reformulação, sequência, surpresa, tempo ...

Os conectores argumentativos adicionam à função de segmentação dos enunciados um marcador forte de assunção enunciativa. Diferentemente de outros conectores, eles orientam a cadeia verbal, desencadeando a retomada de um conteúdo proposicional seja como argumento, com uma conclusão, como um argumento encarregado de apoiar ou reforçar uma inferência ou ainda como um contra-argumento. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p.117)

Portanto, os conectivos são articuladores da mensagem do texto permitindo relacionar as ideias com clareza e organização. Eles permitem a conexão entre unidades do discurso marcando a retomada enunciativa e dando indicações da orientação argumentativa marcada pelo enunciador do discurso. Ou seja, eles sinalizam a intenção argumentativa do texto, orientando o fluxo textual. Eles delimitam as unidades iniciando e terminando porções de texto.



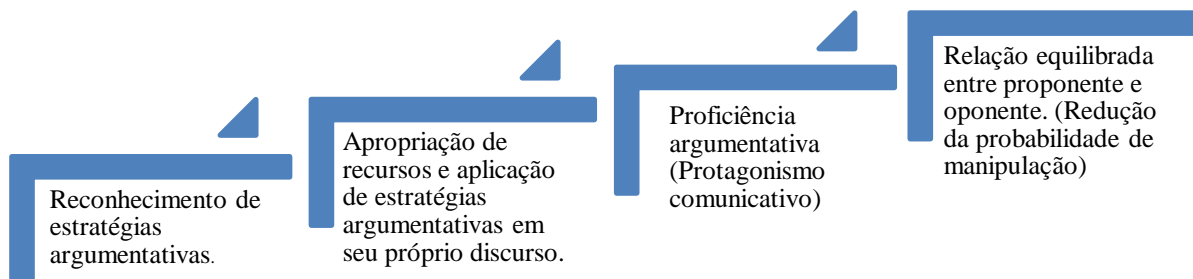
(fig. 2 - Esquema estrutural da coesão sequencial)

## 4 Metodologia: Aplicando a teoria

*Com uma única atividade deste tipo é difícil que todos os alunos se apropriem das características de um texto justificativo. Seria necessário que o trabalho das habilidades comunicativas fossem uma constante em todas as atividades levadas a cabo durante o curso. (CUSTÓDIO FITÓ, p. 5)*

Ao se escrever um trabalho acadêmico são muitas as inquietações que perpassam o pesquisador: identificar um tema necessário e delimitá-lo de acordo com a viabilidade de abordagem, recolher documentação sobre ele, ordenar esta documentação selecionando os pontos essenciais, reexaminar o tema de acordo com a novas informações trazidas pela documentação recolhida, definir objetivos, formular hipóteses, elaborar instrumentos de análise e recolhimento de dados, analisar dados, tecer considerações acerca dos resultados obtidos, empenhar-se para fazer-se compreendido pelo leitor e trazer contribuições acerca daquele tema ao debate acadêmico.

Ao iniciar a abordagem da argumentação focando no processo de construção de argumentos com o uso adequado de operadores argumentativos, já nos anos finais do ensino fundamental como orientam os documentos oficiais, propiciamos de forma mais eficiente a consolidação desta competência linguística na etapa seguinte: o ensino médio. E contribuimos, como escola, para a formação do pensamento crítico e reflexivo em nossos aprendizes, condição indispensável para atuar conscientemente na sociedade. A proposta é contribuir para a formação cidadã de nossos aprendizes.



(Fig 3 – Proposta da pesquisa)

A presente pesquisa prioriza seis características básicas, segundo a abordagem de pesquisa qualitativa de Moreira (2002):

- Foco na observação do problema;
- Priorização da perspectiva dos participantes (personalização das estratégias);
- Flexibilidade na condução da pesquisa;
- Foco no processo e não apenas no produto final;
- Preocupação com o contexto.

A metodologia proposta visa auxiliar professor e aprendizes a construir conhecimento de forma processual e contínua sobre coesão argumentativa ampliando a compreensão de conceitos e o domínio de procedimentos através de metodologia analítica e reflexiva. A pesquisa tem natureza qualitativa porque objetiva aprofundar a compreensão sobre a construção da coesão com a utilização de operadores argumentativos observando o uso dos mesmos e analisando este uso através das teorias escolhidas. É também pesquisa propositiva por sugerir estratégias de intervenção na situação analisada com o objetivo de modificá-la, buscando a melhoria nas habilidades argumentativas já evidenciadas e o desenvolvimento das habilidades ausentes.

A metodologia propõe direcionamentos na elaboração de estratégias para nortear o trabalho dos professores no desenvolvimento de habilidades argumentativas em seus aprendizes. Habilidades focadas na utilização apropriada dos conectivos utilizados no encadeamento de ideias para construção de argumentação.

Por que o foco no texto argumentativo? A argumentação está no centro das interações comunicativas mais estruturadas porque responde a uma pergunta explícita ou implícita, formulada ou não. Argumentar é construir uma resposta para essa pergunta fundamental. Segundo Plantin (2008, p. 70) “a argumentação é vista como um modo de construção de resposta a perguntas que organizam um conflito discursivo.”

A proposta se fundamenta na análise do processo de coesão operacionalizado pelo uso de conectivos. Considerando-se o argumento uma unidade semântica composta de ponto de vista e justificativa a proposta é auxiliar o aprendiz a aperfeiçoar suas estratégias argumentativas através do uso adequado de operadores argumentativos, em especial os conectivos.

Busca-se compreender o processo de construção da argumentação através do uso de conectivos e de que maneira a utilização equivocada ou a não-utilização dos conectivos interfere na coesão e coerência do texto escrito, prejudicando sua compreensão. A proposta analisa o desenvolvimento da competência argumentativa num processo sistemático e personalizado de acompanhamento do desenvolvimento do aprendiz propondo atividades direcionadas para a elaboração de justificativas e focando as estratégias na abordagem direcionada, progressiva e sistemática do uso de conectivos nas justificativas.

Ao elaborar um trabalho voltado ao desenvolvimento da argumentação dos estudantes é preciso pensar primeiramente nos aspectos que envolvem o processo cognitivo de criação de argumentos. É preciso que exista algo a se dizer, antes de preocupar-se em como dizê-lo.

É preciso situar e reconhecer a pergunta geradora em cada situação argumentativa. Primeiramente formular uma pergunta e depois buscar argumentos para respondê-la.

Inicialmente, faz-se necessário consolidar a compreensão do aprendiz sobre conceitos como: proponente, tese, argumento, oponente, contra-argumento. A prática oral de gêneros específicos da tipologia argumentativa em sala de aula como debate regrado, discurso, palestra, entrevista, etc (apesar de não ser especificamente um gênero argumentativo, a entrevista pode apresentar esse viés) cria oportunidades para os estudantes ouvirem pontos de vista sobre assuntos diversos e relacionados ao seu cotidiano ao mesmo tempo que também opinam sobre eles permitindo a compreensão, na prática, dos conceitos mencionados no início do parágrafo.

Atividades orais com a participação de estudantes e convidados despertam interesse e curiosidade, eles tendem a mostrarem-se participativos. Ao permitir a oposição de ideias na argumentação, favorece-se a formação do pensamento crítico e reflexivo, essencial na construção de conhecimento significativo. Outra vantagem, é o desenvolvimento de estratégias discursivas mobilizadas na argumentação oral. A expectativa é que estas estratégias se transfiram para a argumentação escrita também. E por fim, a prática de gêneros orais argumentativos em sala, permite a ampliação de visão de mundo dos proponentes e oponentes quando considerado o ponto de vista inicialmente defendido.

Uma sugestão que a pesquisa propõe é o trabalho argumentativo em diversas situações cotidianas e componentes curriculares, não se restringindo à língua portuguesa. A argumentação é bem-vinda ao considerarmos que promove a discussão sobre conceitos diversos em diferentes áreas curriculares, propondo a abertura para divergências e a necessidade de pesquisas para aprofundamento de diferentes assuntos. Qualquer que seja o contexto ou assunto, a argumentação promove uma negociação entre participantes que divergem de um tópico e assumem alternadamente as posições de proponente e oponente sobre os pontos de vista apresentados.

Exemplos de abordagem argumentativa com conteúdo de análise linguística:

Refletindo....



A) Por que estudar Gêneros Textuais? E Gêneros Literários?

B) De que maneira este conhecimento poderá ser útil na minha vida?

C) Concorda ou discorda com a frase abaixo? Justifique:



Obs: Compartilhe suas opiniões no grupo, debata com os colegas.

(Fig 4 - Acervo pessoal: proposta de exercício reflexivo sobre gêneros)

### Pronomes Possessivos



Observe o meme e reflita...

1º) O texto faz referência a uma expressão muito comum utilizada pelas pessoas em situações de conflitos e discordâncias. Qual é a expressão referenciada?

2º) Você já utilizou essa expressão? Já a ouviu de alguém? Em que situação?

3º) Quando o possessivo SUA (A culpa é sua.) é substituído pelo possessivo MINHA, como foi feito no texto, há mudança no sentido da expressão? De que maneira?

4º) Você concorda com a ideia expressa no texto? Por quê?



(Fig 5 - Acervo pessoal: proposta de exercício reflexivo sobre pronomes possessivos)

Operações cognitivo-discursivas são promovidas nestas atividades já que o proponente constrói conhecimento ao:

- Buscar razões que embasam seus argumentos;
- Analisar os contra-argumentos dos colegas e do professor sob o viés de sua sustentabilidade;
- Formular respostas reafirmando ou modificando seus argumentos iniciais.

Já ao oponente (professor, colegas) é sua função promover o diálogo, suscitando dúvidas e levantando questionamentos aos argumentos do proponente para ampliar o aprofundamento da discussão, possibilitando o surgimento de uma nova forma de compreensão do assunto discutido.

O objetivo das atividades orais é que o processo argumentativo (justificação de posicionamento, análise e resposta de contra-argumentos) impulse o estudante a refletir sobre o mundo que o cerca e suas concepções sobre este mesmo mundo. De que modo isto acontece? Enquanto a necessidade de justificação direciona o argumentador para a reflexão sobre o embasamento de seu posicionamento, a contra-argumentação direciona sua reflexão para a sustentabilidade de seus argumentos. A ideia é utilizar discussões pertinentes e contextualizadas sobre temas cotidianos que lhe são familiares, convidando-o a posicionar-se diante das situações discutidas e elaborar justificativas para tal posicionamento. Sequencialmente, a interação oral permite:

- Primeiro, que os aprendizes formulem opiniões: Exemplo: O que você acha disto?
- Segundo que eles justifiquem \ expliquem seu ponto de vista. Exemplo: Por quê?
- Terceiro, que formulem dúvidas, comentários, objeções (professor, colegas)

convidando à reflexão do argumento exposto, evidenciando alguma incoerência (semântica ou sintática) e sua possível reformulação.

A estratégia aqui é polemizar e discutir temas de interesse do aprendiz e pertencentes aos seus campos de atuação e interação.

Após as atividades de interação oral, é realizada a atividade escrita propondo a produção de justificativa para determinada situação-problema. A primeira produção escrita permite avaliar as dificuldades do público-alvo quanto à competência na elaboração de argumentação em justificativas observando a existência ou não de encadeamento coerente através de conectivos. Esta produção inicial fornece a base de comparação com produções posteriores para avaliação dos resultados. Esta primeira produção fica arquivada no portfólio do estudante com observações pontuais do professor que seriam do conhecimento do próprio aprendiz.



Tendo mapeado as dificuldades de seu público-alvo relativo à construção de justificativas, o professor adotará estratégias direcionadas para aquelas dificuldades específicas na utilização de encadeamentos coesivos. As estratégias confluem em duas frentes: primeira, identificar e analisar as habilidades apresentadas na construção de coesão argumentativa através da utilização dos conectivos; e segunda, aperfeiçoar e consolidar as habilidades demonstradas pelos aprendizes.

#### 4.1 Competência Argumentativa

Na etapa de aplicação das atividades, as práticas de encadeamento coesivo aplicadas são orientadas a partir dos seis níveis de desempenho da competência 4 do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio):

Na Competência IV, por sua vez, em linhas gerais, devemos avaliar se o repertório de recursos coesivos é diversificado e se esses recursos são utilizados adequadamente. Conforme já explicado, os elementos coesivos são marcadores explícitos que, se presentes nos textos, são facilmente identificáveis e, quando empregados de forma precisa, devem contribuir para a organização e compreensão das ideias apresentadas. (INEP, 2019, p. 16)

Nesta competência espera-se que o estudante demonstre conhecimento dos recursos linguísticos para construção de argumentação. Utilizando-se de variados recursos espera-se que consiga elaborar um texto coeso, estruturalmente encadeado contribuindo para uma argumentação coerente. Os níveis de desempenho desta competência são os seguintes, listados em ordem decrescente (nível mais proficiente ao menos proficiente):

- Articula bem as partes do texto e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos;
- Articula as partes do texto, com poucas inadequações, e apresenta repertório diversificado de recursos coesivos;
- Articula as partes do texto, de forma mediana, com inadequações, e apresenta repertório pouco diversificado de recursos coesivos;
- Articula as partes do texto, de forma insuficiente, com muitas inadequações e apresenta repertório limitado de recursos coesivos;
- Articula as partes do texto de forma precária;
- Não articula as informações.

Níveis de desempenho possíveis na Competência 4.  
Fonte: BRASIL (2019)

Etapas sugeridas para desenvolvimento da proposta:

1. Mapeamento das dificuldades: é proposta a realização de uma atividade para a justificção de determinada situação apresentada em sala. São esclarecidos os procedimentos e expectativas para a justificativa. As produções dos estudantes são analisadas sob a ótica da estrutura organizacional focando na utilização de recursos coesivos. Tomando como base a tabela de análise da competência 4 do ENEM, determina-se o nível que cada estudante apresenta nesta competência.

2. Apresentação de conteúdos relacionados ao tema: A sequência didática apresenta propostas de atividades sequenciadas em ordem crescente que priorizam o desenvolvimento de cada um dos níveis citados, evoluindo para o nível seguinte. Ao identificar anteriormente o nível inicial de seu público, o professor pode decidir adequar o início da sequência referente a média de desempenho do grupo, ou o mais recomendável, propor a cada estudante iniciá-la de um ponto diferente de acordo com as suas habilidades já consolidadas.

3. Demonstração de procedimentos para a efetivação da proposta de forma consistente: A partir de um tema gerador e uma proposta de texto justificativo, a sequência sugere atividades diversificadas com faixas diferentes de complexidade contemplando assim os seis níveis da competência.

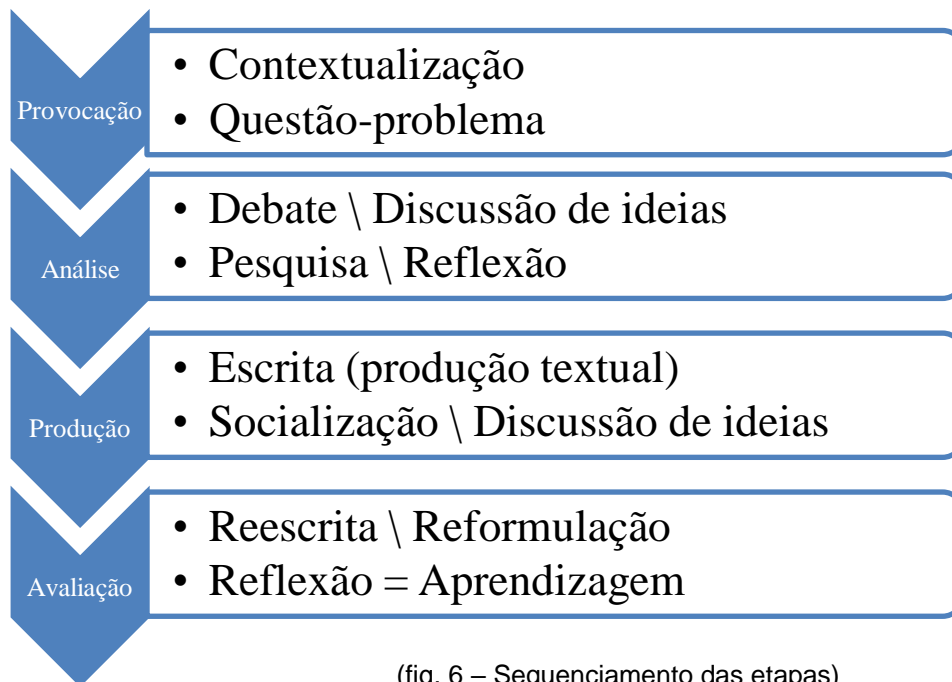
4. Exemplificação de habilidades: Leitura e análise de textos justificativos como modelos a serem atingidos.

5. Práticas diversificadas sob diferentes abordagens destas habilidades: Para contemplar cada nível dentro da competência, a atividade propõe desafios diversificados ao estudante versando sobre o mesmo tema.

6. Retroalimentação: Para o acompanhamento do progresso de cada aprendiz, as produções, comentários, reescritas e observações são arquivados no portfólio individual de cada um e compartilhado com eles.

7. Reflexão e análise dos avanços no processo: Comentários e considerações sobre os textos e atividades elaborados pelo professor e pelo aprendiz. Comparação entre o texto produzido inicialmente e o texto final.

Podemos visualizar como se organizam as etapas da proposta de abordagem do tema com o público-alvo:



(fig. 6 – Sequenciamento das etapas)

O portfólio servirá para arquivamento e documentação de todo o processo de desenvolvimento do aprendiz, possibilitando ao professor subsídios para uma avaliação personalizada de cada aprendiz.

A proposta é trabalhar com estudantes dos anos finais do ensino fundamental a escrita de textos com carácter argumentativo. O portfólio padrão pode estruturar-se a partir das seguintes partes:

- ficha inicial com dados do estudante, série, ano e escola;
- carta de apresentação do portfólio com descrição de seu objetivo, características, estrutura e abordagem;
- fichamentos com atividades orientadas pelo professor;
- anotações e registros das atividades propostas e realizadas;
- fichamentos de pesquisas;
- produções de textos (rascunhos, primeira versão, reescritas);
- comentários do professor sobre o desempenho nas atividades;
- diário reflexivo do estudante sobre seu desempenho;
- Fichas de autoavaliação propostas ao final de cada atividade: rubricas. (anexo 3)

## 4. 2 Gênero textual: Justificativa

Para testar a hipótese e produzir material de análise da produção escrita dos estudantes, o gênero escolhido foi a justificativa. Porque este gênero textual permite observar a escrita argumentativa em situações cotidianas e específicas de interação oral. Trata-se da justificativa utilizada para explicar ações e opiniões. Uma das funções primordiais das justificativas é argumentar de modo a convencer o ouvinte a posicionar-se, em concordância com o proponente impreterivelmente, diante do exposto. A justificativa também pode oferecer oportunidades de abordagem contextualizadas e especializadas na escrita argumentativa em diversos componentes:

Atestamos, portanto, a importância para a melhoria da aprendizagem ao aprofundar a aula em aspectos relacionados com a escrita de textos justificativos, uma vez que na trama de ideias aprendem o modelo científico.<sup>4</sup> (CUSTODIO FITÓ; SANMARTÍ, p.5, 2005)

Entenda-se justificativa como gênero textual argumentativo-explicativo que apresenta uma explicação fundamentada sobre um posicionamento, afirmação, conceito... com o objetivo de validação do mesmo.

Em relação aos aspectos mais relacionados com o padrão temático, ... o grau de pertencimento é mais elevado, no sentido que as razões ou argumentos que se usam globalmente têm coerência e fazem referência ao objeto da explicação. Igualmente as palavras se usam com maior grau de precisão e se usam algumas das entidades fundamentais para a justificativa. “tradução nossa” (CUSTODIO FITÓ; SANMARTÍ, 2005, p.3)<sup>5</sup>

É um gênero facilmente reconhecido pelo estudante e muito utilizado no ambiente escolar. As justificativas são requeridas dos estudantes para faltas, ausência em atividades e provas, não-realização de atividades, chegadas atrasadas, etc. Claro que muitas delas abrangem situações de interação oral, mas podem ser trabalhadas na modalidade escrita desde que devidamente contextualizadas.

As dificuldades de elaboração de textos argumentativos, observadas frequentemente nas produções escolares, têm sua provável origem em duas causas principais. A primeira é o desconhecimento do proponente sobre o tema proposto. A segunda grande dificuldade surge do desconhecimento e pouca familiaridade com a

---

<sup>4</sup> Original: “Valoramos, por tanto, la importancia para la mejora del aprendizaje de profundizar en el aula en aspectos relacionados con la escritura de textos justificativos a la vez que en la trama de ideas o modelo científico que aprenden.”

<sup>5</sup> Original: “En relación con los aspectos más relacionados con el patrón temático, ... el grado de pertenencia es más elevado, en el sentido que las razones o argumentos que se usan globalmente tienen coherencia y hacen referencia al objeto de la explicación. Igualmente las palabras se usan con un mayor grado de precisión, y se usan algunas de las entidades fundamentales para la justificación.”

estrutura do texto argumentativo e suas estratégias de elaboração juntamente com os recursos discursivos. Como ao público-alvo (8º ano) o currículo propõe iniciar a abordagem de textos argumentativos, o gênero textual justificativo mostra-se ideal por sua estrutura concisa, permitindo abordar esta competência de forma satisfatória em nível inicial.

Os estudos e pesquisas referentes especificamente ao texto justificativo, analisando-o como um gênero textual independente, são escassos. Comumente, quando a justificativa é mencionada em estudos e pesquisas, é configurada como uma parte, um segmento de gêneros mais complexos da esfera acadêmica como projetos de pesquisa, TCC (trabalho de conclusão de curso), teses, dissertações, etc.

No entanto, temos o gênero textual justificativa ou justificação continuamente circulando independente nas práticas comunicativas do ambiente escolar. Exemplos: a justificativa de faltas e atrasos requerida pela escola aos estudantes para explicar a ausência em atividades escolares, as discussões e debates em sala no qual as afirmativas são impreterivelmente seguidas de um “porquê explicativo”, as questões abertas de testes escritos nas quais o professor arremata o enunciado da pergunta com um clássico “justifique sua resposta” (para desalento dos estudantes...) são exemplos de como a justificativa permeia os atos discursivos na escola.

O texto justificativo tem como premissa principal a finalidade de explicar algo de forma a validar, retificar, esclarecer e/ou isentar o proponente a respeito do assunto tratado na justificativa. Ele é articulado pensando na reação e recepção do oponente ao tomar conhecimento do teor da justificativa. Ele estabelece uma relação de respeito e cortesia entre proponente e oponente da mensagem visto a necessidade do proponente em justificar-se e convencer seu interlocutor para que a comunicação seja bem-sucedida.

A justificativa é elaborada a partir de uma finalidade básica: ela responde a uma pergunta imposta ao proponente pelo seu interlocutor. O interlocutor é instigado pelo contexto a contestar o proponente e este proponente responde à pergunta por imposição do contexto que a situação exige. Seu interlocutor inquire e o proponente elabora uma resposta articulada com argumentos que a validem e passem pelo crivo avaliativo do inquiridor, convencendo-o do fato narrado:

... a situação argumentativa típica é definida pelo desenvolvimento e pelo confronto de pontos de vista em contradição, em respostas a uma mesma pergunta. Em tal situação, têm valor argumentativo todos os elementos semióticos articulados em torno dessa pergunta. Em particular, **as justificativas podem se fazer acompanhar de uma série de ações concretas, coorientadas pelas falas e visando tornar sensíveis as posições defendidas.** (PLANTIN, 2008, p. 65) “grifo nosso”

O fato de planejar o que se quer escrever, auxilia a organização e a exposição das ideias de forma mais completa, pertinente e clara. Há um detalhamento do que se quer explicar e justificar, quais os dados, que razões a favor e contra se podem considerar. Estas articulações no enunciado da justificativa insere a mesma na esfera dos textos argumentativos.

A justificação de faltas escolares, por exemplo, exige em alguns casos uma declaração escrita e apresentada pelos pais ou pelos responsáveis ao encarregado da escola por monitorar a frequência do estudante. Algumas escolas até estabelecem um modelo para esta justificativa que deve conter dados como: o dia, a atividade letiva perdida em que o fato ocorreu, o motivo justificativo da falta e a anexação de comprovação do motivo, quando cabível ao caso.

A justificativa em textos acadêmicos se apresenta mais estruturada de forma a expor seu caráter argumentativo mais claramente e objetivamente. Podemos definir a justificativa no âmbito acadêmico como um texto que aponta motivos, razões e objetivos que um determinado trabalho apresenta. Os argumentos apresentados na justificativa é que a tornam bem elaborada. Para elaborar uma justificativa coerente, o estudante precisa incluir argumentos convincentes que mobilizem o leitor a concordar com a relevância da abordagem daquele tema. A justificativa precisa convencer o público-alvo (avaliadores, orientadores) de que o tema e os problemas são importantes para o estudo e merecem ser investigados. É preciso esclarecer que a realização do trabalho mencionado trará benefícios para todos (estudantes, pesquisadores, comunidade, sociedade, profissionais da área). Esses aspectos da argumentação são o material de criação da justificativa. Uma boa justificativa demonstra quão estruturada e embasada se encontra a proposta de pesquisa. É justamente a justificativa que dará as informações para considerar o trabalho relevante, por isso ela precisa apresentar algumas informações imprescindíveis seguindo uma estruturação específica:

- Utilizar fatos - Justifica-se demonstrando fatos sobre o tema que contextualizam a abordagem que será empregada;
- Explicar com objetividade - Informa-se claramente e de forma direta os objetivos com o trabalho;
- Demonstrar dados e pesquisas - Basear-se em argumentos de fontes de pesquisa confiáveis que sejam relevantes para a abordagem do tema. Eles fornecem credibilidade para a pesquisa;

- Apresentar as consequências - Pensar nas contribuições que a pesquisa trará para a área de atuação. Quais as conclusões que o trabalho agrega ao conhecimento daquele tema?
- Fazer referências - As vozes de autoridade relevantes ao tema em estudo conferem credibilidade à proposta.

Estas dicas e instruções podem servir de orientação para justificativas em contextos escolares, auxiliando o estudante a estruturar seu enunciado argumentativo em diversas situações como seminários, declarações, questões dissertativas, debates. E em contextos cotidianos da esfera pessoal como disputas familiares nas quais bons argumentos e habilidade de persuasão são essenciais (como convencer os pais a permitirem a ida a uma festa...). Atentar sempre para a adequação da linguagem e do grau de formalidade do texto ao contexto e ao interlocutor.

#### 4. 3 Portfólio

*... ferramenta de avaliação que convida o aluno a contar a história de seu trabalho e a se tornar mais reflexivo sobre suas práticas.(KISH, 1997)*

O portfólio trata-se de um instrumento de avaliação surgido da esfera artística tendo como finalidade propor uma nova forma de avaliar as habilidades artísticas. Surgido nos Estados Unidos por volta da década de 90 propunha uma avaliação dinâmica e eficiente do desempenho do aprendiz. Há diferentes tipos de portfólios de acordo com as intenções e habilidades que se quer avaliar.

Para esta proposta de pesquisa, o acompanhamento do desenvolvimento do aprendiz e o constante *feedback* é imprescindível, daí a importância da utilização da estratégia do portfólio. Ao utilizar o portfólio a estratégia, que pretende ser instrumento de acompanhamento e retroalimentação, completa-se. O portfólio é um instrumento de avaliação processual e contínua no qual o aprendiz coleciona textos construídos por ele, sugestões de leitura, registros, comentários. O portfólio possibilita a leitura do processo percorrido pelo estudante ajudando o professor a organizar e adequar sua metodologia. Possibilita também que o estudante compreenda seu processo de aprendizagem. O registro a cada atividade realizada constitui o portfólio num meio de avaliação processual. A composição do portfólio pode contemplar: os trabalhos realizados pelo aprendiz, comentários do professor, autoavaliação, registros das atividades realizadas, considerações finais.

O portfólio usado como ferramenta escolar permite o acompanhamento, desenvolvimento e readaptação sincrônica do processo de ensino/aprendizagem

analisando os resultados obtidos. Sugere-se que ele seja idealizado logo no início do ano letivo ou período escolar e contenha um diário reflexivo, no qual o estudante anota suas percepções e tece comentários sobre as atividades desenvolvidas e seu próprio desempenho. Isto permite a prática do raciocínio reflexivo e o autoconhecimento sobre o processo de aprendizagem.

Esta ferramenta facilita a reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem quando bem definido o foco de análise, ou seja, a abordagem e as competências que se quer desenvolver e avaliar. Sua preparação e idealização pondera o processo de desenvolvimento de competências e a ressignificação do processo de aprendizagem permitindo ao estudante o acompanhamento consciente e reflexivo de sua prática e habilidades relativas a determinadas competências. Sua finalidade principal é proporcionar ao professor uma visão do estágio de conhecimento do estudante e de sua atuação em determinada competência, e vai além ao proporcionar ao próprio estudante a consciência de como o seu processo de aprendizagem se consolida e quais as suas dificuldades. Os portfólios convidam a uma atuação cooperativa e participativa de professor e aprendiz. Ambos são responsáveis pela escolha e confecção das partes e estrutura que compõem os portfólios.

Com o portfólio, o foco metodológico e avaliativo é levar o aprendiz a selecionar, assimilar, projetar, interpretar e refletir sobre seus interesses, habilidades e processo de desenvolvimento na categoria específica proposta como tema do portfólio. No caso específico desta pesquisa, o tema trata-se da observação de como se constrói a competência argumentativa em textos escritos. O professor observa o desempenho do estudante, sua capacidade de solucionar problemas e o processo como articula seus conhecimentos prévios e habilidades na construção da competência avaliada. O estudante arquiva as evidências de seu trabalho e é convidado a refletir e analisar seu desempenho, sempre acompanhado e assessorado pelo professor. Ou seja, o portfólio permite ao aprendiz desenvolver a habilidade de se autoavaliar. Esta ferramenta apresenta outras vantagens consideráveis:

- Permitir ao estudante demonstrar habilidades, ideias e valores de forma mais abrangente ao professor acerca da competência estudada;
- Permitir a reflexão e análise do próprio processo de aprendizagem e a possibilidade de desenvolver estratégias próprias de adaptação;
- Compreender a proposta e relevância do tema estudado de forma mais significativa, percebendo na prática as vantagens de aquisição de determinada competência;
- Fornecer retroalimentação ao processo de aprendizagem permitindo ao professor e



estudante fazer as adaptações necessárias durante o processo.

A estruturação do portfólio e sua implementação necessita ser realizada em etapas bem definidas por critérios específicos e selecionados cuidadosamente pelo professor de acordo com o objetivo do portfólio. Outra particularidade a considerar é a integração entre as atividades propostas. Os registros e comentários dos estudantes devem ser preservados e respeitados em suas peculiaridades porque representam o universo do estudante e a forma como ele vê sua produção.

O que se propõe é o estabelecimento de um círculo virtuoso entre diagnóstico, processo e avaliação, estando esta última permeada e infiltrada nas demais etapas e não como uma etapa isolada ao final do período.

Neste processo de aprendizagem mediado por esta ferramenta, o aprendiz começa a reconhecer, questionar e formar uma visão de mundo através das leituras e releituras do material de apoio sugerido pelo professor e de suas escritas e reescritas. É um processo importante para jovens adolescentes no final do ensino fundamental, os quais estão construindo sua identidade e sua concepção de mundo. Sendo os portfólios uma coletânea de experiências e suas reflexões sobre as mesmas, eles estimulam o pensamento crítico e reflexivo que são fundamentais para o processo de tomada de decisões em diversas situações da vida:

... reflexão reduz a tendência do aluno a ser impulsivo e melhora a capacidade de solucionar problemas. O pensamento reflexivo ajuda o aluno a analisar e debater o assunto, bem como melhora a comunicação. Além disso, promove a autoconscientização, forçando o indivíduo a questionar-se. (Kish et al., 1997, p.255)

A reflexão proporcionada pelo portfólio incrementa diversos aspectos cognitivos relevantes nos estudantes, que devem ser considerados, como:

- a capacidade de síntese de informações - ao ler e escrever sobre determinado tema, reformulando e apropriando-se da mensagem veiculada o estudante sintetiza e adequa a sua linguagem pessoal. A cada vez que o estudante reescreve o texto, essa capacidade de apropriação e síntese se aprimora;
- a autoestima e autoconfiança ao perceber seu progresso no aprendizado, motivam o estudante a continuar o processo de aprendizagem;
- estabelecimento de metas e critérios de autoavaliação à medida que se conhece melhor, desenvolvendo suas próprias estratégias de estudo;

- a necessidade de organização para catalogar e analisar as informações e resultados de seu trabalho permite ao estudante vivenciar na prática a necessidade de ser responsável e sentir as consequências do acúmulo de atividades.

Quanto ao aspecto reflexivo da abordagem de competências através de portfólios é preciso destacar a importância de uma definição consciente e planejada dos objetivos, habilidades e conteúdos a serem ensinados e avaliados. Coletar e arquivar apenas os trabalhos relacionados à proposta e que tenham real correlação com as competências que se pretende desenvolver. A finalidade do portfólio é reunir uma documentação coerente com o objetivo de aprendizagem e que possa fornecer ao professor e estudante o subsídio necessário para avaliar o progresso do processo de ensino-aprendizagem. A análise de todo esse material orientará o prosseguimento do planejamento inicial ou indicará a necessidade de adequações na proposta. Outro fator importante, é o estabelecimento de critérios avaliativos claros e condizentes com a proposta. Estes critérios precisam ser construídos com os estudantes e compreendidos por eles para mobilizá-los. Somente deste modo, o portfólio logrará êxito na tarefa de permitir ao professor e ao aprendiz uma visão nítida de seus progressos.

A avaliação com portfólios permite que a mesma seja efetivada em dois momentos: primeiro durante o processo de ensino no contexto da sala de aula e depois ao final do processo, pela análise do material arquivado. O planejamento prévio do professor com base nos objetivos curriculares para a competência em questão e conhecendo a realidade de seus estudantes permitirá utilizar esta ferramenta como uma documentação informativa e valiosa para avaliação do progresso de seus educandos.

O protagonismo no processo de aprendizagem do aprendiz exige que as ferramentas de ensino priorizem o desenvolvimento de competências ao invés da simples memorização de conceitos. Os materiais didáticos passam a ser recursos que geram conhecimento significativo a partir de experiências práticas vivenciadas pelos estudantes. Nessa perspectiva, o portfólio representa uma ferramenta útil para avaliação de desempenho, mas principalmente como uma estratégia de aprendizagem por competências. Na proposta de abordagem, com o uso de portfólios, a formação é reflexiva e ativa. O estudante passa a necessitar uma postura autônoma, participativa, colaborativa e comprometida com seu processo de aprendizagem e avaliação. Ao propor ao aprendiz que selecione o material que compõe seu portfólio, que opine e reflita sobre o material, sobre seu desempenho... ele vai gradativamente construindo e desconstruindo hipóteses sobre si mesmo e seu método de aprendizagem, refletindo criticamente sobre os fatos e opinando sobre eles.

## 5 Análise de dados

*Na argumentação, há irredutivelmente o enunciativo e o interacional... Trata-se então de articular um conjunto de noções que permitam levar em conta esse aspecto biface da atividade argumentativa. (PLANTIN, 2008)*

Antes de propor uma abordagem metodológica para a questão em estudo, ou seja, para a utilização dos operadores argumentativos nos textos escritos dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental, faz-se necessário conhecer o público-alvo quanto ao nível da produção textual escrita e coletar informações sobre o desempenho atual na competência argumentativa com a utilização de operadores argumentativos. Como professor-pesquisador é possível fazer esta sondagem de forma contínua e processual devido ao contato constante com este público, permitindo uma observação sistemática dele.

Para realizar a sondagem, foram propostas atividades durante o primeiro bimestre de 2022 (dois mil e vinte e dois) que contemplassem a produção escrita dos estudantes com a finalidade de observar como desenvolvem seus textos escritos, atentando principalmente para a utilização de conectivos.

Foram propostas atividades que contemplassem a estrutura descritiva, narrativa e dissertativa. O objetivo foi verificar a desenvoltura espontânea na produção textual dos estudantes e se haveria diferenças significativas no desenvolvimento dos textos de diferentes tipologias relacionadas à utilização ou não de conectivos para encadeamento deles. A diversificação de tipologia se justifica ao assentir com a ideia de que a argumentação perpassa todos os tipos de enunciados. O fato de enunciar algo já marca um compromisso do enunciador com o que foi efetivamente enunciado, atribuindo ao enunciado em si sua credibilidade como enunciador:

... se considerarmos que a argumentação é a operação que “[provoca] ou [aumenta] a adesão dos espíritos às teses que apresentamos a seu assentimento”, então, a rigor, o enunciado mais banalmente informativo pode ser considerado como uma tese, e o mero fato de pronunciá-lo em condições normais faz com que ele se apoie sobre a autoridade de seu locutor, assegura-lhe certa credibilidade e provoca certa adesão de espírito do interlocutor. (PLANTIN, 2008. p. 43)

A estrutura descritiva foi a primeira a ser proposta. A descrição trata-se de um tipo textual com estruturação simples, não necessitando a utilização de períodos longos. A finalidade desses textos é a apresentação verbal de um elemento, caracterizando-o. Esta apresentação pode assumir contornos objetivos e/ou subjetivos. A descrição é objetiva quando tenta ser neutra, imparcial, sem julgamentos de valor, pelo menos aparentes. Já na descrição subjetiva há uma apreciação clara do elemento descrito, uma opinião a respeito dele geralmente é expressa pela modalização do discurso observada principalmente no uso

de adjetivos favoráveis ou desfavoráveis na caracterização do elemento. Na descrição subjetiva é possível perceber uma tentativa de influenciar o leitor do texto a respeito do elemento descrito.

### **Atividade 1. Descrição de imagem**

A primeira proposta foi a descrição de uma imagem. O enunciado da proposta pedia: “Observe atentamente a cena e descreva-a em detalhes.”

Foram distribuídas imagens de pinturas aos estudantes para sua apreciação. Foi pedido que descrevessem a imagem ilustrada na pintura. Como se trata de recriações artísticas de cenas e paisagens do cotidiano filtradas pelo olhar do artista que as produziu; foi orientado que além das características objetivas: cores, formatos, texturas, etc ... os estudantes descrevessem as sensações e impressões que a imagem lhes despertava. Ao todo, vinte e seis estudantes de uma turma de 8º (oitavo) ano do ensino fundamental participaram da atividade. Os textos descritivos são uma proposta inicial adequada para observar a competência textual de forma geral e permitir aos estudantes demonstrarem as habilidades já consolidadas na escrita. É possível analisar o vocabulário, os obstáculos na estruturação do texto e até mesmo os perfis estilísticos de cada um. É revelador notar que a mesma proposta de atividade resulta em diferentes abordagens dependendo da interpretação e conhecimentos prévios de cada um. Esta constatação, já estudada por Ducrot, confirma o carácter particular e individualizado que a interpretação do enunciado assume diante dos interlocutores:

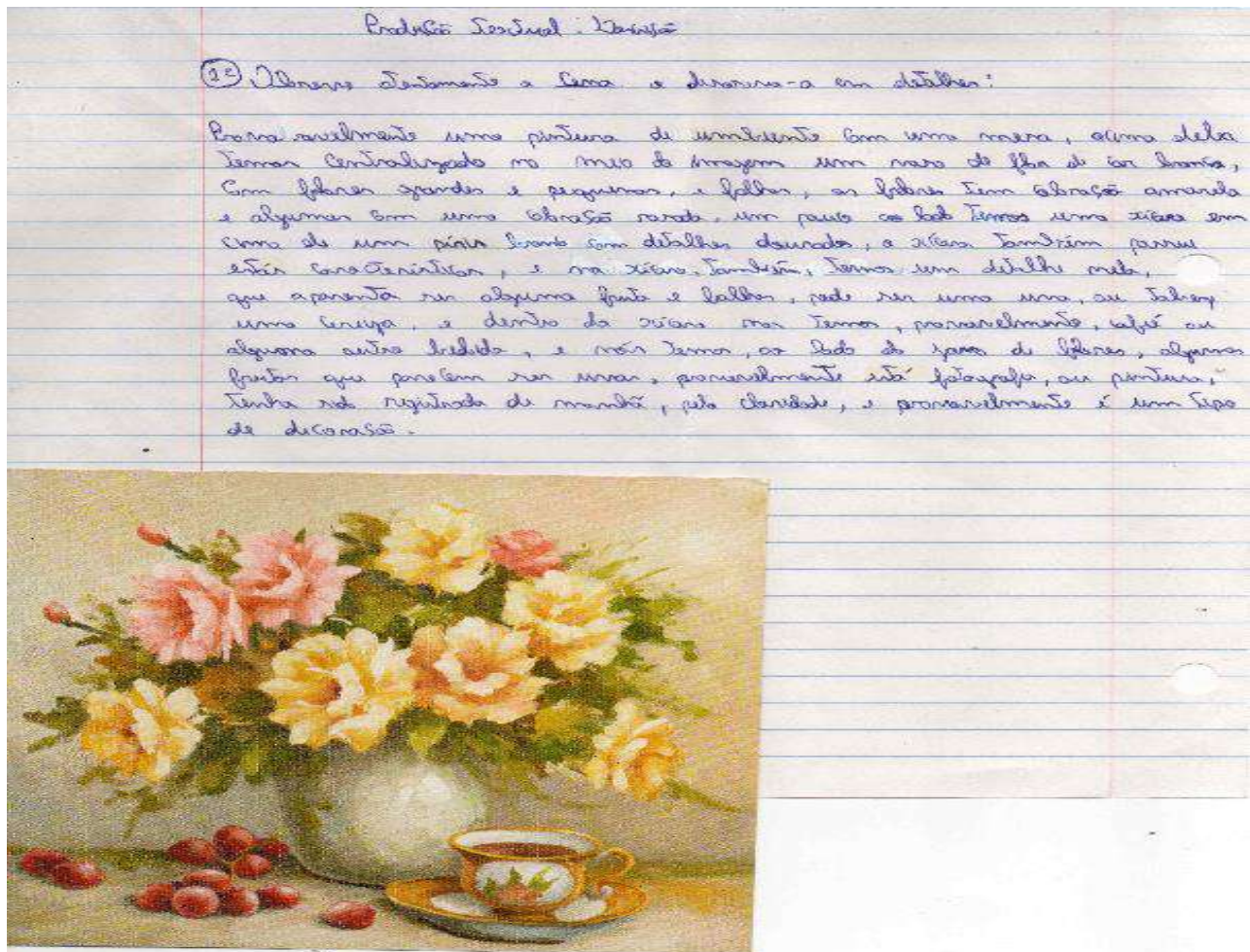
Segundo Ducrot, a frase só contém instruções para aqueles que deverão interpretar o enunciado, tendo claro que, por meio do processo de enunciação, uma mesma frase pode produzir diferentes enunciados, de acordo com os objetivos do locutor. (OLIVEIRA, 2013. p. 189)

A título de exemplificação, vamos analisar mais detalhadamente, três dessas produções que trazem as características predominantes nos textos apresentados pelos estudantes. Considerando como texto as produções estudantis que se apresentem como um ato de linguagem significativo e contextualizado. Segundo Antunes (2017):

Para que um conjunto de palavras ou de frases seja um texto, é necessária uma condição básica: que esse conjunto possa satisfazer às exigências de uma ‘ação de linguagem’, semântica, cognitiva e socialmente relevante, o que mesmo intuitivamente, se percebe com certa facilidade. (ANTUNES, 2017, p. 45)

A proposta de produção dos textos priorizou a contextualização dos mesmos partindo de situações cotidianas.

## 1º Exemplo

(Fig. 7 - E1 / D1)<sup>6</sup>

Na descrição do estudante E1 temos um direcionamento objetivo do discurso com a descrição detalhada da cena que tenta reproduzir a pintura com exatidão. A descrição abrange aspectos como cores, tamanho e posição. Outro recurso que revela essa tendência à imparcialidade é a utilização de advérbios como “provavelmente” repetidas vezes nos seguintes trechos: “Provavelmente uma pintura de ambiente com uma mesa...”, “...e dentro da xícara nós temos, provavelmente, café ou alguma outra bebida.” e “provavelmente esta fotografia, ou pintura, tenha sido registrada de manhã, pela claridade, e provavelmente é um tipo de decoração.” A utilização reiterada do advérbio denota que o enunciador não deseja comprometer-se com uma informação que não tem certeza. Outro trecho que reforça essa escolha pela neutralidade é o uso do advérbio “talvez” para indicar dúvida “... pode ser uvas ou talvez uma cereja”. A escolha por uma descrição aparentemente neutra, é intencional e modalizada propositalmente pelo proponente.

<sup>7</sup> E1 (Estudante 1) D1 (descrição 1)

Os sentidos e as intenções, sobretudo em sua dimensão global, vão sendo identificados a partir de tais recursos, os quais, dessa forma, funcionam como pistas, indícios. A superfície de qualquer texto mostra diferentes pistas e indicações de por onde vão os sentidos e as intenções pretendidos pelos interlocutores. (ANTUNES, 2017, p. 46)

Objetiva distanciar-se do objeto descrito para categorizá-lo o mais fielmente possível. O estudante compreendeu que a proposta de produção textual tinha por finalidade o detalhamento exato da figura a ser descrita. O discurso aparentemente imparcial, objetiva transmitir exatidão.

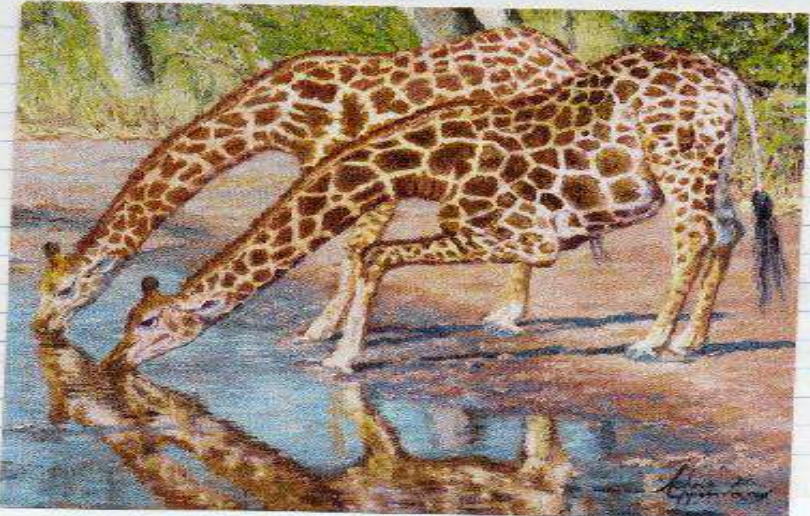
O conectivo mais utilizado é o “E” em períodos simples e períodos compostos por coordenação para indicar uma sequenciação das características da cena descrita. O conectivo não foi utilizado para indicar uma mudança de direcionamento semântico ou argumentativo. Trata-se de uma descrição predominantemente objetiva, denotativa.

## 2º Exemplo

*Produção textual - descrição*

na imagem consigo descrever girafas grandes e bem nutridas, de partes cores e troços. Em um lugar recoberto de árvores e mata. Na luz do dia, com verde e amarelos, por fimmente diria por encontrarem um lugar para montar sua rede. Pequenos cantos e pits fortes são o que vejo. Manchas mais escuras que outros e alhos amarelos.

Rio de águas quias e cristalina, bem conta com a foto de que seus reflexos são extremamente semelhantes. folhos secos e podres, sua natureza e movimento, cada uma curva ou inclinada não o que vejo mais uma vez.



(Fig. 8 - E2 / D1)<sup>7</sup>

<sup>8</sup> E2 (Estudante 2) D1 (Descrição 2)

Neste texto, o enunciador inicia sua descrição de forma objetiva: “*girafas grandes e bem nutridas*”, “*rio de águas azuis e cristalina*”, “*folhas secas e paradas*”. O discurso é direto, os períodos são curtos e utilizam a voz ativa. Há inicialmente um direcionamento discursivo para a imparcialidade na descrição. No entanto, encontramos um trecho no qual o estudante faz uma inferência a partir da sua interpretação da imagem: “*Na luz do dia, com sede e cansadas, mas finalmente aliviadas por encontrarem um lugar para matar sua sede.*” Esta inferência modaliza subjetivamente a descrição. Quanto ao uso de conectivos, podemos observar maior ocorrência e diversidade de conectivos do que no texto anterior. Temos conectivos com valor semântico de adição (E), de oposição (MAS e SEM), de finalidade (POR e PARA). Os conectivos direcionam a perspectiva de direcionamento semântico que se confirma na sequência discursiva. A maioria dos conectivos foram utilizados adequadamente, no entanto, o trecho iniciado com o conectivo SEM encontra-se deslocado no texto, apresentando certa incoerência argumentativa. A descrição apresenta características objetivas e subjetivas, demonstrando uma intenção de aprofundar a caracterização do elemento através da interpretação dele.

O discurso não é discurso a não ser que seja relacionado a uma instância que, ao mesmo tempo, se põe como fonte dos pontos de referência pessoais, temporais, espaciais, e indica qual atitude adota em relação àquilo que se diz e a seu interlocutor (processo de modalização). (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 171)

O texto impõe ao seu enunciador a contextualização e o posicionamento diante daquilo que comunica para alcançar a seu interlocutor e realizar a finalidade do texto. Ao utilizar a princípio uma modalização neutra em relação ao objeto descrito, o estudante tenta ater-se ao que acredita ser a finalidade da proposta de produção textual: uma descrição realista da figura. No entanto, o autor ao tentar aprofundar sua descrição, a interpreta e busca operadores argumentativos que o possibilitem descrever o detalhamento para além do que está posto em evidência na cena, conectivos que o permitam descrever suas inferências sobre ela como no trecho: “*Na luz do dia, com sede e cansadas, mas finalmente aliviadas por encontrarem um lugar para matar sua sede.*” Há um convite implícito para que o interlocutor veja a cena, através das palavras do locutor, numa modalização que intenciona cativar o interlocutor: “*fortes cores e traços. Em um lugar rodeado de árvores e mato.*”

## 3º Exemplo:

(Fig. 9 - E3 / D3)<sup>8</sup>

Neste texto vemos a predominância de subjetividade na descrição. A utilização constante de comparações ajuda o escritor a expressar suas impressões pessoais de forma poética: “o céu azul com nuvens brancas como a neve” e “As flores são vermelhas como cereja e perfeitamente lindas.” Os adjetivos escolhidos reforçam o aspecto idílico que o autor deseja conferir à descrição da cena: *lindas, doce, aconchegante*. Há também a utilização da primeira pessoa do singular no texto como recurso expressivo, o autor se transporta para a cena e o testemunho de suas sensações dá autenticidade à sua descrição, buscando sensibilizar o leitor: “*Mesmo não estando lá, sinto a brisa do vento batendo em meus cabelos, vejo o amanhecer do sol.*” Os períodos são curtos e não apresentam uso expressivo de conectivos. Apesar de não haver uso variado de conectivos, o texto se apresenta coeso e coerente. Quando a descrição apresenta caráter subjetivo é possível perceber movimentos retóricos que apresentam traços argumentativos visto terem a finalidade de sensibilizar e convencer o leitor do ponto de vista do autor, convidam para um diálogo:

Toda enunciação, mesmo produzida sem a presença de um destinatário, é de fato assumida em uma interatividade constitutiva, ela é uma troca, explícita ou implícita, com outros locutores, virtuais ou reais, ela supõe sempre a presença de uma outra instância de enunciação à qual o locutor se dirige e em relação à qual ele constrói seu próprio discurso. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 171)

<sup>8</sup> E3 (Estudante 3) D3 (Descrição 3)



As três (3) produções textuais analisadas representam o conjunto das abordagens utilizadas pelos estudantes, desde a puramente objetiva e distanciada do objeto descrito, passando por aquelas que utilizaram aspectos objetivos e subjetivos na descrição, até aqueles que privilegiam a subjetividade em seus textos.

Quanto à questão particular da utilização dos conectivos, temos o seguinte quadro:

Atividade1: Descrição de imagem Utilização de elementos coesivos		
Elemento Coesivo	Frequência	Valor semântico
aliás	1	inclusão
e	39	adição
enquanto	2	simultaneidade
então	4	conclusão
já	3	temporal
mas	11	adversidade
mais uma vez	1	adição
mesmo	1	referencial
nem	2	exclusão
no final	1	conclusão
ou	2	alternância
pois	3	explicação
porém	1	adversidade
porque	3	conclusão
provavelmente	3	dúvida
quando	5	tempo
realmente	1	confirmação
sem	2	exclusão
só	1	restrição
também	9	adição
talvez	1	dúvida

(Quadro 1)

É perceptível a utilização apropriada de diversos conectivos. Apesar dos estudantes adotarem preferencialmente o uso de períodos simples e curtos evitando a utilização de conectivos, quando se fez necessária a utilização de conectores observou-se que os mesmos foram utilizados de forma adequada e coerente. A coerência construiu-se à medida que os locutores tentaram estabelecer comunicação com seu interlocutor numa interação intencional com seu oponente presumido:

A coerência é a propriedade que deixa o texto na condição de um todo interpretável. Ou seja, a atividade empreendida pelos interlocutores gira em torno de fazer-se compreender (pelo lado de quem está com a palavra) e gira em torno de recuperar (ou entender) os sentidos do que é dito (pelo lado de quem ouve ou lê a palavra). É um jogo interativo de mútua cooperação. (ANTUNES, 2017, p. 46)

Na análise dos textos, observa-se a recorrência dos conectivos mais usualmente utilizados por eles na interação oral. As relações semânticas mais estabelecidas com o uso

dos conectivos foram a de adição e sequenciação. Marcas de oralidade, como a utilização de períodos simples, ausência de elementos coesivos e recorrência de termos bastante utilizados e repetidos atestam essa predominância do discurso oral nos textos escritos.

## **Atividade 2. Relato pessoal**

A segunda proposta, foi elaborada a partir da leitura da crônica “A minha escola” do livro “Procura-se um amor” da escritora Adriana Falcão (anexo1). A partir da leitura da crônica foi proposto aos estudantes a descrição de sua própria escola, ou melhor, foi proposta a apresentação da escola sob o olhar de cada um, assim como a personagem da crônica fez, mesclando aspectos objetivos e subjetivos com suas impressões e interpretações. A crônica citada como exemplo, apresentou sequências descritivas entremeadas com narração. A protagonista utilizou a primeira pessoa do singular para expressar suas impressões e opiniões sobre a escola, à medida que a descrevia. Até mesmo a parte descritiva da crônica está permeada de subjetividade. Ao todo, 12 (doze) estudantes realizaram a atividade. Esta proposta textual mescla elementos narrativos e descritivos.

O texto narrativo apresenta uma estruturação bastante familiar aos estudantes ao qual eles têm contato desde a infância. Quando crianças, as narrativas fizeram parte do repertório de interações comunicativas para muitos deles. Cantigas, contos de fadas, brincadeiras... que contam histórias e através delas nos conectamos com o mundo e estabelecemos relações entre as pessoas. Através das narrativas vamos construindo nossa compreensão sobre o mundo que nos rodeia.

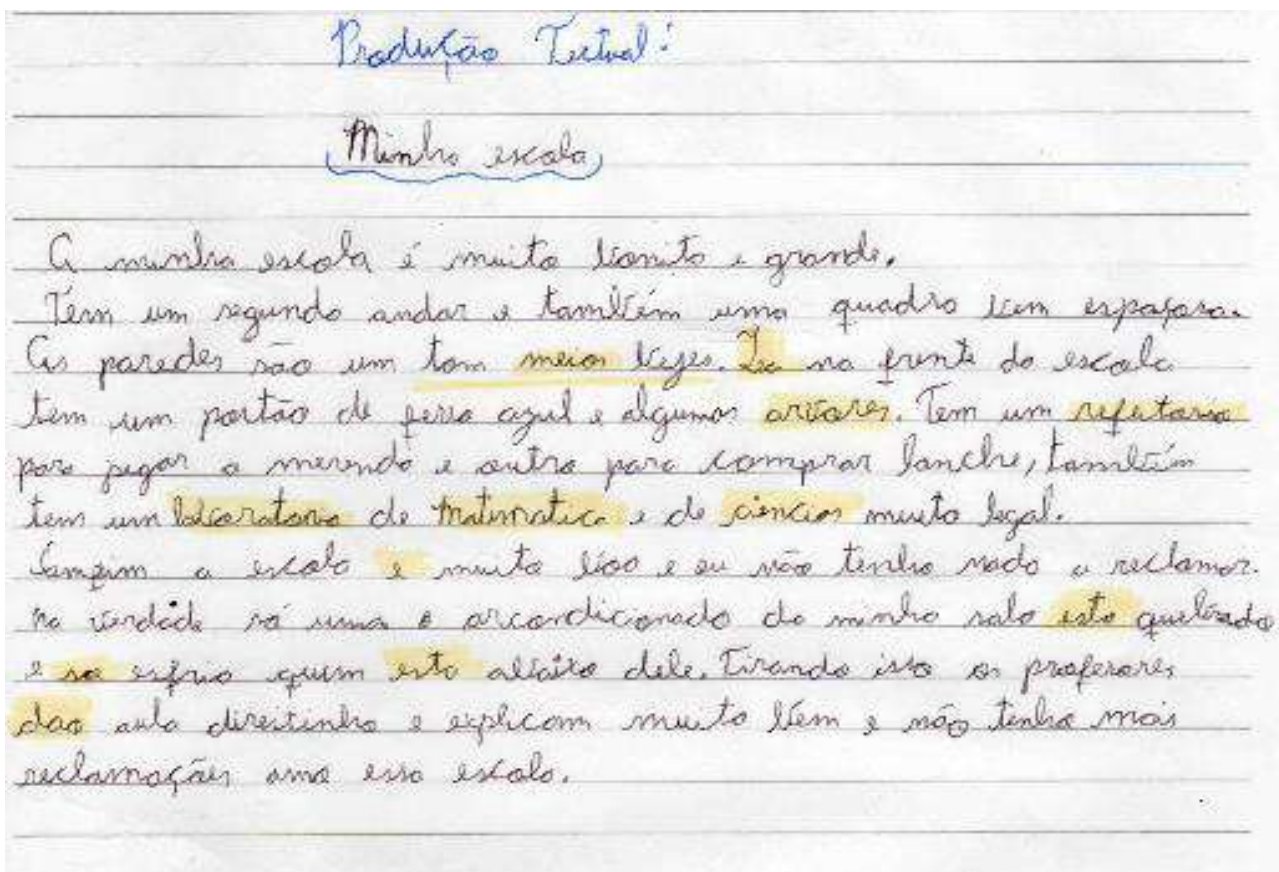
A estrutura básica de uma narração se constitui de introdução, desenvolvimento e conclusão. Ou seja, começo, meio e fim. Os elementos narrativos são conhecidos dos estudantes: personagens, espaço, tempo, enredo, conflito e narrador. Essa estrutura familiar ao estudante facilita a abordagem do texto narrativo e permite que eles se expressem com propriedade. A narração permite ao estudante intercalar sequências textuais diversas como a descritiva, expositiva, argumentativa na constituição da tessitura do texto que está compondo:

É nesse nível textual que a ordem cronológica da história contada é ou não revelada (ordem), que os fatos são resumidos ou, ao contrário, desenvolvidos (rapidez). É nesse nível de textualização, igualmente, que podem se intercalar descrições, diálogos ou comentários. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p.343)

A narrativa constrói a textualização da história, ou seja, sua articulação a partir da organização de diversos elementos combinados na micro e na macroestrutura textual que encadeados estruturam a proposta de texto imaginada pelo autor.

Destacamos três (3) exemplos para uma observação mais detalhada do desempenho dos estudantes nesta atividade:

1º exemplo:



(fig.10 - E4 \ R1)<sup>9</sup>

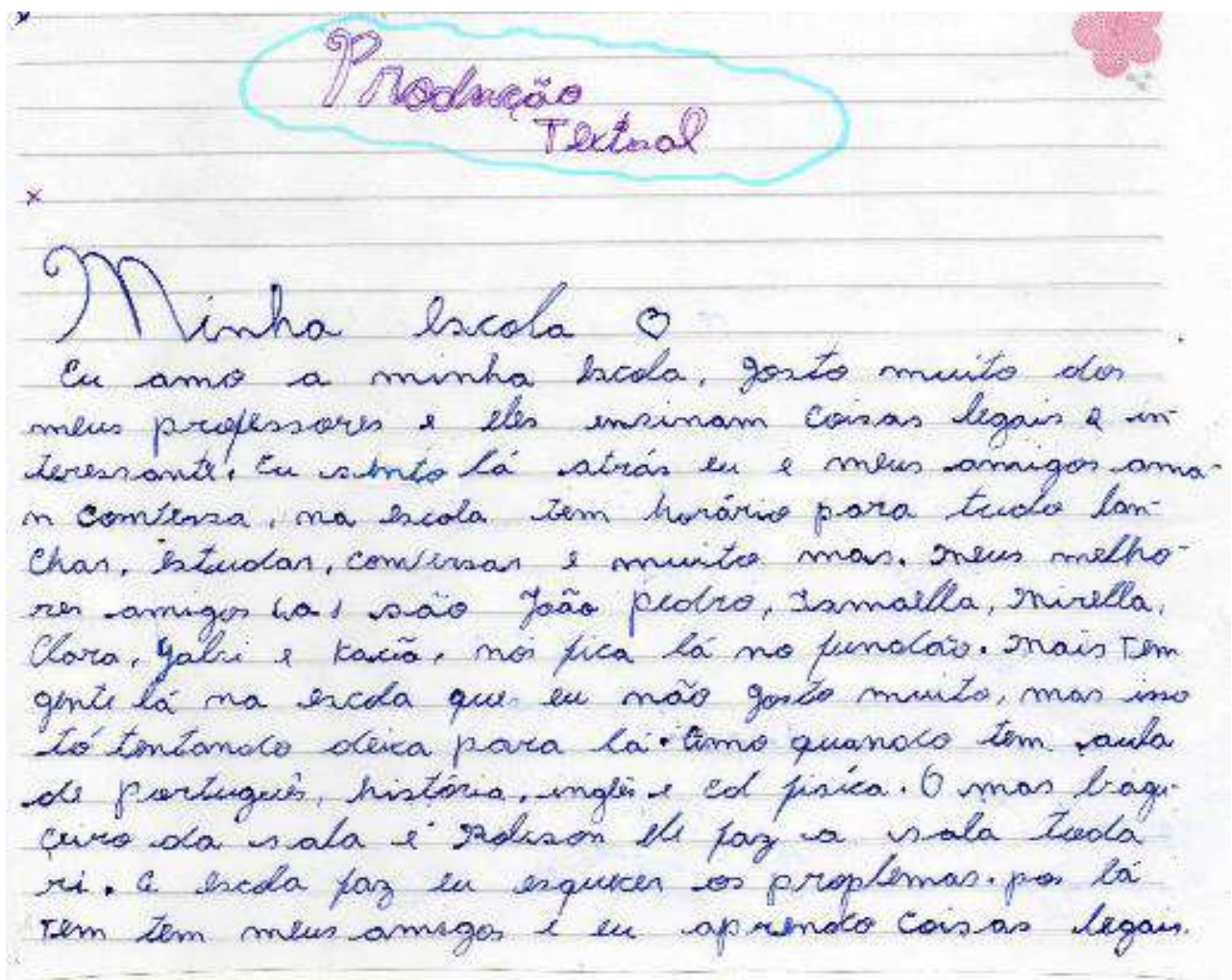
No relato acima, o estudante priorizou a caracterização objetiva da escola ao descrever a estrutura física do prédio. Trata-se de uma listagem na qual os aspectos físicos da escola são enumerados. O estudante utilizou a terceira pessoa do singular para demarcar bem essa análise objetiva. No último parágrafo, no entanto, o enunciador assume o foco narrativo e expressa sua opinião e impressões, finalizando com um inesperado: "...amo essa escola." A utilização de conectivos é restrita, limitando-se a algumas ocorrências de E para conectar períodos compostos por coordenação. O conector foi utilizado, algumas vezes com o intuito de formular sequências do tipo causa-consequência.

<sup>10</sup> E4 (Estudante 4) - R1 (Relato 1)

Podemos observar isto no trecho “*Tirando isso os professores dao aula direitinho e explicam muito bem.*” Ou seja, os professores ministram direito suas aulas e por isso explicam muito bem, segundo o estudante. A utilização do conectivo E para além do valor semântico de adição, demonstra consciência de outras construções possíveis de coerência com os conectivos.

A ausência de conectivos diversos não prejudica substancialmente a coerência do texto apresentando uma sequenciação lógica e o último parágrafo apresenta ideia conclusiva com a utilização de um apropriado ENFIM.

2º exemplo:



(fig. 11 - E5 \ R2)<sup>10</sup>

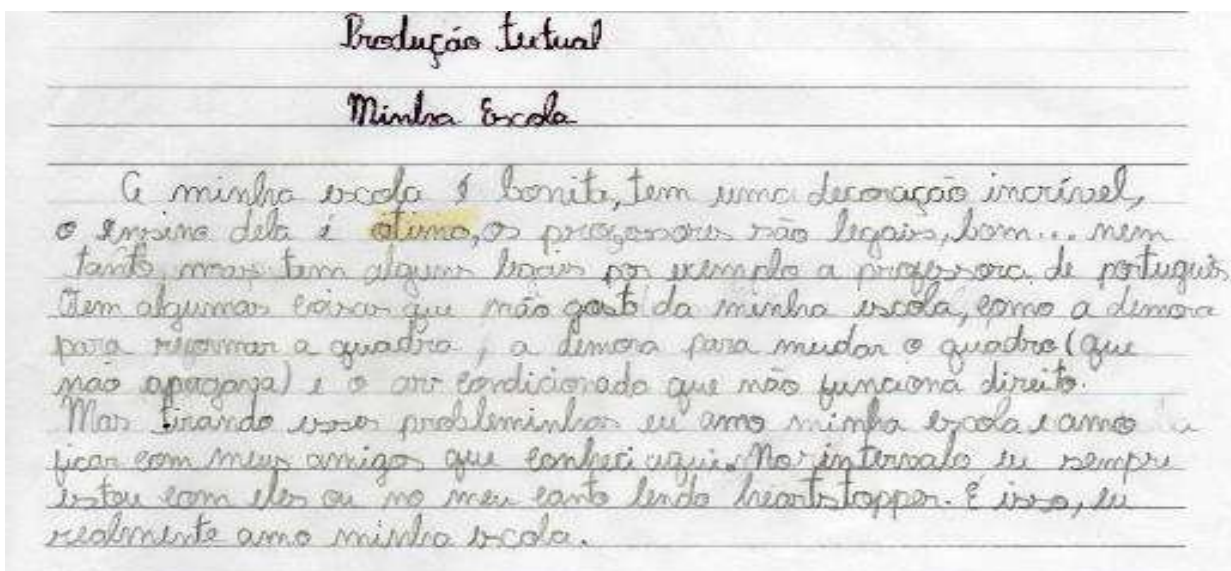
<sup>11</sup> E5 (Estudante 5) - R2 (Relato 2)

Este relato concentrou-se nos aspectos afetivos e positivos que a escola desperta no estudante: seus amigos que são a turma do “fundão”, os componentes curriculares que mais aprecia, o aluno brincalhão da turma. A escola é considerada por esta pessoa como um refúgio, um lugar no qual ela gosta de estar: “A escola faz eu esquecer os problemas”. Prevalece a subjetividade na descrição. O texto é todo escrito utilizando a 1ª (primeira) pessoa do singular. Os períodos são curtos e coordenados. A utilização dos conectivos é restrita. A maior incidência é do conectivo E para dar sequência aos aspectos descritos. O outro conectivo utilizado é o MAS para contrapor a afirmação anterior e para dar continuidade ao enunciado assumindo também o sentido de enumeração. A baixa incidência de conectivos compromete a coesão do texto? Não necessariamente.

Mas é por que apresenta marcas de conectividade-coesão que um texto é julgado coerente? (...) Os marcadores de coesão são apenas indícios de uma coerência a ser construída pelo trabalho interpretativo, eles estão aí para facilitar este trabalho. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 99)

A ausência de conectivos não compromete a coerência do texto substancialmente, mas sim a sua coesão que limita a expressividade do enunciado, algumas ideias estão desconectadas das anteriores. O texto mais assemelha-se a uma enumeração, uma listagem de preferências, sem uma ordenação aparente.

3º exemplo:



(fig. 12 - E6 \ R3)<sup>11</sup>

<sup>12</sup> E6 (Estudante 6) - R3 (Relato 3)

Neste relato observamos um posicionamento que pretende ser objetivo, mas demonstra certa modalização no discurso através da escolha dos adjetivos: “*escola bonita, decoração incrível, ensino ótimo, professores legais*”. A princípio, uma descrição generalizante, sem particularidades que revelassem a significação da escola para o enunciador. Em seguida, o autor particulariza algumas situações problemáticas da escola o que confere autenticidade ao relato: “*Tem algumas coisas que não gosto na minha escola, como a demora para reformar a quadra, a demora para mudar o quadro (que não apagava) e o ar-condicionado que não funciona direito.*” Ao final, minimiza as dificuldades ao classificá-las de “*probleminhas*”. E na finalização do texto, assume a voz narrativa utilizando a 1ª (primeira) pessoa do singular: “*É isso, eu realmente amo a minha escola.*” Permanece neste texto a tendência à ausência de conectivos, e a predominância de períodos simples e curtos. Há a marcação da ideia de contraste pelo uso dos conectivos NEM TANTO e MAS de forma apropriada e o encaminhamento para a finalização do texto sinalizado pela expressão “*É isso...*” O texto apresenta coerência, mas a coesão está ausente entre os períodos, se considerarmos a utilização de conectivos. No entanto, a ausência de conectivos não compromete consideravelmente a coerência, visto que esta pode ser construída e resgatada através de elementos discursivos contextuais:

(...) a coesão é determinada linguisticamente no plano da ordem (interna e abstrata) do texto. (...) Sendo a coerência, ao contrário, da ordem das práticas discursivas, ela tem mais a ver com uma análise do discurso atenta ao gênero de discurso, ao objetivo do texto, aos saberes recíprocos dos coenunciadores no contexto de uma dada interação. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014, p.99)

Nestes relatos analisados, os enunciadores assumem o protagonismo utilizando a primeira pessoa do singular, seja em todo o texto ou em algumas partes apenas. Fato que se repete em praticamente todos os demais relatos do público-alvo. Eles se detêm pouco nos aspectos físicos e estruturais das escolas, a não ser que estes aspectos impactem de alguma forma a experiência deles no ambiente escolar como o mal funcionamento dos aparelhos de ar-condicionado, citado por vários deles.

Ao se analisar todos os relatos constatou-se que a subjetividade parece ser potencializada se o elemento descrito for próximo ao enunciador. Quando há uma relação de convívio e familiaridade entre descritor e descrito, como é o caso da escola, pode-se notar predominância na linguagem subjetiva pela escolha dos adjetivos para caracterizar. Uma modalização visível do discurso em tom favorável, em sua grande maioria: boa, bonita, incrível, legal, espaçosa.

Quanto a utilização dos conectivos temos:

Atividade 2: Relato pessoal Utilização de elementos coesivos		
Elemento coesivo	Frequência	Valor semântico
além de	2	adição
agora	1	tempo
às vezes	4	frequência
como	1	comparação
e	33	adição, sequência
enfim	1	conclusão
mas	17	oposição
muitas vezes	2	frequência
na verdade	1	confirmação
nem tanto	2	oposição
ou	3	alternância
pois	1	explicação
por	1	consequência
por causa	1	consequência
porém	1	oposição
porque	2	explicação
quando	1	tempo
que	15	explicação
se	1	condição
só que	1	oposição
também	4	adição

(Quadro 2)

O conectivo E indicando adição e sequenciação juntamente com o conectivo MAS foram os mais utilizados evidenciando a influência da oralidade sobre o texto escrito visto que esses conectivos já se consolidaram no discurso oral dos falantes. É possível perceber também a utilização destes conectivos lhes atribuindo sentidos divergentes do mais usual, o que permite intuir que a compreensão semântica dos enunciados e as possibilidades de uso destes conectivos trata-se de habilidade consolidada:

... o mesmo conectivo pode expressar relações semânticas diferentes: é, pois, preciso saber reconhecê-las. A omissão de conectivos, embora admissível, só deve ser feita quando a relação semântica estiver bem clara para evitar a ambiguidade (a não ser que seja intencional). (FÁVERO, 2004, p. 15)

As duas propostas iniciais de produção textual objetivaram observar a competência escrita dos estudantes nos aspectos de coesão e coerência das ideias em textos relativamente simples e familiares como a descrição e o relato. Atividades de produção escrita são um rico material para conhecer o nível de domínio das estruturas textuais de nossos aprendizes.

### **Atividade 3. Justificativa**

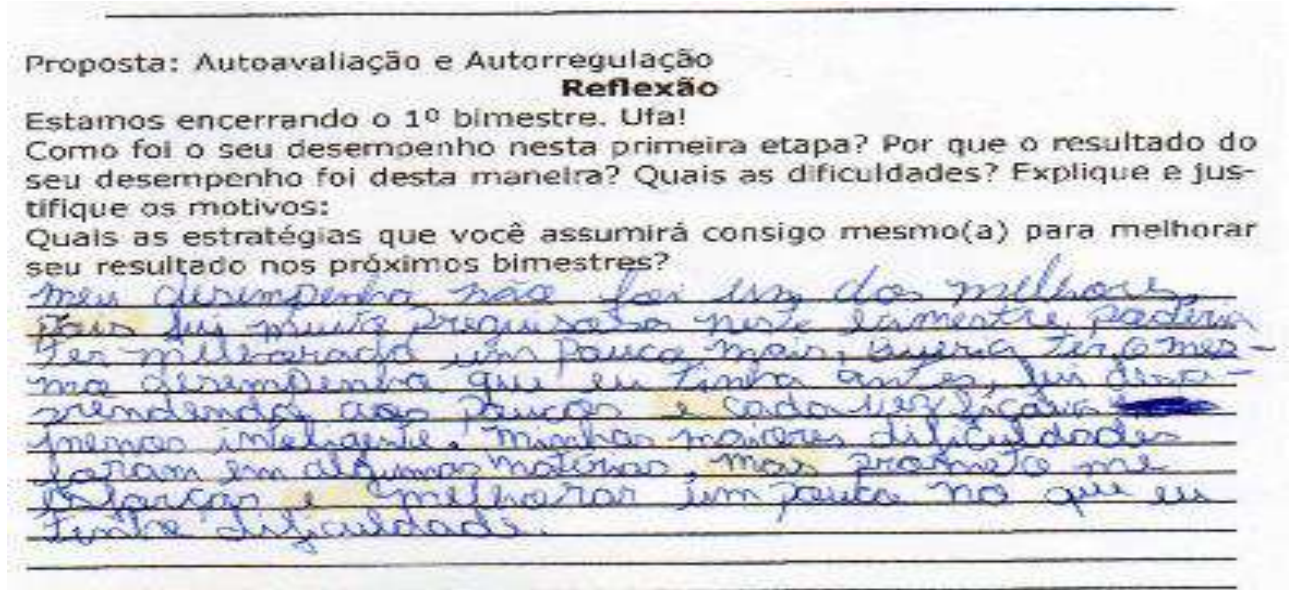
A argumentação visa ao convencimento de seu interlocutor. Baseia-se numa tese que deve ser apresentada de modo claro e depois defendida através de argumentos para lograr o convencimento do interlocutor. A estrutura básica de um texto argumentativo apresenta introdução (parte na qual a ideia central a ser discutida é apresentada), desenvolvimento (desdobramentos da tese, a exposição das razões que ratificam a ideia apresentada na tese) e conclusão (retomada da tese já respaldada pelos argumentos apresentados no desenvolvimento).

Para a análise específica da competência argumentativa, foi solicitado aos estudantes um texto justificativo a respeito do desempenho deles nos componentes curriculares durante o primeiro bimestre letivo. A proposta é uma autoavaliação e autorregulação no qual o aprendiz reflete sobre seu desempenho, explicando o resultado, analisando os motivos e justificando-se, ao mesmo tempo que propõe a si mesmo o compromisso de melhorar suas notas. Ao todo, trinta (30) alunos realizaram a atividade. A proposta consistiu na produção de uma justificativa que contemplasse a explicação da situação, justificação da mesma e apresentação de alternativas para solução da situação, caso o rendimento nos componentes curriculares não tivesse sido satisfatório. A partir de algumas perguntas que serviram para organizar os tópicos, os estudantes montaram o seu texto. A orientação foi para que as perguntas servissem apenas como direcionamento da argumentação e não que fossem respondidas individualmente. No entanto, alguns estudantes produziram o texto respondendo as questões separadamente. Estes textos ilustram o desempenho dos estudantes na tipologia argumentativa.

Como anteriormente, analisamos detalhadamente três exemplos que contemplam as características mais observadas nas produções estudantis referente ao texto justificativo.



## 1º exemplo

(fig. 13 - E7 \ J1)<sup>12</sup>

A justificativa do estudante apresenta orações completas e articuladas entre si pelo uso de conectivos como: POIS, E, MAS. A proposta foi compreendida e realizada em parte. A estudante explica o motivo de não ter tido um desempenho satisfatório nos componentes curriculares “... fui muito preguiçosa neste bimestre”. A explicação para o motivo da preguiça não é apresentada. Não há aprofundamento na justificativa, uma análise mais reflexiva sobre os motivos que desencadeiam a “preguiça” em estudar mais. Cita que foi “desaprendendo aos poucos e cada vez ficava menos inteligente.” É comum os alunos associarem acúmulo de informação à inteligência, no entanto esta associação não procede. Provavelmente, fruto da ênfase na educação conteudista a qual estão habituados. Enfim, a argumentação poderia ter se aprofundado na análise do problema e seus causadores. Observa-se uma abordagem superficial da problemática vivenciada pela própria estudante. Quanto à estruturação, o texto apresenta-se coerente e coeso. Observa-se a utilização mais regular de conectores que direcionam a expectativa de progressão temática do escritor:

As marcas linguísticas constituem indicadores das intenções do autor, porém podem não coincidir exatamente com estas mesmas intenções ou porque ele as mascarou ou porque o texto permite leituras não previstas. Assim, nunca se pode saber o que o autor quis realmente dizer. (FÁVERO, 2004, p. 41)

<sup>13</sup> E7 - Estudante 7 \ J1 - Justificativa 1

2º exemplo:

Proposta: Autoavaliação e Autorregulação  
**Reflexão**

Estamos encerrando o 1º bimestre. Ufal  
 Como foi o seu desempenho nesta primeira etapa? Por que o resultado do seu desempenho foi desta maneira? Quais as dificuldades? Explique e justifique os motivos:  
 Quais as estratégias que você assumirá consigo mesmo(a) para melhorar seu resultado nos próximos bimestres?

1- Com algumas matérias foi bem e outras não tanto.

2- Não em algumas matérias entendi e outras não e algumas matérias entendi e não entendi, fiquei com dúvidas nas questões e tive mais dificuldades das demais.

3- Com algumas matérias, fiz bem e com outras não, fiz bem e com outras não, fiz bem e com outras não, fiz bem e com outras não.

(fig. 14 - E8 \ J2)<sup>13</sup>

Nesta justificativa, o estudante apresenta seu texto separado por tópicos, o que ocorreu com diversos textos de outros estudantes, apesar da orientação inicial explicar a função das perguntas apenas como direcionamento para a estruturação do texto. O enunciador inicia seu texto diretamente respondendo a primeira pergunta, não há uma apresentação prévia do tema motivador da justificativa. O escritor prevê que seu possível leitor, a professora, já está ciente do conteúdo da justificativa, sendo dispensável explicações. O mesmo ocorre com os tópicos seguintes. São iniciados sem qualquer preâmbulo do assunto tratado. Não há articulação entre eles, no entanto há continuidade semântica que permite lê-los em sequência e resgatar a continuidade no tratamento do assunto. A explicação para o resultado “razoável” nos componentes curriculares de acordo com o próprio estudante se deve ao fato de ter ficado com “dúvidas nos assuntos”. A explicação é sucinta, sem desdobramentos e argumentação. Finaliza seu texto assumindo

<sup>14</sup> E8 - Estudante 8 \ J2 - Justificativa 2

o compromisso de prestar mais atenção e fazer as atividades. Neste trecho, o autor expressa indiretamente que suas dúvidas provavelmente são consequência de sua displicência na realização das obrigações estudantis. A utilização de conectivos no interior de cada tópico foi satisfatória e contribuiu para a coerência e coesão do período. O conectivo mais utilizado foi E para adicionar as afirmações. A linguagem é objetiva e direta. Não apresenta variedade de conectivos, mas a coerência é construída pelo conhecimento do contexto compartilhado entre autor e receptor do texto:

### 3º exemplo

Proposta: Autoavaliação e Autorregulação  
**Reflexão**

Estamos encerrando o 1º bimestre. Ufa!  
 Como foi o seu desempenho nesta primeira etapa? Por que o resultado do seu desempenho foi desta maneira? Quais as dificuldades? Explique e justifique os motivos:  
 Quais as estratégias que você assumirá consigo mesmo(a) para melhorar seu resultado nos próximos bimestres?

*Foi mais ou menos.  
 Pois não estudei muito.  
 Eu vou pra ter estuda mais.  
 Pois nos dias das provas que tive muita febre  
 eu tinha faltado por causa que estava doente.  
 estudar mais.*

(fig. 15 - E9 \ J3)<sup>14</sup>

Exemplificando uma construção textual bem comum entre as justificativas produzidas, este estudante estruturou sua justificativa, enfileirando as orações como respostas às perguntas (sugeridas como direcionamento). São orações objetivas e curtas. Não há encadeamento entre as orações. Há a utilização de conectivos, mas a coesão entre as orações não está articulada. Os conectivos utilizados apresentam a função de dar coerência ao texto, visto que foram utilizados para construção da semântica da oração ao auxiliarem a construção do pensamento: “*Foi mais ou menos. Pois não estudei muito.*” Ou “*Eu tinha faltado por causa que estava doente.*”

<sup>15</sup> E9 - Estudante 9 \ E3 - Justificativa 3

As justificativas produzidas pelos estudantes apresentam utilização de conectivos de forma adequada, assim como as produções anteriormente trabalhadas. Mesmo os estudantes que se limitaram apenas a responder as perguntas, sem aprofundar a argumentação do texto apresentaram adequação na utilização de conectivos.

Analisemos o quadro:

Atividade 3: Justificativa Utilização de elementos coesivos		
Elemento Coesivo	Frequência	Valor semântico
aí	1	sequência
além disso	1	adição
e	29	adição
mas	17	oposição
para	4	finalidade
pois	5	explicação
por	2	referência a lugar
por causa	2	explicação
porque	6	explicação
quando	2	tempo
sem	1	exclusão
talvez	1	dúvida

(Quadro 3)

Observa-se que a variedade de conectivos utilizados é restrita e concentra-se principalmente em dois conectivos. O E para expressar a adição das afirmações e o MAS para expressar oposição. São estruturas discursivas bastante utilizadas na linguagem oral. Ao observar a lista de conectivos atenta-se para a falta de diversificação na escolha de outros conectivos que expressem também estes valores semânticos como TAMBÉM, AINDA MAIS, NEM, POR OUTRO LADO ... que expressam igualmente adição ou aqueles que expressam oposição como EMBORA, TODAVIA, NO ENTANTO, PORÉM ...

Ao analisar estas produções estudantis de diferentes tipologias textuais conclui-se que a ausência na utilização de conectivos não compromete significativamente a coerência textual. Foi constatado que textos ausentes de conectivos ainda assim mantiveram sua coerência. No entanto, a ausência de conectivos ou seu uso restrito aponta para a falta de aprofundamento do tema proposto, ou seja, o texto tende a abordar a temática superficialmente sem a apresentação de estruturas mais complexas na tessitura textual. Não se trata de dificuldade advinda de desconhecimento do tema proposto, visto todas as propostas basearem-se em conhecimentos prévios dos estudantes, vivências, experiências e opiniões particulares como a descrição de objetos, o relato de impressões e opiniões, explicação justificada sobre algo próprio e particular como seu desempenho escolar. São propostas já conhecidas e vivenciadas pelos estudantes. A tipologia textual escolhida não

influencia consideravelmente a questão da utilização de conectivos, mas a dificuldade de articular ideias mais complexas na modalidade escrita, de argumentar e explicar tornam-se mais visíveis no texto argumentativo. É perceptível a abordagem superficial da proposta quando se solicita explicação e justificação de algo familiar ao aprendiz e este mesmo não expressa suas impressões, não articula um discurso mais amplo, abrangente, articulado.

## 5.1 Proposta de Abordagem

*“Os fatos por si só não nos dizem nada, a linguagem é que os traduz, e isso só é possível pela fala de um locutor, que expressa seu posicionamento por meio de marcas linguísticas, o que atribui à língua o poder de argumentar.” (LEBLER, SANTORUM, p. 10)*

### Atividade 1: Porque sim não é resposta!

**Competência:** Conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

**Proposta:** Argumentar é responder a uma pergunta (parte desencadeadora da argumentação). Refletir sobre a articulação entre causa e consequência.

**Habilidade:** Articular as partes do texto estabelecendo relação de causa e consequência.

**Componentes curriculares:** Todos os componentes podem desenvolver habilidades relativas à relação de causa e efeito sob viés argumentativo. Identificação temática principalmente com os componentes das áreas de Linguagens e Ciências da Natureza.

**Conceitos envolvidos:** Significante + Significado = Signo linguístico

**Operador argumentativo em destaque:** Porque (valor semântico: causa, propósito, motivo)

**Contextualização:** Algumas sugestões de material para abordagem da proposta:

- Livro “Marcelo, Marmelo, Martelo” (Ruth Rocha);
- Livro dos porquês (Gianni Rodari);
- O Livro dos Porquês (Ciência Hoje das Crianças).

**Conteúdo temático:** Variação linguística, Sequência explicativa-argumentativa

**Justificativa:**

Os aprendizes demonstram curiosidade genuína através de perguntas quando um determinado tema lhes desperta interesse. Frequentemente temas controversos e da atualidade tendem a despertar interesse dos estudantes. É perceptível ao professor notar quando consegue envolver a turma na discussão de uma temática. Um dos

comportamentos mais sintomáticos é ter que pedir para cada um falar de uma vez e respeitar o turno de fala do colega. Quando isso acontece, o desafio é fazê-los exercitar a empatia para ouvir. No entanto, esse entusiasmo tende a desaparecer quando o conteúdo trabalhado envolve a aquisição e compreensão de conceitos teóricos. Porque, muitas vezes esses conceitos são apresentados aos estudantes como um conhecimento fixo e indiscutível, como se não houvesse nada novo a ser descoberto sobre aquele conhecimento. E algo que não desafia ou intriga o estudante dificilmente lhe desperta curiosidade. Marcushi *apud* Fávero explica-nos que os conceitos podem sim, ser contestados e discutidos ... claro, com critério e argumentos lógicos:

Os conceitos são, segundo Marcuschi, uma constelação de conhecimentos armazenados, na memória semântica e na memória episódica, em unidades consistentes, porém não monolíticas ou estanques. (FÁVERO, 2004, p. 62)

Ao professor é possível trabalhar o sentido de diversos conceitos em diferentes áreas do conhecimento a partir da relação argumentativa de causa e efeito, à medida que busca refletir e fazê-los entender a construção de um conceito específico. Como isso pode ser abordado? Provocando nos estudantes a curiosidade com perguntas diretas relacionadas ao tema ou conceito em estudo. Exemplo: Mas por que isso acontece? Por que falamos deste jeito? Por que precisamos aprender isto? Por que a planta realiza fotossíntese? Por que este objeto/fenômeno é chamado assim?

À medida que o professor vai envolvendo o aprendiz nos questionamentos, instiga o mesmo a formular teorias e explicações para o fenômeno em discussão, desperta conhecimentos prévios sobre o assunto.

Os estudiosos do texto ressaltam que a coerência depende antes de tudo de nosso conhecimento prévio que não é mais um elemento de coerência (...) mas o elemento-base, subjacente a todos os outros. (FÁVERO, 2004, p. 71)

### **Procedimento:**

1. Leitura coletiva do livro “Marcelo, marmelo, martelo”;
2. Discussão de ideias: O ato de nomear (significante - significado);
3. Provocação: Por que seu nome é ...? Qual o significado do seu nome? Qual a origem do seu nome?;
4. Pesquisa: Significado dos nomes;
5. Socialização das descobertas;
6. Contextualizando: Método de Investigação Científica (O livro dos porquês - Ciência Hoje das Crianças);
7. Atividade: Formular perguntas e trocar entre os colegas: Por que ...?;

8. Pesquisar sobre o assunto e redigir uma explicação: Porque ....;
9. Socialização das descobertas: Leitura das explicações;
10. Reescrita das explicações com as observações do professor, seguindo a estrutura explicativa-argumentativa;
11. Arquivamento de todas as produções no portfólio;
12. Autorregulação: Reflexão e relato sobre os conceitos aprendidos.

Todas as atividades durante o desenvolvimento da sequência didática devem ser registradas no portfólio estudantil, inclusive as observações do professor.

### **Atividade 2: Justifique-se!**

**Competência:** Conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

... Avaliar se o repertório de recursos coesivos é diversificado e se esses recursos são utilizados adequadamente. Conforme já explicado, os elementos coesivos são marcadores explícitos que, se presentes nos textos, são facilmente identificáveis e, quando empregados de forma precisa, devem contribuir para a organização e compreensão das ideias apresentadas. (INEP, 2019, p. 16)

**Proposta:** A organização textual orienta que as frases e os parágrafos estabeleçam entre si uma relação, garantindo uma sequência coerente do texto e a interdependência entre as ideias. A proposta é promover a produção de enunciados coerentes sequenciados e interdependentes apresentando uma progressão lógica.

**Habilidade:** Expor ideias de forma propositiva.

**Componentes curriculares:** Todos os componentes podem estimular o debate sobre temas diversos e sua implicação prática, especialmente os componentes da área de Humanas e Linguagens.

**Conceitos envolvidos:** Proposta - argumento

**Operadores argumentativos em destaque:** Para que, a fim de ... (propósito ou finalidade) e por exemplo, isto é, ou seja (ilustração, esclarecimento).

**Contextualização:** Sugere-se iniciar a proposta a partir de uma situação conflitante existente no ambiente escolar e/ou notícia veiculada em meios de comunicação local, que impacte a comunidade escolar ou seu entorno, discutindo a situação em pauta, buscando compreender a mesma e dando espaço para a análise de todas as possíveis interpretações. Mediar as opiniões conflitantes existentes através da argumentação e persuasão orientando os estudantes a fazerem o embasamento necessário de suas opiniões.

Materiais que podem dar suporte à proposta:

- Evento ou situação conflituosa no ambiente escolar que provoque discordância de ideias;
- Notícias veiculadas nos meios de comunicação local que apresentem impacto e relação com a comunidade escolar ou sejam de interesse dos estudantes;
- Código de conduta da escola, contrato didático (caso haja), PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, ou outro documento equivalente que possa servir de embasamento para as discussões;
- Lei ou outro documento (normativa, protocolo, etc) que seja aplicável à situação relatada na notícia;
- Orientações e estudo da estrutura do gênero oral “debate regrado”.
- Estudo dos operadores argumentativos (especialmente aqueles relacionados à construção de propósito e exemplificação)

**Critério:** São avaliados itens relacionados à estruturação lógica e formal entre as partes do texto.

**Ponto de partida:** O professor confronta os estudantes com uma situação ou notícia conhecida que provoque discordância entre eles e esteja diretamente ligada ao contexto escolar e pela qual eles necessitem se posicionar.

**Justificativa:**

Para a maioria das pessoas, a argumentação torna o ponto em questão ainda mais duvidoso e consideravelmente menos impressionante. (PLANTIN, 2008, p. 72)

A oportunidade de debater um assunto que lhes é familiar e de interesse mobiliza pontos de vista engajados e até exaltados. A ideia é permitir a escuta de vários pontos de vista de forma mediada. Analisar a questão sob uma ótica objetiva e embasada em documentação pertinente permite aos educandos racionalizar suas ideias e opiniões ampliando sua visão de mundo à medida que confrontam seus pontos de vista com os dos demais colegas. A discussão do tema possibilita a reflexão sobre ele abrindo caminho para o questionamento e a reformulação de ideias.

**Procedimento:**

1. Professor propõe discussão sobre uma situação-problema. Algumas sugestões:
  - Resolução de conflito entre colegas, entre professor e estudante, entre estudante e gestão, etc;
  - Descumprimento de norma escolar e responsabilização dos envolvidos, etc.;
2. Proposta de escuta: Discussão do tema através de debate regrado;
3. Proposta de produção textual: Proposição de solução para a situação-problema (requerimento, justificativa);



4. Análise da estrutura argumentativa: Proposta - argumentos
5. Análise das produções textuais pelo professor, considerações pertinentes;
6. Socialização das propostas em classe;
7. Reescrita da proposta a partir das observações do professor e dos colegas;
8. Registro no portfólio das produções escritas, comentários de professor e colegas;
9. Autorregulação: Reflexão e relato sobre os conceitos aprendidos.

### **Atividade 3: Sou contra ... (por que mesmo?)**

**Competência:** Conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

**Proposta:** A utilização diversificada e apropriada de operadores argumentativos é determinada pela necessidade de uso significativo deles nas interações cotidianas. Proporcionar aos estudantes uma situação significativa e interessante para construção de argumentos de refutação é propiciar aos mesmos a reflexão e aprimoramento num comportamento inerente a faixa etária de nosso público-alvo: questionar e contrapor-se.

**Habilidade:** Refutar uma proposição através de argumentos com embasamento.

**Componentes curriculares:** Língua portuguesa e componentes da área de humanas.

**Conceitos envolvidos:** Proposta e contraproposta, modalização do discurso.

**Operadores argumentativos em destaque:** Mas, contudo, todavia, entretanto, contudo... (conectivos com sentido de oposição, discordância)

**Contextualização:** Vivemos inseridos em diversos grupos sociais (família, escola, igreja, vizinhança, curso, redes sociais, etc) interagindo e construindo nosso conhecimento de mundo. A partir das nossas interações sociais adquirimos conceitos e padrões de comportamento, ou seja, comumente aderimos a ideias e padrões compartilhados em nossas interações. Mas quando a proposição compartilhada não corresponde a nossa expectativa ou não encaixa em nossa concepção de mundo? Como a refutamos? Baseados em quê? Provocar a análise e discussão mediada de pontos conflitantes ajuda a refletir sobre nossas concepções de mundo.

**Critério:** Comentar proposições, declarações e notícias polêmicas veiculadas na mídia que mobilizem a oposição da opinião pública.

**Ponto de partida:** Disponibilizar notícias e declarações veiculadas em mídia, para leitura e análise dos estudantes.

**Justificativa:**

Vale mais ser criticado que ignorado; buscar contraditores é uma estratégia argumentativa. Reciprocamente, valida-se um discurso provocando nele a contradição. O ato de se opor elaborando um contradiscurso gera uma pergunta que, por retroação, legitima os discursos que respondem a ela. (PLANTIN, 2008, p. 73)

O ato de refutar ou criticar uma proposição pode reforçar esta proposição à medida que ela ganha visibilidade. A análise de uma proposição apresenta seus pontos fortes e fracos e impele o proponente a reposicionar-se para fortalecer sua tese ao tentar contestar os questionamentos apresentados. Ou seja, o contradiscurso reconhece a legitimidade da proposta inicial ao debruçar-se sobre ela para contradizê-la.

**Procedimento:**

1. Selecionar tema(s) polêmico(s) e controversos que dominem o cenário social na atualidade;
2. Leitura de declarações de figuras públicas em reportagens sobre o(s) tema(s) selecionados;
3. Discussão de ideias, compartilhamento de experiências pessoais dos estudantes sobre o assunto;
4. Pesquisa de textos e artigos que se contraponham às ideias apresentadas pelas figuras públicas nas reportagens;
5. Produção textual: Carta do leitor

Propor aos estudantes imaginarem-se escrevendo uma resposta ao autor da proposição original apresentando sua discordância sobre a tese apresentada, a discordância deve estar embasada em argumentos de fontes com autenticidade verificada: notícias, reportagens, pesquisas científicas, dados estatísticos, etc... publicados e veiculados por instituições autenticadas.

**Atividade 4: Vamos investigar?**

**Competência:** Conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

**Proposta:** Partindo de um caso fictício com personagens, analisar um caso de mistério sobre um crime fictício. Propor um júri simulado para analisar o caso em questão.

**Habilidade:** Praticar a estruturação do discurso através do encadeamento de ideias utilizando adequadamente operadores argumentativos.

**Componentes curriculares:** Língua portuguesa.

**Conceitos envolvidos:** Raciocínio lógico, coerência e coesão, operadores

argumentativos.

**Operadores argumentativos em destaque:** portanto, assim, dessa forma, dessa maneira, desse modo, logo, ... (ou seja, aqueles com sentido de conclusão)

**Contextualização:** Um livro que esteja sendo lido pela turma ou uma obra ficcional audiovisual pode servir de desencadeador para o desafio de investigar e julgar as personagens envolvidas na trama. Após a fruição parcial da obra (convém não divulgar antecipadamente o desfecho da mesma), uma forma de engajar os estudantes na análise dela é propor um júri simulado, no qual os comportamentos, ações e motivações das personagens serão analisados e investigados, para se descobrir o(s) responsável(éis) pelo crime.

**Critério:** Julgar o procedimento das personagens envolvidas no caso, emitindo juízo de valor conclusivo, devidamente justificado por argumentação coerente.

**Ponto de partida:** Leitura/exibição de obra ficcional de enredo investigativo que instigue a curiosidade, o uso de raciocínio lógico e a dedução para elaborar uma teoria sobre a solução do mistério da trama e o provável responsável pelo crime.

**Justificativa:** Ao utilizar uma narrativa para instigar o discurso argumentativo facilita-se a organização de ideias e argumentos pelo estudante por situar a discussão numa situação contextualizada que instiga sua curiosidade e o desafia como num jogo dedutivo. Jogos dedutivos necessitam de argumentação para exposição da teoria construída para elucidar a trama da narrativa. Ao expor suas expectativas sobre o desfecho, o estudante utilizará a justificativa argumentativa para convencer seus colegas de suas conclusões. Ao articular seu discurso fará uso de operadores argumentativos para dar coesão à sua teoria, construindo sua narrativa de forma que envolva e convença o interlocutor:

Os operadores discursivos têm por função estruturar, através de encadeamento, os enunciados em textos, dando-lhes uma direção argumentativa, isto é, orientando o seu sentido em dada direção. (FÁVERO, 2004, p. 35)

### **Procedimento:**

1. Selecionar previamente uma obra de ficção que envolva o desvendamento de um crime (ao estilo romance policial);
2. Ler ou exibir a obra parcialmente aos estudantes, omitindo o desfecho;
3. Propor uma investigação do caso, na qual os estudantes analisam os procedimentos das personagens, as circunstâncias do crime e emitem juízos de valor sobre as motivações de cada personagem elegendo seu suspeito preferencial;
4. Socialização do resultado das investigações e apresentação dos suspeitos;

5. Votação e escolha da melhor apresentação do caso;
6. Exibição\leitura coletiva do desfecho original da obra com revelação do culpado segundo o(a) autor(a);
7. Registro da experiência e de impressões no portfólio;
8. Preenchimento da rubrica de autoavaliação.

**Atividade 5: “Somos feitos da mesma matéria dos nossos sonhos.”**

(William Shakespeare)

**Competência:** Conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

**Proposta:** Formular hipóteses filosóficas\ existenciais refletindo sobre a realidade ao seu redor e sobre si mesmo como protagonista de sua história.

**Habilidade:** Escalonar argumentos, enumerando-os de acordo com a importância que apresentem para a descrição da hipótese escolhida.

**Componentes curriculares:** Língua portuguesa, Filosofia, Sociologia, História.

**Conceitos envolvidos:** Sequenciação, ideia central, ideias secundárias.

**Operadores argumentativos em destaque:** Aqueles que ajudem a expressar sentido de sequência, relevância como expressões e conjunções consecutivas, proporcionais, temporais: de forma que, à medida que, assim que, desde que....

**Contextualização:** Os estudantes selecionam proposições filosóficas ou mesmo pensamentos e frases que os desafiem, os desconcertem, os provoquem... A partir daí constroem explicações hipotéticas possíveis para as proposições selecionadas. O professor auxilia na orientação fazendo a curadoria de informações e textos relevantes para lhes dar suporte na construção de suas explicações.

**Critério:** Elaborar uma explicação plausível e hipotética para a proposição filosófica selecionada.

**Ponto de partida:** *“A única coisa de que precisamos para nos tornarmos bons filósofos é a capacidade de nos admirarmos com as coisas.”* (Jostein Gaarder) Uma sugestão é trazer um questionamento filosófico para a turma e lançá-lo como um enigma a ser desvendado. À medida que os aprendizes vão tentando responder, o professor vai pouco a pouco desafiando-os ao contrapor suas respostas, fazendo-os buscar respostas mais elaboradas. Um exemplo: Quem é você? A ideia é levar os aprendizes a compreender que não existe uma resposta definitiva e certa. E que para muitas questões da sua experiência humana,

também não existem respostas definitivas. Mas a busca pelas respostas e pela compreensão dessa experiência nos fazem avançar no conhecimento e compreensão do mundo e de nós mesmos.

**Justificativa:**

Ao incentivar a discussão de temas e proposições tidas como abstratas, propomos ao aprendiz a reflexão sobre como se constroem conceitos e ideias. Partindo de uma hipótese é possível construir uma teoria para lhe dar suporte utilizando conhecimentos prévios e abstração. As teorias e explicações criadas pelo aprendiz precisam coordenar as hipóteses e suposições de forma coesa e sequencial para conferir coerência as mesmas:

Para chegar à compreensão do texto como um todo coerente, é necessário que sejam trabalhadas não só as relações coesivas (a coesão é decorrência da coerência e a concatenação linear não é garantia de um texto coerente), mas, e principalmente, as de conexão conceitual-cognitiva. (FÁVERO, 2004, p.75)

**Procedimento:**

1. Apresentação de frase filosófica ou questão existencial para debate entre os estudantes;
2. Leitura de trecho do capítulo 2 “A cartola” do livro “O mundo de Sofia - Romance histórico da filosofia” do escritor Jostein Gaarder (anexo 2) ou outro texto que aborde a questão da curiosidade filosófica;
3. Seleção de proposições filosóficas a critério do estudante sob orientação do professor;
4. Produção de texto: Construção de teoria para resposta à proposição filosófica;
5. Socialização das teorias com colegas;
6. Registro no portfólio;
7. Observações do professor;
8. Preenchimento de rubrica auto avaliativa.

## 6 Considerações finais

A argumentação perpassa nossas interações cotidianas sob vários aspectos, desde a desculpa por um esquecimento ou um esbarrão até a justificação de um trabalho acadêmico. Argumentar é uma das realizações básicas da linguagem. Os usuários nativos da língua argumentam frequentemente em suas interações de forma natural e eficiente em contextos familiares. No entanto, essa aparente desenvoltura na argumentação oral não se transfere naturalmente à modalidade escrita da língua. É preciso auxiliar os aprendizes a desenvolverem habilidades específicas de estruturação do texto escrito, inclusive do texto argumentativo.

Uma das habilidades essenciais para a estruturação da sequência argumentativa trata-se da capacidade de articular adequadamente os recursos coesivos para contribuir com a progressão temática do texto.

A competência argumentativa destaca a coesão como fator relevante para o desenvolvimento do discurso do proponente quando compreendemos discurso como a realização do ato comunicativo situado e contextualizado, produzido considerando quem fala, a quem fala, para que fala. O discurso se manifesta por meio de textos (orais ou escritos). O texto é uma unidade de sentido completo e se caracteriza por fatores como contextualização, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade, coerência e coesão. A coesão permite a progressão das ideias e argumentos de forma organizada e sequenciada contribuindo para a coerência do texto.

Na etapa do ensino fundamental - anos finais, os aprendizes se deparam, por recomendação do currículo, com a exigência de produção de textos argumentativos orais e escritos. Ao expor sua argumentação em textos orais, a dificuldade na articulação coesiva no discurso é compensada em parte, pelos recursos extralinguísticos como entonação, gestos, expressão facial e corporal... para recuperação do sentido da mensagem. Entretanto, ao ler os textos escritos dos estudantes destes anos finais do ensino fundamental fica evidente a lacuna de repertório conectivo diversificado o que sinaliza a necessidade de um trabalho mais focado na construção da habilidade de coesão textual.

Depois da análise de textos de estudantes foi constatada a utilização esporádica e pouco diversificada de operadores argumentativos. Os mais comumente utilizados são aqueles já consolidados no uso recorrente da modalidade falada da língua e são utilizados na construção de períodos simples e sentenças curtas. Quando há a necessidade de enunciados mais longos, os aprendizes frequentemente utilizam a listagem de sentenças justapostas, separadas por pontuação. No entanto, quando o texto produzido está

devidamente contextualizado ou é de temática e estrutura familiar ao estudante, é possível perceber coerência nele:

Para chegar à compreensão do texto como um todo coerente, é necessário que sejam trabalhadas não só as relações coesivas (a coesão é decorrência da coerência e a concatenação linear não é garantia de um texto coerente), mas, e principalmente, as de conexão conceitual-cognitiva. (FÁVERO, 2004, p.75)

Ou seja, o texto é concretizado como um todo significativo independente de sua extensão ou do uso de conectivos. A argumentatividade se manifesta no sentido atribuído pelo contexto de familiaridade e pela reconstrução de sentidos dada pelo interlocutor. Como a própria autora afirma:

A coesão ... é uma relação linear entre as sentenças, não sendo nem necessária nem suficiente para a coerência, já que pode haver textos destituídos de coesão, mas cuja textualidade se dá ao nível da coerência. (FÁVERO, 2004, p. 89)

O que nos permite concluir que a ausência de conectivos em textos argumentativos curtos e contextualizados não prejudica substancialmente a construção da clareza e coerência do texto. A coesão não é indispensável para a articulação da coerência. A coesão está subjacente a coerência. A coesão quando não está apresentada de forma explícita na superfície do texto, pode ser recuperada através de marcas implícitas de textualidade. Isso ocorre porque a coerência é estruturada também por fatores discursivos. Não se trata de validar a omissão dos conectivos, quando estes se fazem necessários, mas atentar para a possibilidade de construção de coesão com outros recursos linguísticos e extralinguísticos:

O texto contém mais do que o sentido das expressões na superfície textual, pois deve incorporar conhecimentos e experiência cotidiana, atitudes e intenções, isto é, fatores não linguísticos. Deste modo, um texto não é em si coerente ou incoerente; ele o é para um leitor/alocutário numa determinada situação. (FÁVERO, 2004, p.60)

No entanto, a situação inversa, ou seja, a utilização inadequada e equivocada de conectivos sem o devido conhecimento de suas possibilidades semânticas causa prejuízo na compreensão do texto. Pode gerar ambiguidade e impossibilitar a compreensão do enunciado.

Os operadores argumentativos são essenciais na estruturação de textos argumentativos de estruturação mais extensa e complexa porque eles orientam a progressão temática do texto e seu direcionamento discursivo já que no texto tudo está relacionado, cada enunciado está subordinado ao seguinte na medida em que a sua compreensão é resgatada pelos demais enunciados. A interdependência semântica é expressa principalmente pelos operadores discursivos.

Os operadores estruturam através de encadeamentos, os enunciados em textos dando-lhes a direção argumentativa, orientando a leitura e compreensão do texto, revelando a intencionalidade do autor. Quando os operadores argumentativos são equivocadamente utilizados, sinalizam uma direção semântica que não se concretiza, interrompendo a progressão temática e confundindo o leitor, o que gera ambiguidade na mensagem.

O domínio da competência coesiva e conseqüente utilização dos operadores argumentativos, em especial os conectivos, pode auxiliar os aprendizes a interpretar com maior clareza textos argumentativos diversos e desta maneira auxiliá-los a reconhecer e identificar estratégias de modalização do discurso. Ao ser capaz de perceber e aplicar estratégias de persuasão e convencimento argumentativo, o aprendiz torna-se também mais atento e crítico ao reconhecer tais estratégias nos diversos textos que encontra nas suas esferas de comunicação. Reconhecer a intencionalidade nos textos argumentativos é condição essencial para interpretá-los. Isso perpassa a competência de reconhecimento das relações semânticas estabelecidas pelos conectivos e suas possibilidades de utilização:

... o mesmo conectivo pode expressar relações semânticas diferentes: é, pois, preciso saber reconhecê-las. A omissão de conectivos, embora admissível, só deve ser feita quando a relação semântica estiver bem clara para evitar a ambiguidade (a não ser que seja intencional). (FÁVERO, 2004, p. 15)

Possibilitar aos aprendizes o reconhecimento e a utilização adequada dos operadores argumentativos é contribuir para a formação de leitores e produtores de texto mais proficientes e menos suscetíveis à persuasão e convencimento com vistas a manipulação do leitor. Numa interação discursiva ideal, proponente e oponente podem argumentar e discutir as mais diversas questões com equidade, contribuindo para a formação de sujeitos protagonistas e conscienciosos de suas próprias opiniões e seu próprio discurso.



## Referências

- ALVARENGA, Georfrávia Montoza. **Portfólio: o que é e a que serve**. Olho Mágico, Londrina, v. 8, n. 1, p. 18-21, 2001. Disponível em: <http://www.ccs.uel.br/olhomagico/v8n1/portfol.htm>\_ Acesso em: 10 de jan. 2023.
- ALVARENGA, G. M.; ARAUJO, Z. R. **Portfólio: conceitos básicos e indicações para utilização. Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 137–148, 2006. DOI: 10.18222/ea173320062131. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/ea173320062131>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- ANTUNES, Irandé. Qualquer conjunto de palavras é um texto? *In* **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas**. São Paulo: Parábola, 2017. cap. 4. p. 43-53.
- BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro: questões (meta)teóricas e conceituais**. 1 ed. São Paulo: Parábola. 2017
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996. BRASIL. Disponível em [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_2ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf) Acesso em 10 de abr. 2022.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf) Acesso em 10 de abr. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) Acesso em 10 de abr. 2022.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>> Acesso em 10 de abr. 2022.
- BONJARDIM, da Silva Carmo. (2018). **O ensino dos conectores com uso de formulários do google**. *EntreLetras*, 9(2), 290 - 315. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/uft.2179-3948.2018v9n2p290> Acesso em 3 de abr. 2022.
- BUZATO, D.; MACHADO, E. V. DE J. C. .; COSTA, P. T. DA; SILVA , S. ÉRICA C. DA . **Operadores argumentativos em redações modelo ENEM: uma análise baseada em corpus**. *Scientia Prima*, v. 7, p. e97, 4 nov. 2021. Disponível em: <https://abric.org.br/ojs/index.php/scientiaprima/article/view/97/27> Acesso em 3 de abr. 2022.
- CARVALHO, Shirley. **O uso de conectivos nas produções textuais escolares**. 2020. 44f. Monografia (Especialização em Gramática da Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/36272> Acesso em 3 de abr. 2022.
- CHAVES, Chaleston de Carvalho. **Argumentação e suas estratégias discursivas: um**

**estudo dos conectivos em Português.** 2014. 254 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/6097> Acesso em 3 de abr. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso.** 3 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CIRNE-LIMA, Carlos. **Dialética para principiantes.** Editora Unisinos. Coleção Ideias 5. 1995. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/dialetica-para-principiantes-carlos-cirne-lima-5-pdf-free.html> Acesso em 10 de jan. de 2023

CORRÊA, Karen Fabiane Leonel. **Os conectivos e sua importância para o desenvolvimento da habilidade escrita.** 2018. 154 f. Mestrado (Mestrado Profissional em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153452> Acesso em 3 de abr. 2022.

CUSTODIO FITÓ, Enric; SANMARTÍ, Neus. **Mejorar el aprendizaje en la clase de Ciencias aprendiendo a escribir justificaciones.** Enseñanza de las Ciencias, n. Extra, 2005. Disponível em: [https://ddd.uab.cat/pub/edlc/edlc\\_a2005nEXTRA/edlc\\_a2005nEXTRAp516mejapr.pdf](https://ddd.uab.cat/pub/edlc/edlc_a2005nEXTRA/edlc_a2005nEXTRAp516mejapr.pdf) Acesso em 10 de jan. 2023.

DUCROT, Oswald. **Argumentação retórica e Argumentação linguística.** In Letras de Hoje. Porto Alegre, v.44, n.1, jan./mar. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/5648/4116>>. Acesso em: 12 jan. 2023.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e Coerência Textuais.** 9 ed. São Paulo: Ática, 2004.

FONSECA, Francisco Geonilson Cunha. **Os operadores argumentativos como estratégia linguística e discursiva da argumentação na sentença judicial.** 2016. 103f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/21161> Acesso em 3 de abr. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **ENEM Redações 2019: Material de leitura - Módulo 6 - Competência IV.** Brasília: MEC, 2019. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/downloads/2020/Competencia\\_4.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2020/Competencia_4.pdf) Acesso em 10 de abr. 2022

LIMA, Marcos Aurélio de. **A Retórica em Aristóteles: da orientação das paixões ao aprimoramento da eupraxia.** Natal: IFRN, 2011. Disponível em: <https://portal.ifrn.edu.br/pesquisa/editora/livros-para-download/a-retorica-em-aristoteles/arquivo> Acesso em 10 de jan. 2023.

KISH, Cheril K. et al. **Portfolios in the classroom: a vehicle for developing reflective thinking.** *The High School Journal*, v. 80, p. 254–260, Apr./May 1997. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40364457> Acesso em: 10 de jan. 2023.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão Textual**. 22 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. **A inter-ação pela linguagem**. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

LEITÃO, Selma. O lugar da argumentação na construção do conhecimento em sala de aula. In LEITÃO, Selma; DAMIANOVIC, Maria Cristina. (Orgs.) **Argumentação na escola: O conhecimento em construção**. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 13 - 46.

LEBLER, Cristiane Dall Cortivo; SANTORUM, Karem. **A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA E A EXPLICAÇÃO DO SENTIDO DO DISCURSO**. Alfa, São Paulo, v.64, e11459, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e11459>. Acesso em 10 de jan. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINELLI, Jéssyca Rita. **Justificativas para as escolhas didático-metodológicas como constituintes do trabalho docente**. 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/195580/001092232.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 10 de jan. de 2023

MOREIRA, Daniel A. **O método fenomenológico da pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NADAL Gomes, B., Alves Pessate, L., & Papi Gomes, S. D. **Discutindo sobre portfólios nos processos de formação**. Entrevista com Idália Sá-Chaves. Olhar de Professor, 7(2), 9-17, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68470202> Acesso em 10 de jan. 2023.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Estudos do discurso - perspectiva teóricas**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

OLIVEIRA, Mariangela Rios. **Análise funcional de conectivos em português: da abordagem clássica à construcional**. Revista de Letras, Fortaleza, n. 38, v. 2, jul./dez. 2019. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/49475> Acesso em 28 de fev. 2022.

PERNAMBUCO. **Currículo de Pernambuco para o Ensino Fundamental: Área de Linguagens**. Recife: SEDUC-PE, 2019. Disponível em <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/17691/CURRICULO%20DE%20PERNAMBUCO%20-%20ENSINO%20FUNDAMENTAL.pdf> Acesso em 10 de abr. 2022.

PERNAMBUCO. **Organizador Curricular por bimestre: Língua Portuguesa - Ensino Fundamental - Anos finais**. Recife: SEDUC-PE, 2019. Disponível em <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/19477/L%C3%ADngua%20Portuguesa.pdf> Acesso em 10 de abr. 2022.

PERNAMBUCO. **Parâmetros Curriculares Estaduais: Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio**. Recife: SEDUC-PE, 2012. Disponível em [http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/4171/lingua\\_portuguesa\\_ef\\_em.pdf](http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/4171/lingua_portuguesa_ef_em.pdf) Acesso em 10 de abr. 2022.

PLANTIN, Christian. **A argumentação - Histórias, teorias, perspectivas**. Parábola editorial. São Paulo: 2008.

PRATES, Roberta Vecchi. **O uso de conectores e articuladores de coesão na construção do texto à luz da semântica argumentativa**. 2019. 204f. Tese (Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/11660> Acesso em 3 de abr. 2022.

RODRIGUES, Carim Luciane da Silva. **Análise das estratégias de coesão utilizadas em artigos da revista Journal Of Nursing And Health**. 2014. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Letras e Comunicação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/rrt/files/2017/10/Verifica%C3%A7%C3%A3o-das-estrat%C3%A9gias-de-coes%C3%A3o-utilizadas-em-artigos-da-revista-Nursing-and-Health.pdf> Acesso em 21 de abr. 2022.

SCHWARZBOLD, Caroline. **Uma abordagem dos operadores argumentativos em artigos de opinião: uma proposta de sequência didática para o 9º ano**. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. DOI <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2015.494> Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16770> Acesso em 3 de abr. 2022.

SALES CORDEIRO, Gláís. **Trabalho do professor em sala de aula: a função didática das justificativas para o ensino e a aprendizagem da compreensão em leitura na educação infantil**. Eutomia, n. 15, p. 447-467, 2015. Disponível em: <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:126798> Acesso em 05 de fev. 2023.

SILVA, Teresa Santos da. **A subjetividade aparente dos operadores argumentativos na construção do texto jornalístico**. Working papers em Linguística, UFS, n. 1. jul./dez. 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/661/1628> Acesso em 3 de abr. 2022.

## ANEXOS

### Anexo 1

Crônica: A minha escola  
 Autora: Adriana Falcão

Escola Municipal Vereador Carlos Gregório Maranhão  
 Turma: 4ºC  
 Prova de Redação  
 Aluno: Reginelle Carla Gonçalves de Souza  
 Obs.: Fazer o rascunho a lápis e passar a limpo a caneta.  
 Boa sorte!

#### *A minha escola*

*A minha escola é muito bonita.*

*Ela tem paredes brancas, janelas amarelas, um telhado alaranjado e um portão de ferro bem grande na frente.*

*E uma árvore sem flores.*

*E um arame farpado.*

*E um muro todo pichado cheio de cacos de vidro.*

*Pra falar a verdade mesmo, a minha escola não é tão bonita assim.*

*É até meio feinha.*

*As paredes são brancas só da metade para cima. Da metade para baixo, são pretas de sujeira (dos chutes dos meninos). As janelas amarelas têm uns pedaços vermelhos, onde o amarelo descascou. O telhado está caindo. O portão está emperrado.*

*Na frente da quadra colocaram uma placa onde está escrito “Interditada” desde que aquela chuva forte derrubou a cobertura.*

*(“Interditada” quer dizer que o negócio continua ali, mas ninguém pode entrar.)*

*A cesta de basquete está torta há pelo menos dois anos e ninguém concerta.*

*O pátio é pequeno e apertado. (E calorento.)*

*O bebedouro está quebrado.*

*O corrimão da escada também.*

*A coordenadora falou que o problema é a falta de verba.*

*Verba é um dinheiro que não chega nunca ou então chega muito depois.*

*Hoje em dia quase ninguém tem verba pra nada, nem pra pagar o supermercado, por isso mesmo o presidente (ou algum amigo dele) inventou esse negócio de merenda escolar.*

*A merenda escolar tem duas vantagens:*

1- A pessoa come de graça.

2- A pessoa não precisa trazer merendeira.

*Quando eu tinha que trazer merendeira pra escola a minha vida era um inferno, porque eu achava muito triste aquele pãozinho embrulhado no guardanapo e a garrafinha de suco. Também porque a minha merendeira era sempre mais feia que as outras.*

*E também porque os meninos tinham mania de esconder a minha merendeira em algum lugar bem difícil só pra me ver chorando.*

*Se a escola tivesse mais verba (dizem), a merenda seria melhor e eles iam reformar o refeitório. Ia ser ótimo. As paredes do são de azulejos verdes e azulejos verdes me deixam nervosa. Parece que o nome disso é depressão. Outra coisa que me deixa nervosa é a pilha de pratinhos de plástico em cima do balcão. Dá muita pena.*

O banheiro das meninas tem escrito “Meninas”, mas os meninos raspam a letra “A” e então ficou “Menin s”. As portas das cabinezinhas são todas rabiscadas, mas eu não posso contar quem rabiscou.

Que mais?

Ah, a minha sala.

Até que esse ano eu tive sorte e peguei uma sala mais ou menos boa.

Pelo menos não bate sol a tarde inteira.

Os problemas principais da minha sala são os garotos e as garotas. Eles implicam comigo e elas não gostam de mim. Azar o deles. Pra falar a verdade mesmo, azar o meu que fico sempre sozinha no recreio, menos quando a Christine falta (lá onde ela mora alaga quando chove) eu vou pra debaixo da escada pra ninguém me ver.

A psicóloga amiga da mulher que trabalha com a minha mãe falou que eu sou uma pessoa “de difícil adaptação”.

Está na cara que ela não conhece as pessoas da minha escola, (Ou as pessoas em geral).

Que mais?

Ah! Os professores.

Tirando o professor de geografia que namora com todas as alunas do segundo grau, os outros são muito legais, mas são bem tristes.

Parece que o dissídio foi ruim ou algo assim.

Só sei que outro dia a professora de educação física estava dizendo que esse salário não dá nem pro ônibus. Vai ver que é por isso que ela sempre pega carona com o professor de geografia. Ou não. A minha tia acha que o ensino da minha escola é precário.

O meu pai acha que precário é não sei o quê educacional brasileiro, fora os políticos que não resolvem \*\*\* nenhuma.

A minha mãe acha que só Jesus salva e que ele vai salvar o não sei o quê educacional brasileiro.

Na minha opinião, eu acho o ensino menos precário do que a hora do recreio, principalmente quando os meninos me chamam de tamborete, magrela, perna fina, esqueleto de anão, etc.

Isso é a pior coisa da minha escola.

A melhor coisa da minha escola é o mapa-múndi.

Antes da moça da biblioteca ser despedida era bom porque a gente podia entrar lá sempre queria olhar o mundo no mapa. Agora a biblioteca está fechada e a diretora explicou que não pode contratar mais ninguém nas atuais condições por causa da folha de pagamento.

O homem do Jornal Nacional diz que é a crise.

Faz tempo.<sup>15</sup>

Fonte: FALCÃO, Adriana. Procura-se um amor: crônicas. 1. ed. Guarulhos, São Paulo: Salamandra, 2018. p. 20-23.

<sup>15</sup> Digitação e organização do texto seguindo a estrutura original.

## Anexo 2

### Uma estranha criatura

Aqui estamos nós de novo. Na certa você já entendeu que este breve curso de filosofia virá em pequenas doses. Aqui vão mais algumas considerações introdutórias.

Eu já disse que a capacidade de nos admirarmos com as coisas é a única coisa de que precisamos para nos tornarmos bons filósofos? Se não, então digo agora: A ÚNICA COISA DE QUE PRECISAMOS PARA NOS TORNARMOS BONS FILÓSOFOS É A CAPACIDADE DE NOS ADMIRARMOS COM AS COISAS.

Todo mundo sabe que os bebês possuem essa capacidade. Depois de alguns meses na barriga da mãe, eles são empurrados para uma realidade completamente diferente. Mas depois, quando crescem, parece que esta capacidade vai desaparecendo. Como se explica isto? Será que Sofia Amundsen é capaz de responder a esta pergunta?

Vamos ver: se um bebezinho pudesse falar, na certa ele diria alguma coisa sobre o novo e estranho mundo a que chegou. Pois apesar de a criança não saber falar, podemos ver como ela olha ao seu redor e quer tocar com curiosidade todos os objetos que vê.

Quando vêm as primeiras palavras, a criança para e diz “Au! Au!” toda vez que vê m cachorro. Podemos ver como ela fica agitada dentro do carrinho, movimentando os bracinhos dizendo “au, au, au!”. Para nós, que já deixamos para trás alguns anos de nossas vidas, o entusiasmo da criança pode parecer até um tanto exagerado. “Sim, sim, é um au-au”, dizemos nós, os “vividos”. “Mas agora fique quietinho.” Não ficamos muito entusiasmados, pois já vimos outros cachorros antes.

Esta cena insólita talvez se repita algumas centenas de vezes, até que a criança passe por um cachorro, ou por um elefante, ou por um hipopótamo sem ficar fora de si. Mas muito antes da criança aprender a falar corretamente – ou muito antes de ela aprender a pensar filosoficamente -, ela já se habituou com o mundo.

Uma pena, se você quer saber o que eu acho.

O que importa para mim, querida Sofia, é que você não esteja entre aqueles que consideram o mundo uma evidência. Para ter certeza disso, vamos fazer dois exercícios de raciocínio antes de começarmos com nosso curso propriamente dito.

Imagine que você está dando um passeio na floresta. De repente, no meio do caminho, você vê uma pequena nave espacial. Então um pequeno marciano sai da nave e olha para você lá de baixo...

O que você pensaria? Bem, isto não importa. Mas será que já passou pela sua cabeça que você pode ser uma marciana?

Naturalmente é muito pouco provável que você um dia tropece numa criatura de outro planeta. Não sabemos nem mesmo se há vida em outros planetas. Mas pode ser que você um dia tropece em si mesma. Pode ser que um belo dia você pare o que está fazendo e passe a se ver de uma forma completamente diferente. E pode ser que isto aconteça justamente durante um passeio na floresta.

Sou uma criatura estranha, você irá pensar. Sou uma animal misterioso...

Então vai ser como acordar de um sono de anos. Como o da Bela Adormecida. “Quem sou eu?”, você irá se perguntar. Você sabe que viaja pelo universo num planeta. Mas o que é o universo?

Você está me acompanhando, Sofia? Então vamos fazer mais um teste de raciocínio.

Certa manhã, mamãe, papai e o pequeno Thomas – a esta altura já com dois ou três anos – estão sentados na cozinha tomando o café. De repente, mamãe se levanta, vira-se para a pia e então... bem, então papai começa a flutuar sob o teto da cozinha.

O que você acha que Thomas diria? Talvez ele apontasse o dedo para seu pai e dissesse: “Papai voando!”.

Na certa Thomas ficaria espantado, mas ficar espantado não é novidade para ele. Afinal, o papai faz tantas coisas estranhas que, a seus olhos, um pequeno voo sobre a mesa do café da manhã não faz lá muita diferença. Todos os dias, por exemplo, seu pai faz a barba com um aparelhinho esquisito, às vezes sobe no telhado e vira a antena da TV, outras vezes enfia a cabeça no compartimento do motor do carro e sai com a cara toda preta lá de dentro.

Agora é a vez da mamãe. Ela ouviu o que Thomas disse e vira-se resoluto. Como você acha que ela reagiria à visão de seu marido voando sobre a mesa da cozinha?

Na mesma hora ela deixa cair o vidro de geleia e solta um grito de pavor. Talvez ela até precise de um médico, depois que papai voltar a sentar-se em sua cadeira. (Há muito tempo ele deveria ter aprendido a se comportar à mesa!)

Por que será que Thomas e mamãe reagem de forma tão diferente? O que você acha?

É uma questão de hábito. (Grave bem isso!) Mamãe aprendeu que as pessoas não podem voar. Thomas não. Ele ainda não tem muita certeza do que é possível neste mundo.

Mas e quanto ao mundo propriamente dito, Sofia? Você acha que ele é possível? O mundo também fica pairando livremente no espaço.

O triste de tudo isto é que, à medida que crescemos, nos acostumamos não apenas com a lei da gravidade. Acostumamo-nos, ao mesmo tempo, com o mundo em si.

Ao que tudo indica, ao longo da nossa infância nós perdemos a capacidade de nos admirarmos com as coisas do mundo. Mas com isso perdemos uma coisa essencial – algo de que os filósofos querem nos lembrar. Pois em algum lugar dentro de nós, alguma coisa nos diz que a vida é um grande enigma. E já experimentamos isto, muito antes de aprendermos a pensar.

Para ser mais preciso: embora as questões filosóficas digam respeito a todas as pessoas, nem todas se tornam filósofos. Por diferentes motivos, a maioria delas é tão absorvida pelo cotidiano que a admiração pela vida acaba sendo completamente reprimida. (elas se alojam bem no fundo do pelo do coelho, fazem um ninho bem confortável e ficam lá embaixo pelo resto de suas vidas.)

Para as crianças, o mundo – e tudo que há nele – é uma coisa nova; algo que desperta a admiração. Nem todos os adultos veem a coisa dessa forma. A maioria deles vivencia o mundo como uma coisa absolutamente normal.

E precisamente neste ponto é que os filósofos constituem uma louvável exceção. Um filósofo nunca é capaz de se habituar completamente com este mundo. Para ele ou para ela o mundo continua a ter algo de incompreensível, algo até de enigmático, de secreto. Os filósofos e as crianças têm, portanto, uma importante característica comum. Podemos dizer que um filósofo permanece a sua vida toda tão receptivo e sensível às coisas quanto um bebê.

E agora você precisa se decidir, querida Sofia: você é uma criança que ainda não se “acostumou” com o mundo? Ou você é uma filósofa capaz de jurar que isto nunca vai lhe acontecer?

Se você simplesmente balança a cabeça e não se sente nem como criança, nem como filósofa, a explicação para isto é que você já se acostumou tanto com o mundo que não consegue mais se surpreender com ele. Este caso, você corre perigo. E justamente por medida de segurança, para evitar que isto aconteça, é que você está recebendo este curso de filosofia. Eu não quero que justamente você passe a pertencer ao clube dos apáticos e indiferentes. Quero que você viva uma vida instigante.

Você receberá este curso inteiramente grátis. Sim, não haverá devolução de dinheiro, caso você desista de fazê-lo. Se você quiser interromper o curso em determinado momento, também não há problema. Você só precisa deixar uma mensagem para mim na caixa de correio. Esta mensagem pode ser, digamos, uma rã viva. De qualquer forma, tem de ser alguma coisa verde. Afinal, não vamos querer assustar o carteiro.



Vamos resumir: um coelho branco é tirado de dentro de uma cartola. E porque se trata de um coelho muito grande, este truque leva bilhões de anos para acontecer. Todas as crianças nascem bem na ponta dos finos pelos do coelho. Por isso elas conseguem se encantar com a impossibilidade do número de mágica a que assistem. Mas conforme vão envelhecendo, elas vão se arrastando cada vez mais para o interior da pelagem do coelho. E ficam por lá. Lá embaixo é tão confortável que elas não ousam mais subir até a ponta dos finos pelos, lá em cima. Só os filósofos têm ousadia para se lançar nesta jornada rumo aos limites da linguagem e da existência. Alguns deles não chegam a concluí-la, mas outros se agarram com força aos pelos do coelho e berram para as pessoas que estão lá embaixo, no conforto da pelagem, enchendo a barriga de comida e bebida:

- Senhoras e senhores – gritam eles -, estamos flutuando no espaço!

Mas nenhuma das pessoas lá de baixo se interessa pela gritaria dos filósofos.







- Deus do céu! Que caras mais barulhentos! – elas dizem.

E continuam a conversar: será que você poderia me passar a manteiga? Qual a cotação das ações hoje? Qual o preço do tomate? Você ouviu dizer que a Lady Di está grávida de novo?

**Fonte:** GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995. cap. 2, p. 27-31.

## ANEXO 3

## Exemplo de rubrica

Função comunicativa			
Sou capaz de ...			
Formular perguntas que questionem causa, motivo ...			
Buscar e selecionar informações pertinentes.			
Articular informações para responder e explicar consequências ...			
Gênero discursivo: Explicação (pergunta e resposta)			
Consigo ...			
Utilizar o método de investigação científica para produzir respostas.			
Refletir sobre a pertinência de fatos e informações na construção de uma explicação.			

**Legenda:**

Muito bem



Regular



Tenho que melhorar

Como posso utilizar este conhecimento na minha vida? Em quais situações?

---



---



---



---

Observações do professor:

---



---



---



---